Cl. de Moura

GUIA

DOS

MAÇONS ESCOCEZES,

OU

REGULADORES

DOS TRES GRÁOS SYMBOLICOS

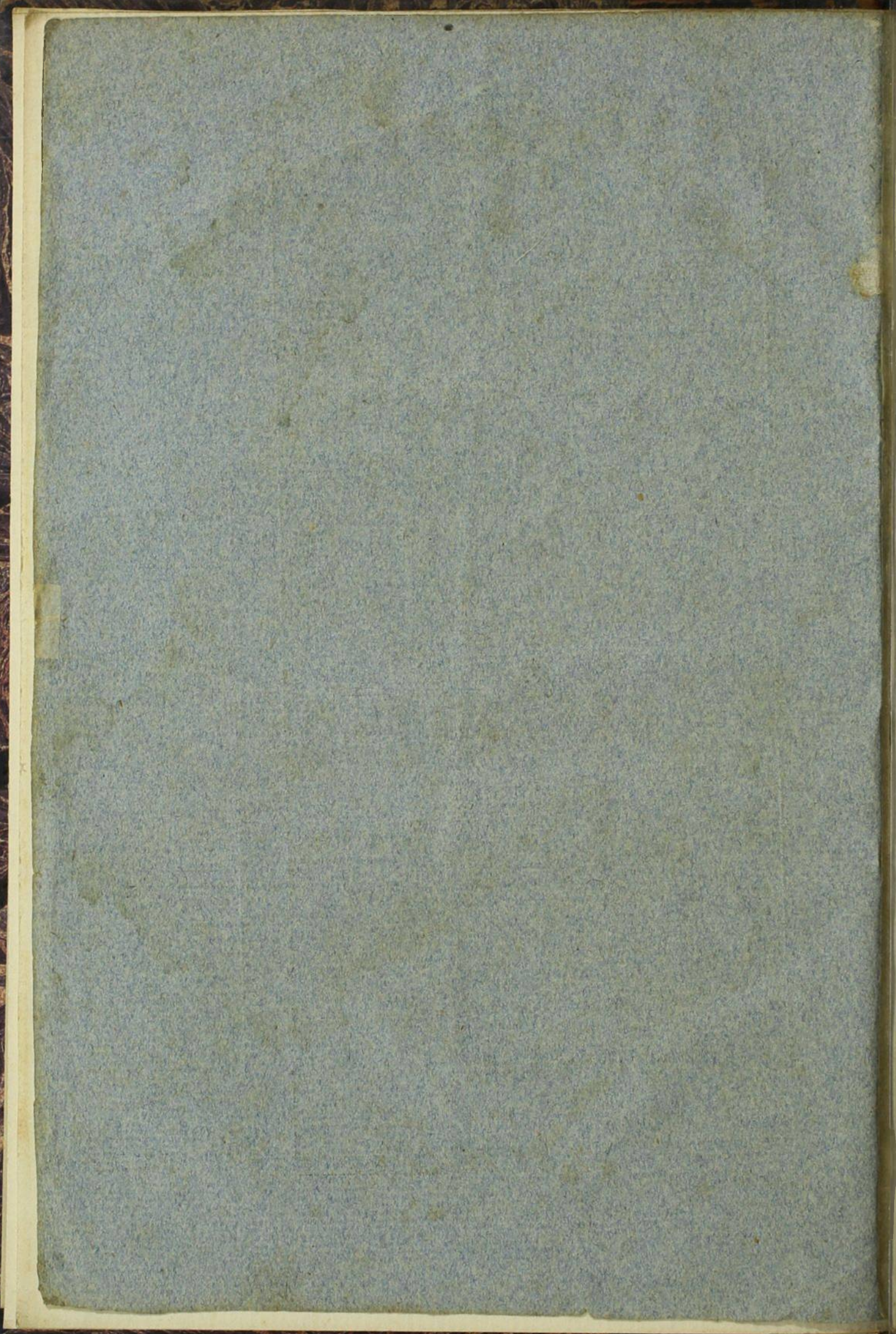
DO

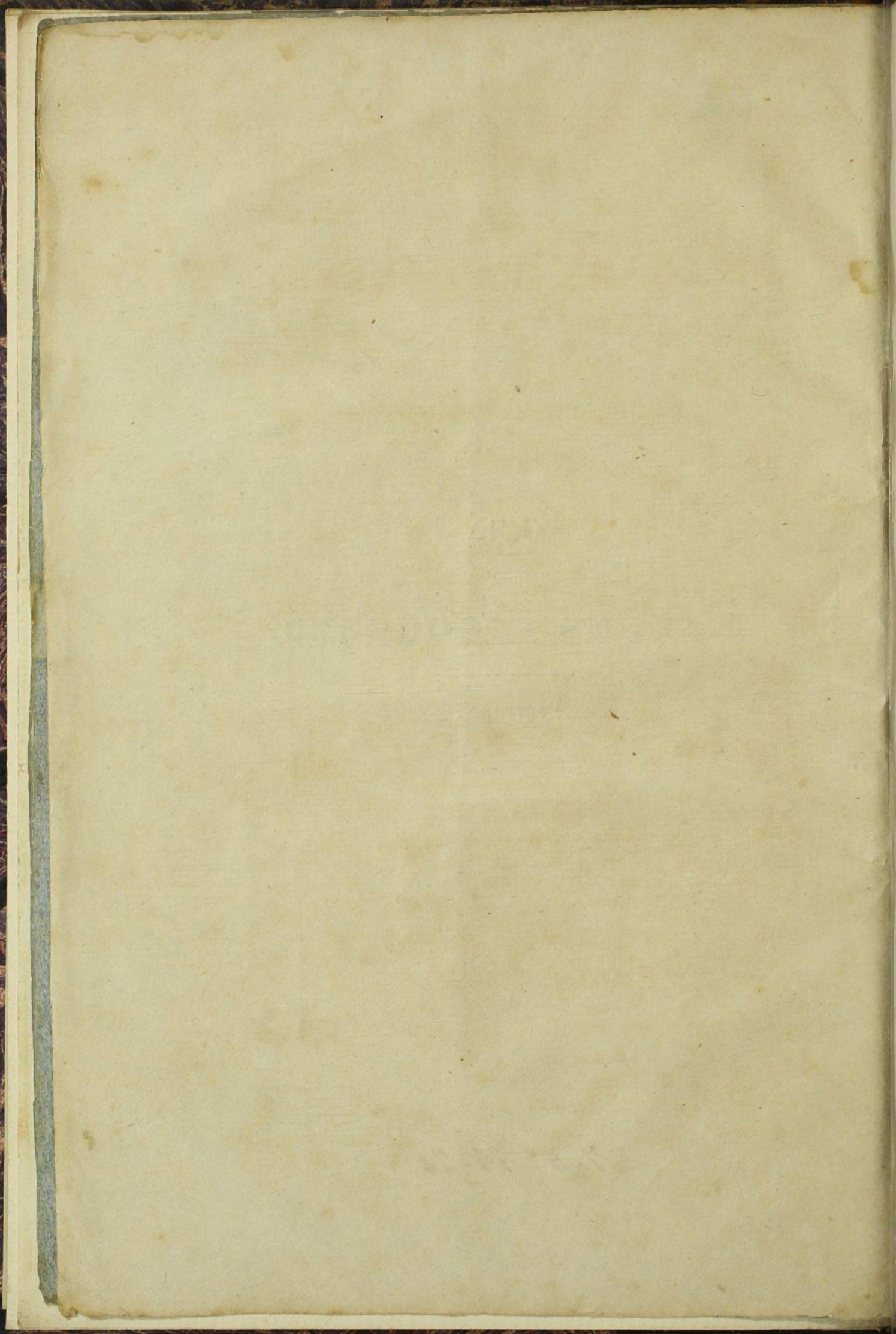
Rito antigo e aceito.

Rio de Janeiro.

1834.

GUIA

DOS

MAÇONS ESCOCEZES.

Venerável.

GUIA

DOS

MAÇONS ESCOCEZES,

OU

REGULADORES

DOS TRES GRÁOS SYMBOLICOS

DO

Rito antigo e aceito.

PRIMEIRA PARTE

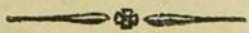
VENERAVEL.

RIO DE JANEIRO,

TYP. IMP. E CONST. DE SEIGNOT-PLANCHER E C.ª,

Rua d'Ouvidor, N. 95.

1834.

INTRODUCÇÃO.

Digam o que quizerem os diffamadores da Maç.·. Escoceza, que é mais evidente que por todos os Estados da Europa e da America, se acham geralmente espalhadas as LL.·. deste Rito, e que o de Heredon obtem uma preferencia decidida a respeito do Rito moderno; e se, como é de esperar, continuarem as Officinas Escocezas a distinguir-se pelo zelo de seus obreiros, e pelo realce que nunca tem deixado de dar a seus trabalhos, dentro em bem poucos annos virá a ser este Rito universalmente adoptado.

Varios MM.·. instruidos, trataram mutuamente de algumas pequenas differenças que haviam notado no decurso de suas viagens: e foi para de todo destruir semelhantes faltas, e conseguir mais completa uniformidade na maneira de conferir os Gr.·. Symbolicos, que elles se resolvêram a publicar a Guia dos MM.·. Escocezes.

Estabelecêram-se correspondencias em todos os idiomas, afim de que as LL.·. de todos os paizes possam servir-se destes Reguladores; e tem-se tomado todas as medidas para que depois de promptos,

só sejam confiados a MM.·. reconhecidos como dignos da mais alta estima e consideração, para que a Guia dos MM.·. Escocezes não venha a experimentar uma publicidade tão escandalosa como a que quotidianamente soffrem os Quadernos do Rito Francez, com o titulo do *Regulador do Maçon.*

GUIA

DOS MAÇONS ESCOCEZES.

Aprendiz.

ABERTURA DA LOJA.

O Ven.·. bate uma pancada de malhete, e diz:

Pergunta. Ir.·. 1.° Vig.·., qual é o primeiro dever de um Vig.·. em L.·.?

Resposta. Ver se o Templo está coberto.

P. Certificai-vos, meu Ir.·.

O Cobridor faz o seu dever, e dá conta do resultado ao 1.° Vig.·.

R. O Templo está coberto.

P. Qual é o segundo dever de um 1.° Vig.·. em L.·.?

R. Ver se todos os II.·. que a compõem são MM.·.

P. Verificai se o são.

R. Elles o são em ambas as columnas.

O Ven.·. bate uma pancada.

P. Ir.·. 2° Diacono, qual é o vosso lugar em L.·.?

R. A' direita do 1.° Vig.·., se elle o permittir.

P. Para que, meu Ir.·.?

R. Para transmittir as suas ordens ao 2.° Vig.·., e vigiar que os II.·. conservem nas columnas a devida decencia.

P. Aonde tem assento o 1.° Diacono?

R. Por detraz, ou á direita do Ven.·., se elle lho permittir.

P. Para que, Ir.·. 1.° Diacono?

R. Para transmittir as suas ordens ao Ir.·. 1.° Vig.·., e a todos os Dignitarios, afim de que os trabalhos se executem com mais promptidão.

P. Aonde tem assento o 2° Vig.·.?

R. No Meio dia.

P. Para que occupais esse lugar, Ir.·. 2.° Vig.·.?

R. Para melhor observar o Sol no seu meridiano, mandar os obreiros para o trabalho, e chama-los para a recreação, afim de que ao Ven.·. resulte honra, e gloria.

P. Aonde tem lugar o 1.° Vig.·.?

R. No Occidente.

P. Para que, Ir.·. 1.° Vig.·.?

R. Assim como o Sol se esconde no Occidente para terminar o dia, assim toma ali assento o 1.° Vig.·. para abrir, e fechar a L.·., pagar aos obreiros, e despedi-los contentes e satisfeitos.

P. Aonde é o lugar do Ven.·.?

R. No Oriente.

P. Para que, meu Ir.·.?

R. Assim como o Sol nasce no Oriente para principiar a sua carreira, e romper o dia, assim o Ven.·. ali tem assento para abrir a L.·., dirigi-la nos seus trabalhos, e illumina-la com as suas luzes.

P. A que horas começam os App.·. MM.·. a trabalhar?

R. Ao Meio-dia, Ven.·.blo

P. Que horas são, Ir.·. 2.° Vig.·.?

R. Meio-dia completo.

O Ven.·. bate trez pancadas de malhete, e voltando-se para o Ir.·. 1.° Diacono, ambos fazem o sinal guttural.

O Ven.·. dá ao ouvido do 1.° Diacono a palavra sagrada para abrir a L.·. d'Ap.·. Maç.·. do Rito Escocez.

O 1.° Diacono a transmitte ao 1.° Vig.·., que a envia pelo seu Diacono ao 2.° Vig.·., e este, depois de a ter recebido, bate uma pancada de malhete, e diz: *Ven.·., tudo está certo, e prefeito.*

O Ven.·. tira o chapeo, e diz:

Ven.·. — Em nome de Deus, e de S. João d'Escocia, está aberta a L.·. d'Ap.·. Desde agora a nenhum Ir.·. é permittido fallar, ou passar de uma columna para outra, sem obter permissão; e menos occupar-se de questões politicas, ou profanas, sob as penas que marcam os Estatutos Geraes da Ordem. = A mim, meus II.·.

Todos fazem o sinal guttural, e applaudem.

O Ven.·. diz:

Ven.·. — Tomai asseato, meus II.·. (e accrescenta):

Ir.·. Sec.·. tende a bondade de nos dar conhecimento da prancha d'Arch.·., resultado dos trabalhos da ultima sessão.

Bate, e diz:

Ven.·. — Attenção, meus II.·.

Acabada a leitura, o Ven.·. bate.

Os Vig.·. repetem.

Ven.·. — II.·. 1.° e 2.° Vig.·. annunciai aos operarios das vossas columnas que se algumas observações têem a fazer á prancha, cuja leitura acabam de ouvir, a palavra lhes é concedida.

Os dous Vig.·. batem uma pancada. O 1.° diz:

1.° Vig.·. — Venblo.·. reina silencio em ambas as columnas.

Depois das conclusões do Ir.·. Or.·., aprova-se a acta.

Ven.·. — Ir.·. M.·. de Cer.·. tende a bondade de dirigir-vos ao vestibulo do Templo, e de informar-vos se ali existem alguns II.·. visitantes.

O M.·. de Cer.·. obedece e vem dar conta do resultado entre columnas; deposita sobre o altar os diplomas dos II.·. visitantes, e volta a fazer companhia aos mesmos visitantes.

O Ven.·. envia o Ir.·. Grande Experto examinar os visitantes, e um outro Experto receber a sua assignatura, afim de confronta-la com as dos diplomas.

Ven.·. — Ir.·. Cobridor, annunciai ao M.·. de Cer.·., que elle póde apresentar os II.·. visitantes.

O Ir.·. M.·. de Cer.·. bate.

Os Vig.·. o annunciam.

Ven.·. — Franqueai-lhe a entrada do templo. Em pé e á ordem, meus II.·.

O Ir.·. M.·. de Cer.·. os colloca entre os Vig.·.

Ven.·. — Em pé, e á ordem.

O Ven.·. faz as perguntas seguintes:

P. Donde vindes? (Um dos visitantes responde)

R. Da L.·. de S. João d'Escocia, Venblo.·.

P. O que trazeis?

R. Alegria, saude e prosperidade a todos os meus II.·.

P. E nada mais trazeis?

R. O Ven.·. da minha L.·. vos sauda por tres vezes tres.

P. Que se faz na vossa L.·.?

R. Levantam-se templos á virtude, e cavam-se masmorras ao vicio.

P. Que vindes aqui fazer?

R. Vencer as minhas paixões, submetter as minhas vontades, e fazer novos progressos na Maçoneria.

P. Que desejaes meu Ir.·.?

R. Um lugar entre vós.

Ven.·. — Elle vos é concedido. — Ir.·. M .·. de Cer.·. conduzi esse Ir.·. ao lugar que lhe compete: (elle conduz).

Se o Ir.·. Visitante é Official de L.·. Mãe, e Deputado junto a ella, Grande Eleito d'Aboòada Sagrada, ou Sublime Principe do Real Segredo, deve ser recebido á porta do templo com cinco estrellas, malhetes batentes e ebobada d'aço; se é Ven.·. recebe-se com tres estrellas.

O Ven.·: comprimenta os visitantes e applaude a sua visita.

RECEPÇÃO·

Ven.·. — Ir.·. Experto ide informar-vos se algum profano se acha na Camara das reflexões.

Vai e volta com a respectiva informação.

O Ven.·. bate, e os Vig.·. repetem.

Ven.·. — Tendo os tres escrutinios sido favoraveis ao profano N........ a successão de nossos trabalhos fez chegar o turno da sua recepção; estaes dispostos a proseguir?

Todos os Il.·. extendem a mão.

Ven.·. — Ir.·. Experto, tomai penna, tinta e papel, e ide aonde está o profano. — Dizei-lhe que as experiencias por que vai passar são perigosissimas, e que prudente fora que elle fizesse seu testamento.

O Experto obedece e quando suppõe que o testamento estará concluido, vai busca-lo e o entrega ao Ven.·., que o passa ao O.·., para que faça a sua leitura em voz alta.

O Ven.·. pergunta depois ao Ir.·. Thesoureiro,

se está satisfeito: se responde que não, diz-lhe: Fazei o vosso dever.

O Thesoureiro vai aonde está o profano, exige a joia da sua recepção; volta á L.·., e diz: estou satisfeito.

Ven.·. — Ir.·. Experto, voltai para onde está o profano; preparai-o, e trazei-o á porta do templo ao Ir.·. M.·. de Cer.·.

O Ir.·. Experto vai-o tirar da camara de reflexões, venda-lhe os olhos, tira-lhe os metaes, despe-lhe a casaca e o colete, descobre-lhe o peito esquerdo, põem-lhe o joelho direito nú, e o sapato achinelado.

O M.·. de Cer.·. tendo recebido o candidato, bate uma pancada forte na porta do templo.

Os dous Vig.·. a repetem alternadamente, e o 1.º Vig.·. diz:

1.º Vig.·.—Ven^{blo}.·. Batem profanamente á porta do templo.

Ven.·. — Vede, meu Ir.·., quem seja o temerario, que se atreve a interromper os nossos augustos trabalhos.

O Ir.·. Cobridor assenta com cuidado a ponta da espada no peito do profano, mas de modo que sinta o ferro e se não fira, e diz com arrogancia:

Ir.·. Cob.·. — Quem tem o temerario arrojo de querer forçar a entrada deste templo?

M.·. de Cer.·. — Suspendei a vossa espada Ir.·. Cobridor, sou eu, que venho apresentar um profano a esta Aug.·. L.·.

Ven.·. — Armai-vos meus II.·., porque um profano se acha á porta do nosso templo. Ir.·. M.·. de Cer.·., que indiscrição é a vossa conduzindo aqui um profano!.. Que pretendeis? Que quereis?

M.·. de Cer.·. — Que elle seja admittido ao nosso seio.

E como póde elle conceber tal esperança?

M.·. de Cer.·. — Porque nasceu livre, e é de bons costumes.

Ven.·. — Pois que nasceu livre, e é de bons costumes, perguntai-lhe o seu nome, patria, idade, religião, qualidade civil, e residencia actual.

A porta deve estar meia aberta, o M.·. de Cer.·. e o candidato da banda de fóra, um Experto ou Cobridor da banda de dentro, para passar as respostas ao 2.° Vig.·., este ao 1.° Vig.·., e este ultimo ao Ven.·.

O Secretario as transcreve na acta.

Ven.·. — Fazei-o entrar.

Quando vai a entrar, o Ir.·. terrivel lhe assenta a ponta da espada sobre o peito, de modo que a faça sentir.

Ven.·. — Vedes alguma cousa? Sentistes alguma impressão.

Prof.·. — Nada vejo mas sinto a ponta de uma arma.

Ven.·. — A arma, cuja ponta sentistes, é o symbolo do remorso que ha de lacerar-vos, se fores traidor á sociedade a que desejais ter a felicidade de pertencer. O estado de cegueira em que vós achais, é o symbolo do mortal que não conhece a estrada da virtude que ides principiar a trilhar.

P. Que quereis vós, Senhor?

R. Ser recebido Maç.·.

P. E é esse desejo filho do vosso coração, sem nenhum constrangimento ou suggestões?

R. Sim, Senhor. (Sendo necessario, póde-se-lhe insinuar esta resposta).

Ven.·. — Reflecti bem, Senhor, no que pedis. Ides passar por experiencias horriveis, que exigem toda a firmeza de que póde ser susceptivel o coração mais decidido. Estais bem resolvido a soffre-las? Senti-vos com a preciza coragem para arrostar todos os perigos a que a vossa indiscrição por ventura vos vai expôr?

R. Sim, Senhor.

Ven.·. — Pois que assim é, eu lavo as mãos sobre o que vos acontecer. Ir.·. Terrivel arrojai esse profano para fóra do templo conduzi-o por esse caminho escabroso por onde passam os temerarios que profanam este augusto recinto.

Fazem lhe dar duas ou trez voltas no vestibulo. Abrem-se as portas sem fazer ruido; colloca-se o quadro em frente; aproxima-se o candidato que deve ficar junto ao quadro pintado, e executam-se as ordens do Ven.·.

Ven.·. — Precipitai esse profano na caverna.

Dous II.·. o empurram com força, e outros dous o seguram nos braços entrelaçados. Fecham-se as portas com estrepito, e guarda-se por algum tempo o maior silencio.

O Ir.·. Terrivel conduz o candidato entre as columnas, e põem-se a seu lado.

O Ven.·. bate uma pancada de malhete, e diz.

Ven.·. — Conduzi o recipiendario junto ao Ir.·. 2.° Vig.·., e fazei-o pôr de joelho.

Profano tomai parte na supplica que em vosso favor vamos dirigir ao Autor de todos os seres.

ORAÇÃO.

Humilhemo-nos, meus II.·., na presença do So-

berano Arbitro dos Mundos, reconheçamos o seu poder, e a nossa fraqueza. Contendo os nossos corações nos limites da equidade, e dirigindo os nossos passos pela estrada da virtude, elevemo-nos até o Senhor do Universo. Elle é um só, subsiste por si mesmo, e todos os entes lhe devem a existencia. Elle obra em tudo, e em tudo domina. Invisivel aos olhos dos mortaes, vê, e lê no fundo de todos os corações: é a este Ser que eu dirijo meus votos, e minhas preces.

Digna-te, ó Gr.·. Arch.·. do U.·., digna-te, eu te rogo, de proteger os obreiros de paz, que aqui vejo reunidos. Anima o seu zelo; fortifica a sua alma na luta das paixões inflamma os seus corações no amor das virtudes; guia-nos todos, assim como a este novo aspirante, que deseja participar de nossos Augustos Mysterios.

Presta a este Candidato a tua assistencia, e sustenta-o com o teu braço poderoso no meio das provas, por que vai passar. *Amen.*

P. Profano, em quem depositais a vossa confiança?

R. Em Deus.

Ven.·. — Pois que em Deus confiais, segui ousado a mão que vos dirige, e nada recieis.

O Experto o faz levantar, colloca-o entre as columnas, e guarda-se o mais profundo silencio.

O Ven.·. bate.

Os Vig.·. respondem.

Todos se assentam em silencio.

PERGUNTAS.

Ven.·. — Antes que esta Assembléa, de quem

apenas seu orgam, vos admitta ás experiencias, ella deve sondar o vosso coração, e interrogar-vos sobre os primeiros principios de moral.

P. Credes vós em um Ente Supremo?

R. (Responde affirmativamente.)

Ven.·. — Esta crença, que faz honra ao vosso coração, não é sómente a partilha do philosopho: ella é tambem a do selvagem. Desde que póde aperceber-se da sua existencia, reconhece que não existe por si mesmo; interroga á natureza quem é o seu autor, e o magestoso silencio dessa natureza o faz prostrar aos pés do Coordenador do Mundo, a quem consagra tosco, mas sincero culto.

P. Que entendeis por virtude?

R. (Deixa-se-lhe dar a resposta que quer.)

Ven.·. — E' uma disposição da alma, que a induz a fazer o bem.

P. Que entendeis por vicio?

R. (Deixa-se responder o Candidato.)

Ven.·. — E' o opposto da virtude..... E' o habito desgraçado, que nos arrasta para o mal, e é para impormos um freio salutar a esta impetuosa propensão para nos elevarmos acima dos vís interesses que atormentam o vulgo profano, e acalmar o ardor das paixões, que nos reunimos neste templo. Aqui trabalhamos incessantemente por costumar o nosso espirito a curvar-se só ás grandes afflicções, e a só conceber idéas solidas de gloria e de virtude; porque é só regulando os nossos costumes pelos principios eternos da moral, que poderemos dar á nossa alma esse equilibrio de força, e de sensibilidade que constitue a sabedoria, ou antes a sciencia da vida.

Mas este trabalho é penoso, e com tudo a elle

vos deveis sujeitar, se presistis no desejo de pertencer-nos.

Talvez vos achasseis possuido de idéas bem differentes, se só as idéas grosseiras, e erradas do vulgo ignorante, aqui vos trouxeram. Se trabalhar constantemente no vosso aperfeiçoamento moral vos parece empreza superior ás vossas forças, ainda vos podeis retirar.

P. Persistis ainda em ser recebido Maç.·.?

R. Sim, Senhor.

Ven.·. — Senhor, toda a sociedade tem leis particulares, e todo o associado deveres a cumprir; e como seja imprudente sujeitar-se a estes deveres sem os conhecer, resolveu esta assembléa, em sua sabedoria, patentear vos a natureza desses deveres.

O primeiro um silencio absoluto ácerca de tudo quanto vires, e descubrires entre nós, bem como de tudo quanto para o futuro chegueis a ouvir, ver, ou saber.

O segundo dos vossos deveres, e o que faz que a Maç.·. seja o mais sagrado dos bens, além de ser a mais nobre, e a mais respeitavel das Instituições, este dever, tão essencial á nossa Sociedade, é, como já vos disse, o de vencer as paixões ignobeis que deshonram o homem, e o tornam desgraçado, a pratica constante da beneficencia, soccorrer o seu Ir.·., prevenir as suas necessidades, minorar seu infortunio, assisti-lo com seus conselhos, e suas luzes... E o que n'um profano seria uma qualidade rara, não passa no M.·. do complemento de seus deveres. Cada occasião que elle perde de ser util é uma infidelidade, e cada um soccorro que recusa um perjurio, e se a terna, e consoladora amizade tambem tem culto em nossos tem-

plos, é menos por ser um sentimento, do que um dever, que ali se póde tornar em virtude.

O terceiro de vossos deveres, e a cujo cumprimento só ficareis ligado depois da vossa iniciação, é o de conformar-vos em tudo com os Estatutos Geraes da Ordem, e com as Leis particulares desta L.·., e de submetter-vos em tudo, e a tudo que vos fôr determinado, em Nome da respeitavel assembléa, a que desejais unir-vos.

Agora que conheceis os principaes deveres de um M.·., dizei-me, senti-vos com força, e persistis na inabalavel resolução de vos sugeitar á sua pratica?

R. Sim, Senhor.

Ven.·. — Antes de irmos mais longe, exigimos um juramento de honra, mas este juramento deve ser feito sobre a taça sagrada.

Se sois sincero, bebei sem temor; mas se a falsidade, e a dissimulação acompanham a vosso promessa, não jureis.... Affastai antes essa taça, e temei o prompto, e terrivel effeito dessa bebida.

P. Consentis no juramento?

R. Sim, Senhor.

Ven.·. — Fazei aproximar o aspirante ao altar.

O M.·. de Cer.·. o conduz aos degráos do altar.

Ven.·. — Ir.·. Sacrificador, apresentai a esse aspirante o vaso sagrado, tão fatal aos perjuros.

O Ir.·. Sacrificador apresenta-lhe um vaso com agoa, e observa quando o Ven.·. faz o sinal, para dar a bebida ao Neophyto. Deve estar munido de uma garrafa com licor amargo, que despeja no vaso, depois que o Recipiendario bebe parte da agoa.

Ven.·. — Repeti comigo o vosso juramento.

» Juro guardar o silencio mais profundo sobre

todas as provas a que fôr exposta a minha coragem. Se eu fôr prejuro, e trahir os meus deveres; se o espirito de curiosidade aqui me conduz (o Ven.·. faz o sinal para dar-se-lhe o vaso) consinto que a doçura desta bebida (mistura-se-lhe o licor amargo) se converta em amargura, e o seu effeito saudavel em subtil veneno. (Faz-se-lhe beber o que restava no vaso.)

O Ven.·. bate uma pancada forte, repetida pelos Vig.·., e diz:

Ven.·. — Que vejo, Senhor! alteram-se as vossas feições. A vossa consciencia desmentirá por ventura as vossas palavras? A doçura dessa bebida mudar-se-hia em amargura? — Retirai o profano.

Levam-o para entre columnas, e o fazem assentar.

Ven.·. — Senhor, se tendes o designio de enganar-nos, esse mal ainda tem remedio: podeis retirar-vos. Quero porém desvanecer a idéa, de que seja possivel, que vos torneis indigno da opinião que de vós formamos; mas não posso occultar-vos por mais tempo, que para entrar na nossa Sociedade, e para nos assegurarmos da realidade de vossa vocação, vos cumpre passar por terriveis provas.

Tendes sem duvida ouvido fallar no mundo profano do rigor dessas provas mas qualquer que seja; a idéa, que dellas tenhaes formado, é esta por certo inferior á realidade. Reflecti, Senhor, o momento se aproxima, e uma vez principiadas as experiencias, não podereis mais a ellas subtrahir-vos. Se vos não sentis com força para supporta-las, retirai-vos, ainda é tempo.

Responde que presiste.

O Ven.·. bate uma pancada de malhete, repetida pelos Vig.·. e diz com energia:

V.·. — Ir.·. Terrivel, apoderai-vos desse profano, e fazei-o assentar na cadeira das reflexões.

O Ir.·. Terrivel apodera-se do profano com violencia, obriga-o a fazer uma pirueta, e o assenta na cadeira das reflexões.

Ven.·. — Entregai-o á sua propria consciencia; que a obscuridade que lhe cobre os olhos, e o horror da solidão, sejam seus unicos companheiros.

Reina o maior silencio.

Logo depois, continua o Ven.·.

Ven.·. — Tendes bem reflectido, Senhor, nas consequencias da vossa pretenção? Eu vos advirto pela ultima vez, que com quanto as nossas provas sejam todas mysteriosas e emblematicas, nem por isso são menos terriveis, e nellas muitos hão succumbido. Decidi pois vós mesmo da vossa sorte. Quereis voltar ao mundo profano, ou presistis em entrar para a Maç.·.?

Responde: Persisto, Senhor.

O Ven.·. bate uma pancada de malhete, que os Vig.·. repetem, e diz:

Ven.·. — Ir.·. Terrivel, apoderai-vos desse profano, e fazei-o praticar a sua primeira viagem. Cuidai em que volte sem novidade.

O Ir.·. Terrivel o faz praticar a sua primeira viagem, e volta com elle entre columnas.

Nesta primeira viagem, o conductor bate tres pancadas no hombro do 2º Vi.·., que se levanta, e diz: *Quem vem lá?*

O Ir.·. Terrivel responde:

Ir.·. Terr.·. — E' um profano que quer ser recebido M.·.

2º Vig.·. — E como póde conceber tal esperança?

Ir.·. Terr.·. — Porque nasceu livre, e é de bons costumes.

2° Vig.·. — Pois que assim é, passe.

E' levado de novo entre columnas.

O 2° Vig.·. bate, e diz:

2° Vig.·. — Ir.·. 1° Vig.·. está feita a primeira viagem.

O 1° Vig.·. bate, e diz:

1° Vig.·. — Ven.·.blo está feita a primeira viagem.

Ven.·. — Que encontraste, Senhor, nesta primeira viagem?

O Recipiendario responde.

Ven.·. — Senhor as nossas provas são, como já vos disse, mysteriosas e emblematicas; que observações suscitaram ellas no vosso espirito? que reflexões moraes vos induziram a fazer? Em fim como se apresentaram á vossa imaginação?

Deixa-se responder o Neophyto, e depois lhe dá o Ven.·. a explicação seguinte:

Ven.·. — Esta primeira viagem é o emblema da vida humana, o tumulto das paixões, o choque de interesses oppostos a difficuldade das empresas, os obstaculos que a cada passo se oppoem aos nossos intentos. Tudo isto se symbolisa pelo ruido que ferio vossos ouvidos, e pela desigualdade do terreno que percorrestes.

P. Quereis expor-vos aos riscos de uma segunda viagem?

R. Sim, Senhor.

Ven.·. — Ir.·. Terr.·. fazei-o praticar a sua segunda viagem.

Repetem-se as ceremonias da primeira: param junto ao 1° Vig.·. e segue-se o mesmo que se praticou com o 2° Vig.·.

Os Vig.·. annunciam que a viagem está concluida.

Ven.·. — As muitas difficuldades que tendes vencido, são um feliz presagio do que devemos esperar nas provas porque ainda vos resta passar. As que acabam de praticar-se, nada são comparadas ás que tem de seguir-se. Deveis reconcentrar neste momento todas as forças da vossa alma, se por ventura não estão ainda esgotadas. Se contra minhas esperanças viesseis a succumbir nesta terrivel e perigosa viagem, lamentariamos a vossa sorte, chorariamos a vossa desgraça, e lastimariamos que tanto zelo, tanta constancia não fossem mais bem succedidos. Fazei-o praticar a terceira viagem.

Repetem-se as ceremonias das duas primeiras viagens. Param em frente do Ven.·., e fazem-se as mesmas perguntas e respostas.

Ven.·. — Quem vem lá?

Ir.·. Terr.·. — Um profano que quer ser recebido Maç.·.

Ven.·. — Como póde conceber tal esperança?

Ir.·. Terr.·. — Porque nasceu livre, e é de bons costumes.

Ven.·. — Pois que assim é, passe pelas chamas purificadoras, para que do profano nada fique.

Fazem praticar a terceira viagem rodeado de chamas; é conduzido de novo entre columnas, e annuncia-se como nas outras viagens.

Ven.·. — Terminaram felizmente as vossas viagens, e vossa coragem é digna dos maiores louvores; cuidai em que vos não desampare, porque ainda não sois chegado ao termo de vossos trabalhos: os que vos restam, se bem que de differente genero, nem por isso são menos difficeis.

A ordem a que desejais pertencer, talvez exigirá de vós a offerenda do vosso sangue. Se vos sentís com animo de o offerecer em holocausto, não deveis limitar-vos a promessas vãs. E' com o vosso proprio sangue, derramado hoje, que tem de ser escriptas vossas obrigações. Consentís nisso?

R. Sim, Senhor.

P. Em que parte do corpo quereis que se abra a veia?

R. (Responde o que lhe parece).

Ven.·. — Ir.·. Cirurgião fazei vosso dever; proporcionai comtudo a grandeza do sacrificio ás forças do paciente. A L.·. descança em vossa sabedoria.

Ajustam-se as ataduras, como se o fossem sangrar. Pica-se-lhe o braço com um palito, em quanto que um Ir.·. com uma cafeteira de bico bem fino, derrama agoa em fios delgados sobre o lugar da picada. Terminado isto:

Ven.·. — Cada passo que dais na carreira que emprehendestes, tem sido marcado por um triumpho; restam-vos ainda algumas difficuldades. Todo o profano que entra na Maç.·. faz abnegação de si mesmo, e fica pertencendo a uma ordem, disseminada por todas as partes do mundo. Mas para que a Maç.·. facilite ao M.·. o ser reconhecido em qualquer logar, a despeito da differença das linguas, ha, em todas as LL.·. de Un.·., um sello com caracteres hireroroglyphicos, sómente conhecido dos verdadeiros MM.·., o qual applicado em braza, imprime uma marca inextinguivel. Consentis que se vos imprima este cunho glorioso para poderes, mostrando-o, dizer: *Eu tambem sou M.·.!*

Apaga-se uma vela de cera, e applica-se-lhe no braço.

Ven.·. — E' chegado, Senhor, o momento de cumprirdes o segundo d vossos deveres. Nós temos nesta L.·. MM.·. desgraçados, viuvas e orphãos a quem assistimos diariamente. Dizeis ao ouvido do Ir.·. que vou dirigir-vos, a quantia que destinais para soccorro destes infelizes, porque deveis saber, que os actos de beneficencia dos MM.·. não devendo ser actos de ostentação e de vaidade, que sopram o orgulho de quem dá, e cobrem de vergonha quem recebe, devem ficar sepultados no mais profundo segredo. — Ir.·. Esmoler aproximai-vos do candidato, e informai-vos em voz baixa da sua intenção: depois vireis communicar-me em segredo.

(Se a offerta é generosa).

Ven.·. — Não esperava menos Senhor, da bondade do vosso coração. Esta Respeitavel L.·., de quem sou orgão, vos rende todo o seu reconhecimento. Contai tambem com a dos infelizes de quem acabais de melhorar a sorte.

(Se a offerta é modica).

Senhor, o real da viuva, dado na singeleza e verdade do coração, é tão grato aos olhos do Gr.·. Arch.·. do Univ.·., como a peça de ouro do homem rico. A vossa esmola foi recebida com o mais vivo reconhecimento.

Ides receber, Senhor, o premio que merecem vossa firmeza, e esses sentimentos de beneficencia tão gratos ao Gr.·. Arch.·. do Univ.·., que acabais de manifestar. — Ir.·. M.·. de Cer.·., entregai o profano ao Ir.·. 1.° Vig.·., para que elle o ensine a dar o primeiro passo no angulo do quadri-longo, e encaminhai-o ao altar dos juramentos para prestar a sua obrigação.

O Ven.·. bate, e diz:

Ven.·. — Em pé, e á ordem, meus II.·. O novo iniciado vai prestar o seu terrivel juramento. Repeti comigo a vossa solemne obrigação.

OBRIGAÇÃO.

„ Juro e prometto de minha livre vontade, na presença do Gr.·. Arch.·. do Univ.·., que é Deos, e desta Respeitavel Assembléa de MM.·., solemne e sinceramente de nunca revelar nenhum dos mysterios do Maç.·. que me vão ser confiados, senão a um bom e legitimo Ir.·., ou dentro de uma L.·. regularmente constituida, de nunca os escrever, gravar, bordar ou imprimir, nem de fazer qualquer outro acto que os possa divulgar, sob a pena de ser-me a lingua arrancada, o pescoço cortado, e enterrado nas arêas do mar, onde o fluxo e o refluxo me mergulhem n'um perpetuo esquecimento. — *Amen*.

O Recipiendario beija tres vezes a Biblia.

O Ir.·. M.·. de Cer.·. conduz outra vez o Candidato entre columnas, ou para a Camara dos passos perdidos.

Apagam-se todas as luzes sem ruido, e collocam-se á entrada do Oriente duas urnas com espirito de vinho, uma de cada lado.

Lançado por terra e com o rosto para o chão, deve estar um Ir.·. como se estivesse morto.

Todos os II.·. estarão em pé, armados d'espadas, com as pontas dirigidas para o Candidato.

O Ven.·. desce do throno, põe-se ao seu lado, e bate tres pancadas de malhete.

A' primeira pancada, o M.·. de Cer.·. desata o primeiro nó da venda.

A' segunda pancada, o segundo nó.

A' terceira, o terceiro e ultimo nó.

Ven.·.— Este clarão palido e lugubre é o emblema do fogo sombrio, que ha de allumiar a vingança que preparamos aos cobardes que perjuram. Estas espadas, contra vós dirigidas, estão nas mãos de inimigos irreconciliaveis, promptos a embainha-las no vosso peito, se tão infeliz fordes que violeis o vosso juramento. Em qualquer logar do mundo a que vos refugiardes, encontrareis perseguição e castigo; a toda a parte levareis a vergonha do vosso crime. O sinal de vossa reprovação vos precederia com a rapidez do relampago, e ahi acharieis MM.·. inimigos do perjurio, e a mais terrivel punição.

O Ir.·. M.·. de Cer.·. torna a vendar o Neophyto.

Faz-se sahir o Candidato, accendem-se todas as luzes com rapidez para que se torne bem sensivel o contraste.

Venda-se de novo o Candidato no vestibulo do templo; e quando o Ven.·. o ordena, todos os I.·. se armam d'espadas que dirigem para o Candidato, quando este entra, mas com a ponta abaixada.

Ven.·. — Ir.·. 1° Vig.·., sobre quem se apoia uma columna deste templo; agora que a coragem e perseverança deste aspirante o hão feito sahir victorioso do porfiado combate entre o homem profano e o homem M.·., dizei-me se o julgais digno de ser admittido entre nós.

1° Vig.·. — Sim, Ven.·.

Ven.·. — Que pedis em seu favor?

Vig.·. — Que se lhe dê a luz.

Ven.·. — (Bate, e diz) Dê-se-lhe a luz. (accrescenta:) *Sic transit gloria mundis*

Deixa-se-lhe cahir a venda aos pés.

Todos os II.·. devem ter as pontas das espadas dirigidas para os pés do Aspirante, e mostrar-lhe um semblante risonho e agradavel.

Ven.·. — *(com affabilidade)* Não mais vos assustem as espadas que vedes apontadas para vós..... Recebemos o vosso juramento, e o acreditamos sincero. — Raiou em fim para vós o dia d'amizade; de ora avante olhai-nos como II.·., como amigos que conquistastes, e que achareis sempre promptos a voar em vosso soccorro, e a servirem-se dessas espadas para defenderem a vossa vida, e a vossa honra.

O Ven.·. bate. Todos os II.·. largam as espadas, e ficam em pé, e á ordem.

Ven.·. — Ir.·. M.·. de Cer.·., conduzi o nosso novo amigo ao throno.

Quando alli chega, põe um juelho em terra: o Ven.·. lhe assenta a ponta da espada na cabeça e diz:

Ven.·. — A' gloria do Gr.·. Arch.·. do U.·., e sob os auspicios de S....... e em virtude dos poderes que me foram conferidos por esta Resp.·. L.·. eu vos recebo Ap.·. M.·. de Rito Escocez antigo e aceito, e Membro desta Resp.·. L.·.

O Ven.·. bate sobre a folha da espada tres pancadas iguaes. O Neophyto levanta-se, e o M.·. de Cer.·. o conduz á direita do Ven.·., que ao cingir-lhe o avental, lhe diz:

Ven.·. — Recebei este avental a que chamamos vestido; elle vos dá o direito de vos assentardes entre nós, e sempre que vos apresentardes em L.·. deveis apparecer com elle.

O Ven.·. toma as luvas de homem, e diz:

Ven.·. — Nunca mancheis a brilhante alvura des-

tas luvas, mettendo a vossa mão nas agoas enxarcadas do vicio; ellas são o symbolo de vossa admissão no alcaçar da virtude.

Toma depois as luvas de mulher, e diz:

Ven.·. — Estas são distinadas áquella que amais, porque a vossa escolha deve ter sido digna de vós. — Meu Ir.·., (assim vos chamaremos d'ora em diente) os MM.·. para se reconhecerem têem sinaes, palavras e toques.

O sinal é etc.

Este sinal vos recordará o juramento que destes, e a punição que vos aguarda no caso de perjurio.

O toque é este. . . .

A palavra sagrada é. . . .

Não ha palavra de passe.

Deveis dar a palavra sagrada ao Ir.·. Guarda do templo, sempre que nelle entrardes.

Meu Ir.·., a Maç.·. é conhecida em todo o Universo, ainda que dividida seja em dous ritos, *o antigo e o moderno*. Com tudo elles são a base um do outro, são principios geraes diversamente desenvolvidos. Nós trabalhamos pelo rito antigo Escocez, porque é a essencia pura da Maç.·. e o mesmo que nos legarão os primeiros fundadores da Ordem. Eis aqui agora as palavras, sinaes, e toques do rito moderno, etc.

O Ven.·. abraça tres vezes o Neophyto, e diz:

Ven.·. — Ir.·. M.·. de Cer.·., conduzi o Neophyto ao Ir.·. Grande Experto.

O Ven.·. bate uma pancada, e diz:

Ven.·. — Ir.·. Grande Experto, tende a bondade de receber do Neophyto as palavras, toques e sinaes.

O Ir.·. Experto faz o exame communica ao 2.°

Vig.·., este ao 1° Vig.·., e este finalmente ao Ven.·.

1.° Vig.·. — Ven.·.blo, as palavras, sinaes e toques estão certos.

O Ven.·. manda o Recipiendario vestir-se e que volte.

Voltando á L.·. o Ir.·. M.·. de Cer.·. lhe ensina a bater á porta como Ap.·. M.·. a marchar segundo a ordem, e o conduz á pedra bruta, aonde o faz trabalhar como Ap.·.

Ven.·. — Ir.·. M.·. de Cer.·., Conduzi esse Ir.·. entre columnas. (*Dirigindo-se ao Neophyto.*) Meu caro Ir.·., este dia é para vós um dia de favor e de gloria. Tomai logar no topo da columna do Meio dia; é a que occupam os que têem o vosso gráo. Fazei-vos digno de subir á perfeição Maç.·.: é a assiduidade em nossos trabalhos, é a pratica das virtudes Maç.·., cuja obrigação contrahistes, que vos aplanarão a estrada para subirdes ao complemento Maç.·., recebendo os favores que a L.·. não recusa aos que sabem fazer-se benemeritos della.

O Ven.·. bate; os Vig.·. repetem, e diz:

Ven.·. — Em pé, e á ordem, meus II.·. — II.·. 1° e 2° Vig.·., annunciai aos II.·. que ornam as vossas columnas, que eu vou proclamar o Neophyto Membro desta Respeitavel Officina.

Os Vig.·. repetem.

Ven.·. — Proclamo pela primeira vez o Ir.·. N. Ap.·. M.·. e Membro da Resp.·. L.·. N. Convido por isso a todos os II.·. a que o reconheçam por tal, e lhe prestem o soccorro e auxilio, que em quaesquer circumstancias possa precisar.

Os Vig.·. repetem o annuncio tres vezes. Depois, diz o Ven.·.:

Ven.·. — Felicitemo-nos, meus II.·., pela acqui-

sição que a L.·. acaba de fazer de um novo Ir.·., e de um novo amigo.

Faz os signaes e applausos do costume.

O Ir.·. M.·. de Cer.·., ou o mesmo Recipiendario, respondem pelos mesmos signaes.

Cobrem-se os applausos.

O Ven.·. convida o Ir.·. Or.·. a mimosear a L.·. com alguma peça d'Architetura, se para isso está preparado.

O Ven.·. informa-se, por intermedio dos Vig.·., se algum dos II.·. tem proposições a fazer a bem da Ordem em geral, ou daquella officina em particular.

Corre-se o sacco das proposições.

Corre-se o tronco da beneficencia.

O Orador deve assistir a ambos os exames.

O Ir.·. Secretario lê o esboço dos trabalhos.

Ven.·. — II.·. 1° e 2° Vig.·., annunciai nas vossas columnas, que se os II.·. tèem algumas observações a fazer sobre a prancha em que estão esboçados os nossos trabalhos, a palavra lhes é concedida.

Os Vig.·. annunciam.

Ven.·. — (Bate, e diz :) Em pé, e á ordem, meus II.·. Demos graças ao Gr.·. Arch.·. do Univ.·. pelos trabalhos deste dia.

ORAÇÃO.

Gr.·. Arch.·. do U.·., Fonte fecunda e immortal de luz, de felicidade e de virtudes, os obreiros deste templo, cedendo aos movimentos de seu coração, te rendem mil acções de graças, e a ti reconhecem ser devido o que elles fizeram de bem, de util e de glorioso neste dia solemne, em que viram augmen-

tar-se o numero de seus II.·. Continuai a proteger os seus trabalhos, e a dirigi-los cada vez mais á perfeição. Faze que a harmonia, a paz, e a concordia sejam a triplice argamassa com que se liguem as suas obras!

Amizade, beneficencia! paixão das almas nobres e sensiveis! delicias dos corações delicados e virtuosos, sustentai e ornai incessantemente este templo, no qual todos os nossos esforços se dirigiráõ a fixar-vos para sempre. E vós prudente discrição, modesta amenidade: sêde o constante apanagio dos II.·. desta Officina, para que quando entrarem no mundo civil se reconheça por seus discursos, pelas suas maneiras e acções, que elles são os verdadeiros filhos da Viuva. — *Amen.*

O Ven.·. bate uma pancada, e continua com as seguintes perguntas.

ENCERRAMENTO DA L.·.

P. Ir.·. 2° Diacono, qual é o vosso logar em L.·.?

R. A' direita do 1° Vig.·. se elle o permittir.

P. Para que, meu Ir.·.?

R. Para passar as suas ordens ao 2° Vig.·., e vigiar que os II.·. conservem nas columnas a devida decencia.

P. Onde se assenta o 1.° Diacono?

R. Por detraz ou á direita do Ven.·., se elle o permittir.

O Ven.·. dirigindo-se ao 1.° Diacono.

P. Para que, meu Ir.·.?

R. Para passar as suas ordens ao 2.° Vig.·., e a todos os Officiaes Dignatarios, a fim de que os trabalhos se executem com mais promptidão.

P. Qual é o lugar do 2.º Vig.·.?

R. No Meio-dia.

P. (*Dirigindo-se ao 2.º Vig.·.*) Para que, meu Ir.·.?

R. Para melhor observar o Sol no seu meridiano, mandar os obreiros do trabalho para a recreação, e chama-los de novo da recreação ao trabalho, a fim de que ao Ven.·. resulte honra e gloria.

P. Onde é o lugar do 1.º Vig.·.?

R. No Occidente.

P. Para que, meu Ir.·. 1.º Vig.·.?

R. Assim como a Sol se põe no Occidente para terminar o dia, assim o 1.º Vig.·. ahi se colloca para fechar a L.·., pagar aos operarios, e despedi-los contentes e satisfeitos.

P. Estão os operarios contentes meu Ir.·.?

R. Elles o affirmam em ambas as columnas.

P. Ir.·. 2.º Vig.·., que idade tendes como Ap.·. M.·.?

R. Tres annos, Ven.·.blo

P. Que horas são, meu Ir.·.?

R. Meia noite completa, Ven.·.blo

O Ven.·. dá ao ouvido do 1.º Diacano a palavra sagrada, para fechar a L.·. d'Ap.·. M.·. do Rito Escocez.

O 1.º Diacono a passa ao 1.º Vig.·., este a dá ao 2.º Diacono, que a leva ao 2.º Vig.·., e este ultimo diz:

2.º Vig.·. — Tudo está certo e perfeito.

O Ven.·. tira o chapeo e diz, depois de bater tres pancadas:

Ven.·. — Em nome de Deus e de S. João d'Escocia a L.·. d'Ap.·. M.·. do Rito Escocez antigo e aceito, está fechada. — A mim, meus II.·.

Todos fazem o sinal guttural, e a bateria de costume.

(*N. B.* Quando os trabalhos acabam cedo, o Ven.·. procede á instrucção seguinte antes de fechar a L.·.)

INSTRUCÇÃO.

P. Ir.·. 1.º Vig.·., ha alguma cousa entre vós e o Ven.·.?

R. Um culto.

P. Qual é?

R. E' segredo.

P. Que segredo é esse?

R. A Maçoneria.

P. Sois vós M.·.?

R. Meus II.·. e companheiros por tal me reconhecem.

P. Que homem deve ser M.·.?

R. O que tiver nascido livre.

P. Como vos preparastes para ser recebido M.·.?

R. Principiando pelo coração.

P. Aonde fostes levado depois?

R. A uma Camara contigua á L.·.

P. Como estaveis preparado?

R. Nem estava nú nem vestido; tiraram-me todos os metaes, e com uma corda ao pescoço fui conduzido á porta do templo pela mão de um amigo, que depois reconheci por meu Ir.·.

P. Como soubestes que estavas á porta de L.·. se tinheis os olhos vendado?

R. Porque alli me fizeram parar, e fui depois admittido.

P. Como fostes admittido?

R. Por uma grande pancada.

P. Que vos disseram?

R. Quem vem lá? Ao que respondi: Um que quer ser admittido nesta Resp.·. L.·. dedicada a S. João d'Escocia.

P. Como podestes conceber essa esperança?

R. Porque nasci livre, e sou de bons costumes.

P. Que vos disseram então?

R. Que declarasse o meu nome, sobre-nome, idade, qualidade civil, religião e patria.

P. Que vos mandaram fazer depois disso?

R. Mandaram-me entrar.

P. Como entrastes?

R. Tendo a ponta de uma espada, ou de uma outra arma, assentada no peito.

P. Que vos perguntaram?

R. Se sentia ou via alguma cousa.

P. Que respondestes?

R. Que sentia, mas que nada via.

P. Por quem fostes recebido depois da vossa entrada?

R. Pelo segundo Vig.·.

P. Que vos fez elle?

R. Entregou-me ao Ir.·. Experto, que me mandou pôr de joelhos e tomar parte na oração que o Ven.·. recitou.

P. Que vos perguntaram depois dessa oração.

R. Em quem punha a minha confiança.

P. Que respondestes?

R. Em Deus.

P. Que vos fizeram depois?

R. Pegaram-me pela mão direita, fizeram-me levantar, disseram-me que nada receasse e que sem temor seguisse a mão que me guiava,

P. Onde vos introduzio esse guia?

R. Fez-me praticar trez viagens.

P. Onde encontrastes o primeiro obstaculo?

R. No Meio-dia, por detraz da columna do 2.° Vig.·., onde bati pacificamente trez pancadas.

P. Que resposta vos deu?

R. Perguntou-me: Quem vem lá?

P. Que respondestes?

R. O mesmo que havia respondido á porta. Um que quer ser recebido M.·.

P. Onde encontrastes o segundo obstaculo?

R. Por detraz do 1.° Vig.·. no Occidente, onde bati trez pancadas, e dei depois as mesmas respostas ás suas perguntas.

P. Onde encontrastes o terceiro obstaculo?

R. Por detraz do Ven.·. onde bati da mesma maneira, e dei as mesmas respostas.

P. O que ordenou de vós o Ven.·.?

R. Mandou-me conduzir ao 1.° Vig.·. no Occidente, para ser instruido.

P. Que instrucção vos deram?

R. Ensinou-me a dar o primeiro passo no angulo de um quadrilongo, a fim de que pode-se chegar ao altar, para ali prestar a minha obrigação.

P. Onde a prestastes?

R. No altar dos juramentos, com o joelho esquerdo e o pé direito nús; o corpo formando uma esquadria; a mão direita sobre a Biblia, o compasso, e a esquadria; a mão esquerda segurando o compasso apoiado no peito esquerdo, e ali prestei o juramento solemne dos MM.·.

P. Depois que prestastes essa obrigação, que vos disseram?

R. Perguntaram-me que mais queria.

P. Que respondestes?

R. A luz.

P. Quem vos deu a luz?

R. O Ven.·. e todos os II.·.

P. Quando recebestes a luz, que é que ferio a vossa vista?

R. A Biblia, a esquadria, e o compasso.

P. Que vos disseram significar essas cousas?

R. Trez grandes luzes da Maçoneria.

P. Explicai-mas.

R. A Biblia regula e governa a nossa lei; a esquadria as nossas acções, e o compasso nos ensina a regular os movimentos do nosso coração, e a sermos justos para com todos os homens, e principalmente com os nossos II.·.

P. Que vos mostraram depois?

R. Trez sublimes luzes da Maç.·., o sol, a lua e o Ven.·. da L.·.

P. Que vos fizeram depois?

R. O Ven.·. me tomou pela mão direita, deu-me o toque e a palavra, e me disse: Levantai-vos, meu Ir.·.

P. Quantos compõem uma L.·.?

R. Trez — cinco — sete

P. Porque é que trez compõem uma L.·.?

R. Porque houveram trez Gr.·. MM.·. empregados na construcção do Templo de Salomão.

P. Porque cinco?

R. Porque todo o homem é dotado de cinco sentidos.

P. Quaes são os cinco sentidos?

R. O ouvido, o olfato, a vista, o paladar e o tacto.

P. Para que servem na Maç.·.?

R. Trez delles para muito.

P. Explicai-me o seu uso.

R. A vista, para ver os sinaes; o tacto para sentir o toque, e reconhecer o Ir.·. tanto nas trevas como na luz, e o ouvido para ouvir a palavra.

P. Porque é que sete compõem uma L.·.?

R. Porque ha sete sciencias liberaes.

P. Dizei-me quaes são.

R. A Grammatica, a Rhetorica, a Logica, a Arithmetica, a Geometria, a Musica e a Astronomia.

P. De que utilidade são essas sciencias na Maç.·.?

R. A Grammatica nos encina a escrever e a fallar.

P. O que nos ensina a Rhetorica?

R. A arte de fallar e de discorrer sobre quaesquer objectos.

P. O que nos encina a Arithmetica?

R. O valor dos numeros.

P. O que nos ensina a Geometria?

R. A arte de medir a terra como faziam os Egypcios, para na mesma quantidade a recuperarem depois das inundações do Nilo que frequentemente alaga o paiz. Durante este periodo retiravão-se elles para as montanhas, e como na sua volta se podião facilmente originar disputas a respeito da exacta porção de cada um, inventaram elles a Geometria, por meio da qual recobravam a sua justa quantidade de terreno. Esta mesma regra tem sido conservada e praticada por todas as Nações.

P. O que nos ensina a Musica?

R. A virtude dos sons.

P. O que nos ensina a Astronomia?

R. A conhecer os corpos celestes.

P. Que forma tem a vossa L.·.?
R. Um quadrilongo.
P. De que largura é?
R. Do Oriente ao Occidente.
P. Que comprimento?
R. Do Meio-dia ao Septentrião.
P. Que altura?
R. Da Terra aos Ceos.
P. Que profundidade?
R. Da superficie da terra ao centro.
P. Porque?
R. Porque o Maç.·. é universal.
P. Por que razão está a vossa L.·. situada do Oriente ao Occidente?
R. Porque assim o estão todas as LL.·.
P. E porque?
R. Porque principiou o Evangelho a ser pregado no Oriente, e se extendeu depois ao Occidente.
P. Quem sustenta a vossa L.·.?
R. Tres grandes pilares.
P. Como se chamam?
R. Sabedoria, Força e Belleza.
P. O que representa o pilar da Sabedoria?
R. O Ven.·. no Oriente.
P. O que representa o pilar da Força?
R. O 1.° Vig.·. no Occidente.
P. O que representa o pilar da Belleza?
R. O 2.° Vig. no Meio-dia.
P. Porque representa o Ven.·. o pilar da Sabedoria?
R. Porque dirige os operarios, e mantem a ordem.
P. Porque representa o 1.° Vig.·. o pilar da Força?

R. Porque o Sol termina a sua carreira no Occidente, assim como o 1.º Vig.·. ali toma assento para pagar aos obreiros, cujos salarios são a força e a manutenção da sua existencia.

P. Porque representa o 2.º Víg.·. a Belleza?

R. Porque se assenta ao Sul, que é o centro da belleza, para fazer repousar os obreiros e chamalos de novo da recreação ao trabalho, a fim de que ao Ven.·. resulte honra e gloria.

P. Porque dizemos nós que a L.·. é sustentada por tres grandes pilares?

R. Porque a Sabedoria, a Força e a Belleza são o complemento de tudo, e porque sem isto nada é duravel.

P. Porque?

R. Porque a Sabedoria inventa, a Força sustenta, e a Belleza adorna.

P. Está coberta a vossa L.·.?

R. Sim, por uma abobada celeste de variegadas nuvens.

P. Donde soprão os ventos para os MM.·.

R. Do Oriente para o Occidente.

LOJA DE MESA,

OU

DE BANQUETE.

DISPOSIÇÃO DA LOJA.

A Sala do Banquete deve estar collocada de maneira, que de fóra nada se possa ver ou ouvir. A Mesa, sendo possivel deve ser em forma de ferradura de cavallo. O lugar do Ven.·. é no topo, e o dos Vig.·. nas extremidades.

O Ir.·. Orador colloca-se no topo da columna do Meio-dia, e o Ir.·. Secretario no da columna occidental; o Oriente é occupado pelos II.·. Visitantes, e quando os não ha pelos Officiaes da L.·.

Excepto os cinco Officiaes que acabamos de designar, ninguem tem lugar marcado, salvo no caso de haverem visitantes revestidos de gráos superiores que occupem o Oriente, porque então collocam se os outros visitantes no topo das columnas.

O pão, chama-se *pedra bruta*; o vinho, *polvora forte [branca ou tinta]*; as garrafas, *barricas*; os copos, *canhões*; a agoa *polvora fraca*; os licores, *polvora fulminante*; as luzes, *estrellas*; os guardanapos, *bandeiras*; os pratos, *telhas*; as travessas, *bandejas*; as colheres, *trolhas*; os garfos, *picaretes*; as facas, *espadas*; o sal, *area*; a pimenta, *area amarella*; as iguarias, *materiaes*; e os espevitadores, *tenazes*.

Depois de todos tomarem assento, fica ao arbitrio do Ven.·. o propôr a primeira saude antes de principiar-se a comer, depois de acabada a sopa, ou quando o julgar a proposito.

Quando quer propôr a primeira saude, bate uma pancada de malhete; os II.·. Serventes retiram-se de dentro da ferradura vão collocar-se no Occidente, e o mesmo se pratica em todas as saudes. Todos deixam de comer. O Ir.·. M.·. de Cer.·. é de ordinario o unico que fica dentro da ferradura, e defronte do Ven.·. para estar mais ao alcance de receber as suas ordens e faze-las executar: algumas vezes colloca se em uma mesa pequena entre os dous Vig.·.: levanta-se o Ir.·. M.·. de Cer.·. e o Ven.·. diz:

Ven.·. — II.·. 1.° e 2.° Vig.·., assegurai-vos se os nossos trabalhos estão bem cubertos.

Os Vig.·. asseguram-se da qualidade da Maç.·. de todos os individuos que se acham nas columnas, lançando-lhes os olhos e reconhecendo-os por MM.·

O 2° Vig.·. diz ao Ir.·. 1° Vig.·.:

2.° Vig.·. — Responde pelos da minha columna.

O 1° Vig.·. diz:

1.° Vig.·. — Ven.·., o Ir.·. 2.° Vig.·. e eu já nos assegurámos dos II.·. que se acham nas nossas columnas-

O Ven.·. diz:

Ven.·. — Tambem eu respondo pelos que estão no Oriente. Ir.·. Cobridor, fazei o vosso dever.

Durante este tempo poem os II.·. as suas insignias, mas dispensa-se o avental. O Ir.·. Cobridor fecha a porta e tira a chave, e desde então ninguem mais entra, nem sahe. O 2° Vig.·. annuncia ao 1° que os trabalhos estão cubertos, este repete o

annuncio em voz alta ao Ven.·., que bate uma pancada de malhete, e diz:

Ven.·. — Meus II.·., os trabalhos que haviam sido suspensos retomam novo vigor.

(*N. B.* Se antes de passar ao Banquete se tinham fechado os trabalhos, torna-se de mister abri-los de novo.)

Os II.·. 1° e 2° Vig.·. repetem o annuncio depois do que diz o Ven.·.: *A' ordem, meus Ir.·.*

PRIMEIRA SAUDE.

Ven.·. — II.·. 1° e 2° Vig.·., convidai a todos os II.·. em ambas as columnas a carregar e alinhar, para a primeira saude de obrigação.

Os II.·. Vig.·. repetem o annuncio.

Ven.·. — Carreguemos e alinhemos, meus II.·.

(*N. B.* E' só neste momento que se deve pegar nas barricas, para evitar confusão.)

Todos deitam vinho nos copos. Se alguem por vontade ou necessidade beber agoa, nada deve constrange-lo a alterar o seu costume.

A' maneira que se vai deitando o vinho, colloca-se o canhão [*o copo*] em distancia da beira da mesa, do diametro, pouco mais ou menos, da telha; e por este meio se alinham os canhões em um instante.

Alinham-se tambem as barricas, e as estrellas em uma segunda linha.

Quando tudo está alinhado na columna do Meio dia, o 2° Vig.·. dá parte ao 1°, que diz ao Ven.·.

1° Vig.·. — Tudo se acha alinhado em ambas as columnas.

Ven.·. — O Oriente o está tambem. — Em pé, e á ordem.

Levantam-se ; a bandeira tem-se no antebraço : os II.·. revestidos de altos gráos a poem ao hombro, e assim se está á ordem.

(Se a mesa é em forma de ferradura de cavallo, os II.·. que se acham no interior conservam-se assentados.

Ven.·. — II.·. 1° e 2° Vig.·. tende a bondade de annunciar sobre as vossas columnas, que a primeira saude de obrigação é a de Sua Magestade e a de Sua Augusta Familia, acompanhada dos votos que fazemos pela prosperidade de suas armas. E' para uma saude que tanto prezamos que eu vos convido a fazer o melhor fogo possivel.

Os II.·. 1° e 2° Vig.·. repetem o annuncio.

Feito o annuncio, diz o Ven.·. :

Ven.·. — Attenção, meus II.·. !

Mão direita á espada !

Espada á frente !

Apresentar espada !

Espada na mão esquerda

Mão direita ás armas !

Armas á frente !

A' face !

Fogo !

Bom fogo !

O mais vivo de todos os fogos !

Armas á frente !

Um, dous, tres !

Um, dous, tres !

Um, dous, tres !

A' frente !

Um, dous, tres !

Mão direita á espada !

Espada á frente !

Apresentar espada!

Descançar espada!

Applaude-se depois pela triplice bateria e triplice *houzzé*.

Depois do que diz o Ven.·.:

Ven.·. — Sentemo-nos, meus II.·.

Os Vig.·. repetem o annuncio.

Em quanto os trabalhos estão em vigor, é permittido comer, guardando sempre o maior silencio.

SEGUNDA SAUDE.

Muitas vezes, e é o que mais convém para commodidade de todos, e para não interromper o serviço, o Ven.·. propoem logo a segunda saude apenas se conclue a primeira.

Se elle não julgar conveniente propo-la logo, será bom suspender os trabalhos.

Se o Ven.·. suspendeu os trabalhos antes de propôr a segunda saude, deve faze-los tomar novo vigor; mas se o não fez, propoem a saude logo, e diz:

Ven.·. — II.·. 1° e 2° Vig.·., tende a bondade de convidar os II.·. sobre as vossas columnas a carregar e alinhar para a segunda saude de obrigação.

Os II.·. Vig.·. repetem o annuncio.

Ven.·. — Carreguemos e alinhemos, meus II.·.

Os Vig.·., quando tudo está prompto, fazem o competente annuncio.

Ven.·. — II.·. 1° e 2° Vig.·., a segunda saude de obrigação, que tenho a honra de propôr-vos, é a de N.......

(Esta saude é a da primeira Authoridade Maç.·. do circulo.)

Juntar-lhe-hemos os votos que fazemos pela prosperidade da Ordem em geral. Convidai os II.·. de ambas columnas a que se unam a mim para fazer o mais fraternal e o melhor fogo Maç.·.

Os Vig.·. repetem o annuncio.

Faz-se a saude, e applaude-se como na primeira.

Se propuzerem as saudes de alguns.·. presentes, como Ven.·. de L.·., Deputados etc., não devem estes II.·. acompanhar a saude, ou estejam assentados, ou de pé. Acabado o applauso, pedem licença para agradecer a todos, tomando um delles a palavra. Em quanto dura este agradecimento, todos os II.·. se conservam em pé.

Quando depois de bebida esta saude, elles terminam os applausos, a L.·. os cobre á voz de Ven.·.

Acabando tudo, bate o Ven.·. uma pancada de malhete, e diz:

Ven.·. — Meus II.·. assentemo-nos.

Então póde suspender os trabalhos, ou deixa-los em vigor.

TERCEIRA SAUDE.

Quando os Vig.·. o julgam conveniente, e sobre tudo quando não ha pratos a mudar, o 1° Vig.·. bate uma pancada de malhete, que repete o 2° e depois o Ven.·. — Logo o Ven.·. diz:

Ven.·. — Que quereis, Ir.·. 1° Vig.·.?

Se os trabalhos estavam suspensos, o 1° Vig.·. pede ao Ven.·. que os faça tomar novo vigor, o que elle faz nos seguintes termos:

Ven.·. — Meus II.·., a instancias do Ir.·. 1° Vig.·. os trabalhos que tinham sido suspensos, retomam novo vigor.

Os Vig.·. repetem o annuncio.

Bate o 1° Vig.·. uma pancada de malhete, que é repetida pelo 2° e depois pelo Ven.·., e diz:

1° Vig.·. — Ven.·.blo, tende a bondade de fazer alinhar e carregar para uma saude, que Ir.·. 2° Vig.·., o Ir.·. Orador, e eu teremos a honra de propôr.

O Ven.·. faz carregar e alinhar, como nas precedentes saudes. Quando o previnem de que tudo está prompto, diz:

Ven.·. — Ir.·. 1° Vig.·., aununciai a saude que tendes a propôr.

1° Vig.·. — E' á vossa, Ven.·.blo Em pé, e á ordem, a espada na mão, meus II.·. A saude que o Ir.·. 2° Vig.·., e Ir.·. Orador, e eu temos a honra de propôr é a do Ven.·.blo que dirige os trabalhos desta Resp.·. L.·. e á de tudo que lhe pertence; tende a bondade de vos unir a nós para fazer o melhor fogo possivel.

O 2° Vig.·. repete, e diz:

2° Vig.·. — A saude que o Ir.·. 1° Vig.·. o Ir.·. Orador, e eu temos a honra de propôr, etc.

O Orador repete o mesmo annuncio.

O Ir.·. 1.° Vig.·. diz: *A mim meus II.·.* e dá a voz do commando, ou a cede ao 2.° Vig.·. se lhe apraz: applaude-se exclamando-se ao mesmo tempo [*houzze.*]

Durante a saude o Ven.·. conserva-se assentado; todos os II.·. ficam em pé, e á ordem.

Depois que o Ven.·. agradece, diz o 1.° Vig.·.:

1.° Vig.·. — Não cobriremos estes applausos em attenção ao Ven.·.

Assentam-se todos.

O Ven.·. suspende os trabalhos quando o julga a proposito, ou os deixa em vigor.

QUARTA SAUDE.

Passado algum tempo, tomam os trabalhos novo vigor, se acaso foram suspensos e o Ven.·. faz carregar e alinhar para uma saude.

Quando tudo está prompto, o Ven.·. propoem a saude dos II.·. 1.° e 2.° Vig.·. o Ir.·. Orador e o Ir.·. Sacretario repetem o annuncio.

O Ven.·. dá a voz nesta saude: todos os II.·. se conservam assentados, e só os Vig.·. se levantam e agradecem.

O Ir.·. I.° Vig.·. toma a palavra.

O Ven.·. faz cubrir os applausos.

QUINTA SAUDE.

O Ven.·. propõe depois a saude dos II.·. Visitantes. Estes se poem de pé, e um delles agradece.

O Ven.·. faz cobrir os applausos,

Une-se a esta quinta saude, a das LL.·. filiadas ou correspondentes; mas se nem existem Visitantes nem LL.·. correspondentes, então separa-se da sexta saude, a dos Officiaes da L.·. O Orador pede a palavra para agradecer.

[*N. B.* Se depois da saude dos Visitantes, alguns II.·. quizessem cantar, ou recitar alguma peça de Architectura, o poderão fazer, pedindo a palavra. Seria mesmo para desejar que se cantassem algumas dessas canções moraes que existem sobre a Maç.·., e que cantadas com coros causam na alma uma doce emoção, ao passo que celebram os prazeres e as vantagens da união Maç.·.)

SEXTA SAUDE.

A saude dos Officiaes e Membros da L.·., e dos novamente iniciados, se os ha. Esta saude só é correspondida pelo Ven.·., Vig.·. e II.·. Visitantes, se os ha: os Officiaes e os Membros da L.·. poem-se de pé. O Ir.·. Orador agradece pelos Officiaes; o Membro mais antigo, pelos Membros, e um dos iniciados, se os ha, pelos outros.

Cobrem-se os seus applausos.

SETIMA E ULTIMA SAUDE

Em fim o Ven.·. roga ao Ir.·. M.·. de Cer.·. introduza os II.·. Serventes, que devem trazer comsigo as suas bandeiras e canhões.

Entrados e collocados no Occidente entre os dous Vig.·., bate o Ven.·. uma pancada de malhete, e convida a carregar e alinhar para a ultima saude de obrigação.

Os II.·. Vig.·. batem cada um uma pancada de malhete, e fazem o mesmo annuncio. O Ven.·. diz:

Ven.·. — Carreguemos e alinhemos, meus II.·.

Levantam-se todos, dão uma ponta da bandeira aos que lhes ficam immediatos á esquerda, e á direita, e pegam igualmente com a mão esquerda na ponta da bandeira dos visinhos, conservando sempre a espada na mesma mão. Os II.·. Serventes fazem com os Vig.·. a mesma cadea, tendo no meio o M.·. de Cer.·. Então diz o Ven.·.

Ven.·. — II.·. 1° e 2° Vig.·., a ultima saude de obrigação é a de todos os MM.·. derramados sobre a superficie da terra, tanto na prosperidade como

na adversidade. Enderecemos os nossos votos ao Gr.·. Arch.·. do Univ.·. para que se digne soccorrer os infelizes, e conduzir os viajantes a porto de salvamento. Convidai, eu vos rogo, os II.·. sobre as vossas columnas, para que unindo-se a mim me ajudem a acompanhar esta saude com o melhor de todos os fogos.

Os Vig.·. repetem.

Então entoa o Ven.·. o Cantico de encerramento.

Depois diz o Ven.·.:

Ven.·. — Attenção, meus II.·.!

Mão direita á espada!

Espada á frente!

Apresentar espada!

Espada na mão esquerda!

Mão direita ás armas!

Armas á frente!

A' face!

Fogo!

Bom fogo!

Triplice fogo!

Armas á frente!

Recitam-se duas vezes os dous ultimos versos.

Um, dous, trez!

Um, dous, trez!

Um, dous, trez!

A' frente!

Um, dous, trez!

Mão direita á espada!

Espada á frente!

Apresentar espada!

Descançar espada! [*Poem-se sem ruido sobre a mesa.*]

Applaude se.

O Ven.·. bate uma pancada de malhete, que repetem os Vig·., e manda lêr a prancha dos trabalhos do Banquete, pergunta se algumas observações ha a fazer, e applaude. Pergunta depois se ha algumas proposições interessantes a fazer a bem da Ordem em geral, ou da L.·. em particular.

Se algumas ha, houvem-se e delibera-se a seu respeito, sendo possivel, aliás ficam adiadas para a primeira sessão.

Depois faz o Ven.·. aos Vig.·. as trez seguintes perguntas.

Ven.·. — Ir.·. 1.° Vig.·., que idade tendes?

R. Trez annos, Ven.·.blo

P. A que horas costumamos encerrar os nossos trabalhos?

R. A' meia noute.

P. Que horas são?

R. Meia noute, Ven.·.blo

E' um costume mui louvavel o darem-se o beijo fraternal antes de se separarem. O Ven.·. o dá ao que fica á sua direita, e volta-lhe pela esquerda. Dá depois trez pancadas de malhete que os Vig.·. repetem, e faz applaudir e dar os *houzzé*. Finalmente dá uma pancada de malhete, e diz:

Ven·. — Meus II.·., os trabalhos estão fechados, retiremo-nos em paz.

Os Vig.·. batem uma pancada de malhete, e fazem o mesmo annuncio.

Tiram-se as insignias, e retiram-se em paz.

(*N. B.* Nos differentes annuncios de saudes, não devem os Ven.·. e os Vig.·. instruidos limitar-se ao formulario indicado. As mudanças que intro-

duzirem, não podem deixar de ser agradaveis a todos os II.:., e de augmentar os prazeres que proporcionam os trabalhos da mesa.)

GUIA

DOS

MAÇONS ESCOCEZES.

Companheiro.

GUIA

DOS MAÇONS ESCOCEZES.

Companheiro.

ABERTURA DA LOJA.

Aberta a L.·. no gráo de Ap.·., bate o Ven.·. uma pancada, e diz:

Ven.·. — II.·. 1° e 2° Vig.·., annunciai sobre as vossas columnas, que se suspendem estes trabalhos a fim de passar-se aos de Companheiro, e convidai os App.·. a cobrirem o templo.

Os Vig.·. repetem o annuncio, e previnem o Ven.·. de que os App.·. cobriram o templo.

Ven.·. — Ir.·. 1° Vig.·. qual é o primeiro dever de um Vig.·. em Loja de Companheiro?

1° Vig.·. — Ven.·.blo, é o de assegurar-se se todos os II.·. presentes são Companheiros.

O Ven.·. bate uma pancada, e diz:

Ven.·. — Em pé e á ordem, meus II.·.

Todos os II.·. se voltam para o Occidente.

Ven.·. — II.·. 1° e 2° Vig.·., assegurai-vos se todos os II.·. presentes são Companheiros.

Os Vig.·. percorrem as suas respectivas columnas para verificarem os sinaes, toques e palavras de passe de cada um Ir.·. Terminado este trabalho, voltam os Vig.·. a seus lugares e diz o 1° ao Ven.·.:

1° Vig.·. — Todos os II.·. presentes são Companheiros.

O Ven.·. levanta-se, põe-se á ordem como companheiro, passa a palavra sagrada de Companhei-

ro ao 1° Vig.·., e diz-lhe que abra a L.·. de Companheiro. O 1° Vig.·. envia o 2° Diacono com a palavra ao 2° Vig.·., que diz:

2° Vig.·. — Ven.blo, tudo está justo e perfeito.

O Ven.·. bate tres pancadas, repetidas pelos Vig.·., e diz:

Ven.·. — A mim, meus II.·.

Faz o sinal, a bateria e as acclamações, e diz:

Ven.·. — Em nome de Deus e de S. João de Escocia, está aberta a L.·. de Companheiro, e desde agora a nenhum Ir.·. é permittido fallar, ou passar de uma columna para outra, sem permissão. Ir.·. Secretario, tende a bondade de fazer a leitura da prancha de nossos ultimos trabalhos de Companheiro.

Terminada a leitura e sanccionada a prancha:

Ven.·. — Ir.·. M.·. de Cer.·., tende a bondade de ir ao vestibulo do templo, ver se ha alguns II.·. que nos queiram visitar.

O M.·. de Cer.·. obedeçe, e volta dar parte da sua commissão.

RECEPÇÃO.

Ven.·. — Ir.·. M.·. de Cer.·. ide preparar o Candidato e conduzi-o no estado que manda a nossa lithurgia.

Obedece, e o traz com os cabellos cahidos sobre os hombros, na mão esquerda uma regoa com a extremidade apoiada sobre o hombro esquerdo, e a aba do avental erguida. Bate á porta do templo como Ap.·.

Ven.·. — Vede quem assim bate, Ir.·. 1° Vig.·.

O Ir.·. 1° Vig.·. o passa ao 2° este ao Ir.·. Co-

bridor, que entre-abre a porta, e pergunta: Quem bate assim?

O M.·. de Cer.·. responde:

M.·. de Cer.·. — Sou eu que conduzo um Ap.·. que deseja passar da prependicular ao nivel.

O 2° Vig.·. o repete o 1° e este ao Ven.·. que diz:

Ven.·. — Perguntai-lhe a sua idade, qualidades civis e Maçonicas.

As perguntas e respostas passão successivamente do Cobridor ao 2° Vig.·., deste ao 1° que as repete ao Ven.·., e o Ir.·. Secretario as lança na acta.

Ven.·. — Como póde elle conceber a esperança de chegar a esse gráo?

M.·. de Cer.·. — Porque nasceu livre, e é de bons costumes.

O Ven.·. bate, e diz:

Ven.·. — Fazei-o entrar como Ap.·. e collocai-o entre columnas.

Obedece.

Ven.·. — Ir.·. 2° Vig.·., que regeis a columna dos App.·., dizei-me se o Ir.·. que deseja passar da perpendicular ao nivel, preencheu o seu tempo, e se os II.·. da sua columna delle estão satisfeitos.

2° Vig.·. Sim — Ven.·.blo

Ven.·. — Consentem todos os II.·. na sua elevação?

Todos os II.·. dão o sinal de approvação.

O Ven.·. bate, e diz ao Candidato:

Ven.·. — Sem pertender, meu Ir.·., fazer passar por graça especial aquella que hoje vos outorga esta L.·., elevando-vos com tanta rapidez á segunda classe dos seus operarios, nem por isso vos occultarei que nos tempos primitivos da nossa ordem, era

de mister trabalhar, sem interrupção, pelo espaço de cinco annos na columna dos App.·., nem nós abreviamos esse termo a todos os II.·. indistinctamente, e aquelles que como vós, meu Ir.·., são dispensados desse intersticio, devem procurar tornar-se dignos desse favor, e merecer que esta L.·. com o andar dos tempos lhes abra os indiziveis thesouros da sua recompensa.

Nós nos lisongeamos que nada poupareis para preencher no sa expectação, e justificar o favor que vos mostra esta Resp.·. L.·.

P. Quem vos proporcionou, meu Ir.·., a felicidade de ser M.·.?

R. Um amigo sabio, que depois reconheci por Ir.·.

P. Em que estado fostes apresentado em L.·.?

R. Nem nú, nem vestido.

P. Porque?

R. Para me provarem que o luxo é um vicio que só offusca o vulgo, e que o homem virtuoso deve calcar aos pés todo o sentimento de vaidade e orgulho.

P. Para que vos vendaram?

R. Para me fazerem conhecer o quanto as trevas da ignorancia, e a noite profunda das paixões que nos cegam, são prejudiciaes á felicidade do homem.

P. Para que vos fizeram viajar?

R. Para que soubesse que não é do primeiro passo que se chega á virtude.

P. Que vistes quando vos tiraram a venda?

R. Todos os II.·. armados de espadas com as pontas para mim dirigidas.

P. Para que?

R. Para me mostrar que por mim estariam sempre promptos a derramar o seu sangue, se eu fosse fiel ao juramento que ia prestar, assim como a punir-me, se eu fosse tão desprezivel que o violasse.

P. Para que vos puzeram um compasso sobre o peito esquerdo?

R. Para me demonstrar que o coração de um M.·. deve ser sempre justo e verdadeiro.

Ven.·. — Tendes, meu Ir.·., cinco viagens a fazer. — Ir.·. M.·. de Cer.·. fazei praticar a este Ap.·. a sua primeira viagem.

O M.·. de Cer.·. mette-lhe na mão esquerda um malhete, e um cinzel, pega-lhe pela mão direita, e fa-lo fazer o giro da L.·. Chegado ao Occidente, diz:

M.·. de Cer.·. — Está feita a primeira viagem.

O 2° Vig.·. o repete ao 1° Vig.·., e este ao Ven.·.

Ven.·. — Meu Ir.·. esta primeira viagem symbolisa o periodo de um anno, que o Companheiro deve empregar em aperfeiçoar-se na practica de cortar e lavrar pedras, que aprendeu a desbastar como Ap.·., ajudado do malhete e do cinzel. Este emblema demonstra, que por muito perfeito que seja o Ap.·. está ainda bem longe de saber acabar a sua obra; que o bruto dos materiaes, consagrados á construcção do templo que eleva ao Gr.·. Arch.·., de quem é materia e obreiro, ainda não foram levantados, e que nada o pode dispensar do trabalho duro e penoso do malhete, e da direcção fixa e applicada do cinzel, sem nunca desviar-se da linha que lhe fôr traçada pelos Mestres. Dai-me o sinal de Ap.·. [*Da-se.*]

P. Que quer dizer este sinal?

R. Recorda-me o juramento que prestei na minha iniciação, e pelo qual me sugeitei a ter o pescoço cortado, se acaso chegasse a ter a infelicidade de revelar os segredos que me foram confiados. (*Sendo necessario, póde-se-lhe indicar esta resposta.*)

O Ven.·. bate, e diz:

Ven.·. — Ir.·. M.·. de Cer.·., fazei praticar a esse Ir.·. a sua segunda viagem.

O Candidato é conduzido pelo Ir.·. M.·. de Cer.·., e faz esta viagem com uma regoa e compasso na mão direita.

Acabada a viagem, diz o Ven.·.:

Ven.·. — Meu Ir.·., esta segunda viagem vos ensina, que durante o segundo anno, deve o M.·. adquirir os elementos praticos da Maç.·., isto é, a arte de traçar linhas sobre os materiaes desbastados e aplainados, o que se consegue com a regoa e o compasso. Meu Ir.·., dai o toque de Ap.·. ao Ir.·. 1° Vig.·. (*Da-se.*)

O 1° Vig.·. bate, e diz:

1° Vig.·. — O toque está certo, Ven.·.

O Ven.·. bate, e diz:

Ven.·. — Ir.·. M.·. de Cer.·., fazei praticar a esse Ap.·. a sua terceira viagem.

O Candidato faz esta terceira viagem levando na mão esquerda uma regoa e uma pinça apoiada no hombro esquerdo: terminada que seja, annuncia-se como nas duas antecedentes.

Ven.·. — Meu Ir.·., esta viagem symbolisa o terceiro anno de um Ap.·., durante o qual se lhe confia a direcção, transporte e collocação dos materiaes trabalhados; operação que se faz com a regoa e pinça. A pinça, em lugar do compasso, é o em-

blema do poder que acrescenta ás nossas forças individuaes os conhecimentos necessarios para fazer e obrar aquillo, que sem o seu soccorro nos seria impossivel executar.

P. Que entendeis vós, meu Ir.·., por Maç.·.?

R. [*Indica-se-lhe a resposta.*] Entendo o estudo das sciencias e a pratica das virtudes.

O Ven.·. bate, e diz:

Ven.·. — Ir.·. M.·. de Cer.·., fazei praticar a esse Ap.·. a quarta viagem.

Faz esta viagem levando uma esquadria e uma regoa na mão esquerda, e terminada annuncia-se como nas precedentes.

Ven.·. — Esta viagem, meu Ir.·., é o simulacro do quarto anno de um Ap.·., durante o qual se deve elle occupar directamente da elevação do edificio, de dirigi-lo no seu todo, e de virificar a collocação dos materiaes, reunidos para terminar a obra Maç.·.; ella vos ensina que só a applicação, o zelo e a intelligencia que haveis mostrado nos vossos trabalhos podiam elevar-vos acima dos II.·. menos instruidos e menos zelosos do que vós.—Ir.·. M de Cer.·., fazei-lhe praticar a quinta e ultima viagem.

O Candidato se deixa com as mãos livres.

O M.·. de Cer.·. assenta a ponta de uma espada sobre o coração do Candidato, e este a fixa com o dedo polegar e index da mão direita. Faz-lhe fazer o giro da L.·., e annuncia-se que está terminada, como nas viagens precedentes.

Ven.·. — Esta quinta viagem ensina que sufficientemente instruido nas praticas manuaes, deve o Ap.·. empregar este ultimo anno no estudo da theoria. Aprendei d'abi, meu Ir.·., que não basta estar na

vereda da virtude para nella nos conservarmos, e que muitos e poderosos esforços são necessarios para chegarmos á prefeição. Segui pois o caminho que vos traçaram, e tornai-vos digno de ser admittido ao conhecimento dos mais altos trabalhos Maç.˙. Dai ao I.˙. Experto a palavra sagrada de Ap.˙. *(Da-se.)*

O Ir.˙. Experto diz: A palavra está certa, Ven.˙.blo

Ven.˙. — Ir.˙. M.˙. de Cer.˙., fazei praticar ao Candidato o seu ultimo trabalho d'Ap.˙.

O M.˙. de Cer.˙. entrega-lhe um malhete, com o qual o faz bater na pedra bruta como Ap.˙., e annuncia depois que o trabalho está concluido

Ven.˙. — Irm.˙. M.˙. de Cer.˙., conduzi o candidato junto ao throno, e fazei-o marchar como Ap.˙.

O Ir.˙. M.˙. de Cer.˙. obedece.

Chegado o Candidato ao throno:

Ven.˙. — Contemplai esta estrella mysteriosa, e nunca a afasteis do vosso espirito; é ella o emblema do genio, que leva o homem á pratica das acções grandes, assim como o symbolo desse fogo sagrado, com que nos dotou o Gr.˙. Arch.˙. do Univ.˙., e sob os raios do qual devemos discernir, amar e praticar a verdade, a justiça e a equidade.

O Delta, que vedes tão resplandecente de luz, vos offerece duas grandes verdades, e duas idéas sublimes.

Vedes o nome de Deos como fonte de todos os conhecimentos e de todas as sciencias: elle se explica symbolicamente pela Geometria. Esta sciencia sublime tem por base essencial o estudo aprofundado, as applicações infinitas dos triangulos, sob o seu emblema verdadeiro. Todas estas verdades mys-

teriosas se desenvolverão aos vossos olhos gradualmente á medida dos progressos que fizerdes na nossa sublime arte.

O M.·. de Cer.·. faz ajoelhar o Candidato.

O Ven.·. bate, e diz:

Ven.·. — Em pé e á ordem, meus II.·. Repeti comigo a vossa obrigação.

OBRIGAÇÃO.

Juro e prometto, sob as condições a que precedentemente me sugeitei, de não revelar aos App.·. os segredos dos Companheiros que me vão ser confiados, assim como já prometti não revelar os de Ap.·. aos profanos: e consinto, se perjurar, a que me seja arrancado o coração *(aqui todos os II.·. fazem o sinal)*, que o meu corpo seja queimado e as minhas cinzas lançadas ao vento, para que nunca mais seja lembrado entre os II.·. que tiver trahido. Deus me preserve de tal desgraça. *Amen.*

O Ven.·. põe-lhe a espada sobre a cabeça, e diz:

Ven.·. — Em nome de Deos, e sob os auspicios de N....... e em virtude dos poderes que me foram confiados por esta Resp.·. L.·., eu vos recebo e constituo Comp.·. M.·.

Bate tres pancadas iguaes com o malhete sobre a espada.

O M.·. de Cer.·. levanta o Candidato.

O Ven.·. desce-lhe a aba de avental, e diz-lhe que sendo Companheiro, é assim que a deve trazer.

Ven.·. — D'ora avante, meu Ir.·., deveis trabalhar na pedra cubica, e receber o vosso salario na columna J.·.

Este novo trabalho deve recordar-vos que um Com-

panheiro, destinado a reparar as imperfeições do edificio, deve empregar todos os seus cuidados, não só em occultar os defeitos de seus II.·., como mesmo em corrigi-los com os seus exemplos e conselhos.

Vou agora conferir-vos os sinaes, palavras e toques do Companheiro.

O sinal é.....

O toque é.....

A palavra sagrada é J.·...... (Só se dá soletrada.)

A palavra de passe é S.·...... (Não se soletra, e dá-se ao entrar em L.·.)

Ide agora, meu Ir.·. dar ao Ir.·. Experto os sinaes, toques e palavras, acompanhado do M.·. de Cer.·., para que elle vos faça reconhecer Companheiro.

O Ir.·. M.·. de Cer.·. e o Candidato obedecem, e terminado que seja annuncia o Ir.·. Experto que tudo está certo.

Ven.·. — M.·. de Cer.·., fazei trabalhar esse Ir.·. como Comp.·., e ensinai-lhe os passos deste grão.

O Ir.·. M.·. de Cer.·. faz trabalhar o Ir.·., fazendo-o bater tres pancadas iguaes sobre a pedra cubica; fa-lo fazer o sinal, a marcha, e assenta-o na columna destinada aos Companheiros.

E' então que o Orador, ou o Ir.·. que faz a suas vezes, pronuncia o discurso.

Depois conduz o Ir.·. M.·. de Cer.·. ao Candidato entre Columnas.

Ven.·. — II.·. 1° e 2° Vig.·., annunciai sobre as vossas respectivas columnas, que vamos dar os applausos do costume pela satisfação que experimenta esta Resp.·. L.·. por contar d'ora avante o Ir.·. N...... entre o numero dos seus Companheiros.

Os Vig.·. repetem o annuncio.

O Ven.·. bate, e diz:

Ven.·. — Em pé e á ordem, meus II.·.

Todos os II.·. se levantam. O Ven.·. faz o sinal, a bateria e a acclamação de Comp.·., conjuntamente com todos II.·.

O Candidato agradece por si mesmo, ou pede ao M.·. de Cer.·. que o faça.

Cobrem-se os agradecimentos.

Apresenta-se o saco das proposições a todos os II.·., por um Ir.·. Experto designado pelo Ven.·.

O Ir.·. Hospitaleiro faz igualmente circular o tronco da beneficencia.

O producto é verificado pelo Ven.·. e pelo Ir.·. Orador, e o Ir.·. Secretario menciona a quantia no esboço dos trabalhos do dia.

Ven.·. — II.·. 1° e 2° V.·. inquiri dos II.·. que ornam as vossas columnas, se alguma cousa têem a propôr a bem da ordem em geral, ou desta Res.·. L.·. em particular.

Os Vig.·. repetem o annuncio.

Ven.·. — Ir.·. Secretario tende a bondade de fazer a leitura do esboço dos trabalhos do dia. Silencio, meus II.·.

O Ir.·. Secretario lê o esboço.

Ven.·. — II.·. 1° e 2° Vig.·. perguntai aos II.·. sobre as vossas columnas, se têem algumas observações a fazer sobre a redacção do esboço dos trabalhos do dia.

Os Vig.·. annunciam, e discutem-se as observações que se fazem, na forma do costume.

ENCERRAMENTO.

Ven.·. — Ir.·. 2° Diacono, qual é o vosso logar em L.·.?

R. Por detraz do 1° Vig.·. se elle mo permittir.

P. Para que meu Ir.·.?

R. Para levar as ordens do 1° ao 2° Vig.·., e vigiar que os II.·. conservem nas columnas a devida decencia.

P. Qual é o logar do primeiro Diacono?

R. A' direita do Ven.·.

P. Para que, meu Ir.·. 1° Diacono?

R. Para levar as vossas ordens ao 1° Vig.·. e a todos os II.·. da L.·. afim de que os trabalhos sejam mais promptos e regularmente executados.

P. Onde tem lugar o Ir.·. 2° Vig.·.?

R. No meio-dia Venblo.·.

P. Para que Ir.·. 2° Vig.·.?

P. Para melhor observar o Sol no meridiano, chamar os obreiros do trabalho para a recreação; e da recreação para o trabalho afim de que ao Ven.·. resulte honra e gloria.

P. Qual é o lugar do 1° Vig.·.?

R. No occidente.

P. Para que Ir.·. 1° Vig.·.?

R. Assim como o Sol se poem no occidente para terminar o dia, assim o 1° Vig.·. ahi se colloca para fechar a L.·., pagar aos operarios e despedi-los contentes e satisfeitos.

O Ven.·. bate então tres pancadas iguaes de malhete.

Os Vig.·. as repetem.

O Ven.·. volta-se para o seu Diacono, da-lhe a palavra com o chapeo na mão, e cobre-se depois.

O 1° Diacono passa a palavra ao 1° Vig.·.

O 1° Vig.·. a envia pelo seu Diacono ao 2° Vig.·.

O 2° Vig. . diz:

2° Vig.·. — Tudo está justo e perfeito.

O Ven.·. se descobre, e diz:

Ven.·. — Em nome de Deos e S. João d'Escocia, a L.·. está fechada — A mim meus II.·.

Todos seguem os seus movimentos, fazem o sinal de Companheiro e se retiram em paz depois que o Ven.·. diz:

Ven.·. — Os trabalhos estão fechados, meus II.·. rendamos graças ao Eterno.

(*N. B.* O Ven.·. quando o julga conveniente, faz a seguinte instrucção antes do encerramento da L.·.)

INSTRUCÇÃO.

Esta instrucção faz-se entre o Ven.·. e os dous Vig.·.

P. Sois vós Companheiro?

R. Sim, Venblo.·. Examinai-me.

P. Onde fostes recebido Companheiro?

R. N'uma L.·. regular de Companheiro.

P. Como fostes preparado?

R. Nem estava nú, nem vestido, os pés nem os tinha calçados, nem descalços, e privado de todos os metaes fui conduzido assim por um Ir.·. á porta da L.·.

P. Como fostes admittido?

R. Por tres pancadas.

P. Que vos disseram?

R. Quem vem lá.

P. Que respondestes?

R. Um Ap.·. que acabou o seu tempo, e que deseja ser recebido Comp.·.

P. Como pudestes conceber essa esperança?

R. Pela palavra de passe.

P. Sabeis pois a palavra de passe?

R. Sim, Ven.·.blo

P. Dai-ma.

R. (Dá-se.)

P. Que vos disseram então,

R. Passe Sch.·.......

P. O que vos fizeram depois?

R. Fizeram-me praticar cinco viagens em roda da L.·.

P. Onde encontrastes a primeira opposição?

R. Por detraz do I° Vig.·., onde dei a mesma resposta que tinha dado á porta.

P. Onde encontrastes a segunda opposição?

R. Por detraz do Ven.·., onde dei a mesma resposta.

P. O que vos fez elle?

R. Enviou-me ao I° Vig.·., para por elle ser instruido.

P. Como vos intruio?

R. Ensinou-me o meu dever, e a dar dous passos sobre o segundo gráo de um angulo recto d'um quadri-longo, com o joelho direito inclinado, o pé esquerdo formando uma esquadria, o corpo direito, a dextra sobre a Biblia, o braço esquerdo sustentando a ponta de um compasso formando uma esquadria; e neste estado prestei a minha obrigação.

P. Conservastes na memoria essa obrigação?

R. Sim Ven.·.blo

P. Tende a bondade de a repetir.

R. Eu o farei se me ajudardes.

P. Levantai-vos, principiai.

R. Juro de minha propria vontade, etc.

P. Que vos mostraram depois deste juramento?

R. O sinal de Companheiro.

P. Que vos fez depois?

R. Mandou que me dessem outra vez os meus vestidos, e que voltasse para agradecer á L.·. a minha admissão.

P. Depois de admittido Companheiro, trabalhaste nessa qualidade?

R. Sim, Ven.·.blo, trabalhei na construcção do templo.

P. Onde recebestes o vosso salario?

R. Na columna J.·.

P. Que vistes, quando chegastes a essa columna?

R. Um Vig.·.

P. Que vos preguntou elle?

R. A palavra de passe.

P. Destes-lha?

R. Sim, V.·.blo

P. Qual é?

R. Sch.·.......

P. Como chegastes á columna J.....?

R. Pelo portico do templo.

P. Vistes então alguma cousa notavel?

R. Sim, Ven.·.blo

P. Que vistes?

R. Duas bellas columnas de bronze.

P. Como se chamam?

R. B.·..... e J.·.....

P. Que altura tinham essas columnas?

R. Vinte e cinco pés cubos, com um capitel de cinco pés cubos, que fazem quarenta pés de altura. (*Vede o 2° Chro.·., cap.·. 3°, v. 15; segundo a Biblia, o cubo é de um pé e seis polegadas inglezas.*)

P. Como terminavam, e como eram ornados os capiteis?

R. Com fios de liz e de romãs.

P. Eram as columnas ocas?

R. Sim, Ven.·.blo

P. De que espesura era a capa exterior?

R. De quatro polegadas.

P. Onde foram fundidas?

R. Na planicie do Jordão, n'uma terra argilla, entre Succoth e Zarthan, onde os vasos sagrados de Salomão foram tambem fundidos.

P. Quem as fundio?

R. Hiram-Abif.

GUIA

DOS

MAÇONS ESCOCEZES.

Mestre.

INTRODUCÇÃO ESSENCIAL.

A Camara das reflexões deve ser lugubre, e ter pelas paredes quadros com maximas analogas á recepção, escolhidas de maneira que façam a maior impressão.

O Ir.·. Preparador deve estar bem instruido dos seus deveres, e preparar o espirito e imaginação do Recipiendario com discursos sabios e moraes, relativos á importancia do grão que sollicita.

O Preparador deve apoderar-se do chapéo e espada do aspirante, e envia-los pelo Ir.·. M.·. de Cer.·. ao Ven.·., que em L.·. deste grão toma o nome de Respeitavel Mestre.

O Ir.·. Arch.·. deve depositar sobre a mesa de cada Vig.·. um rolo de papelão de 18 polegadas de comprimento, e 9 de circonferencia.

Esta camara só deve ser illuminada por uma tocha amarella.

Deverá haver um esqueleto fallante, se a L.·. tiver fundos bastantes para isso.

Esta camara deve conter tambem alguns entulhos, ferramenta, e utensilios.

O bom modo do Ir.·. Preparador não contribue pouco para tornar esta ceremonia mais apparatosa. E' uma circunstancia que muito se lhe deve recommendar.

A L.·. deve estar armada de preto, semeada de caveiras brancas, ossos em aspe e uma ampulheta.

As lagrimas de prata devem estar collocadas por 3, 5 e 7.

Nove estrellas, tres em cada luz, illuminam a L.·.

INSIGNIAS.

Todos os Mestres devem estar vestidos de preto, com chapéo desabado e fumo comprido; luvas brancas, o avental do gráo e fita azul.

O verdadeiro vestido é uma tunica preta em forma de dominó, chapéo á Henrique IV. e penacho branco.

O Ven.·. deve ter mais uma capa grande com choradeiras.

TITULOS EM L.·. DE MESTRE.

O Ven.·. se denomina Respeitabilissimo:

Os Vig.·., Venerabilissimo:

Os Mestres, Veneraveis.

E' preciso haver toda a regularidade neste nomenclatura.

DISPOSIÇÃO DA CAMARA DO CENTRO.

Deve haver um ataúde no meio da L.·. coberto de panno preto, semeado de caveiras, ossos em aspe, e lagrimas.

Forma-se em roda deste ataúde uma separação com pannos de raz, para representar a camara do centro.

No centro desta Camara ao Occidente, colloca-se um ramo de acacia sobre um pequeno outeiro.

Na cabeceira deste ataúde põem-se uma esquadria, e aos péz um compasso.

GUIA

DOS MAÇONS ESCOCEZES.

Mestre.

ABERTURA DA LOJA.

O Respeitabilissimo bate uma pancada de malhete, que é repetida pelos Venerabilissimos II.·. Vig.·.

Resp.·.mo — Ven.·.blo Ir.·. 1° Vig.·., qual é o dever de um 1° Vig.·. antes de abrir a L.·. de M.·.?

R. Assegurar-se se o templo está coberto interna e externamente.

Resp.·.mo — Assegurai-vos, Ven.·.blos II.·.

O Ven.·.blo 1° Vig.·. envia o seu Diacono, o qual ao voltar lhe assegura que o templo está bem coberto, e então diz elle:

1° Vig.·. — Resp.·.mo, a L.·. de M.·. está coberta.

Resp.·.mo — Qual é o vosso segundo dever, Ven.·.blo Ir.·. 1° Vig.·.?

R. Assegurar-me se todos os II.·. presentes são M.·.

Resp.·.mo — Ven.·.blos II.·. 1° e 2° Vig.·., precorrei as vossas columnas, e assegurai-vos se todos os II.·. presentes são M.·.

Então o Resp.·.mo se volta para o Oriente, e o mesmo fazem todos os II.·. de maneira que nenhum delles possa ver o que se passa no Occidente.

Os Vig.·. aproximam-se ao Ir.·. que lhes fica immediato na sua columna, e o reconhecem; e seguem depois até ao ultimo, de modo que todos os

II.·. presentes sejam examinados nas palavras, toques e sinaes do grão.

Os II.·. Dignitarios, que se acharem decorados com a insignia de Official da L.·., não seram examinados.

Acabado o exame o communica o 2° Vig.·. ao 1°, este ao Resp.·.mo, dizendo:

1° Vig.·. — Resp.·.mo, todos os II.·. presentes são M.·.

Resp.·.mo — Ven.·. Ir.·. 2° Diacono, qual é o vosso lugar em L.·. de M.·.?

R. Por detraz ou á direita do Ir.·. 1° Vig.·. se elle mo permittir.

P. Para que, meu Ir.·.?

R. Para levar as ordens do I° Vig.·. ao 2°, e vigiar que nas columnas reine a devida decencia.

P. Qual é o lugar do I° Diacono?

R. A' direita do Resp.·.mo

P. Para que, Ven.·. Ir.·. 1° Diacono?

R. Para levar as ordens do Resp.·.mo ao Ven.·.blo Ir.·. 1° Vig.·. e a todos os II.·. da L.·., a fim de que os trabalhos sejam mais promptamente executados.

P. Onde se assenta o Ven.·.blo Ir.·. 2° Vig.·.?

R. No meio dia, Resp.·.mo

P. Para que, Ven.·.blo Ir.·. 2° Vig.·.?

R. Para melhor observar o Sol no seu meridiano chamar os operarios do trabalho para a recreação, e da recreação para o trabalho, a fim de que ao Resp.·.mo M.·. resulte honra e gloria.

P. Qual é o lugar do 1° Vig.·.?

R. No Occidente, Resp.·.mo

P. Para que, Ven.·.blo Ir.·. 1° Vig.·.?

R. Assim como o Sol se põe no Occidente, pa-

ra terminar o dia, assim o 1° Vig.·. alli se colloca para fechar a L.·., pagar aos operarios e despedi-los contentes e satisfeitos.

P. Qual é o lugar do Resp.·.mo?

R. No Oriente, Resp.·.mo

O Resp.·.mo bate tres pancadas iguaes que são repetidas pelos Vig.·.

O Resp.·.mo volta-se para o 1° Diacono, descobre se, dá-lhe a palavra de M.·. e torna a cobrir-se. O 1° Diacono vai passa-la ao 1° Vig.·., que a envia pelo 2° Diacono ao 2° Vig.·.

Os Diaconos devem sempre procurar exercer as suas funcções com a maior dignidade.

Chegadas que lhe sejam as palavras, bate o 2° Vig.·. uma pancada de malhete, e diz:

2° Vig.·. — Tudo está certo e perfeito Resp.·.mo

Então o Resp.·.mo se descobre e o imitam todos os II.·.

Resp.·.mo — Ven.·. M.·., meus II.·., em nome de Deus e de S. João d'Escocia está aberta a L.·. de M.·. M.·. e desde agora a nenhum Ir.·. é permittido passar de uma a outra columna, sem para isso haver obtido permissão do 1° Vig.·. — A mim meus II.·.

Faz os sinaes de Ap.·., Comp.·. e M.·., bem como o de horror, que são repetidos por todos os II.·. Diz depois:

Resp.·.mo — Ven.·.blos II.·. 1° e 2° Vig.·., annunciai sobre as vossas columnas, que os trabalhos da camara do meio estão abertos.

Praticam-se todas as formalidades do costume nos dous primeiros gráos, para *a leitura da prancha*, *entrada de Visitantes*, e ratificação do consentimento dos M.·. em favor do Companheiro.

RECEPÇÃO.

Approvada a recepção pelo suffragio unanime dos II.·. faz-se deitar no tumulo o M.·. mais moderno, com os pés para o Oriente, os calcanhas em esquadria, a mão direita sobre o coração, a esquerda estendida ao longo do corpo e coberto com um panno mortuario (lençol) desde os pés até á cintura, junto ao avental.

Levanta-se-lhe o avental até a altura do labio inferior, e cobre-se-lhe o resto da face com panno de linho tinto de sangue.

Preparado tudo, apagam-se as luzes, conservando-se apenas uma dentro de uma lanterna. Esta deve ser de cera amarella, e estar collocada no altar do Resp ·.mo O Resp.· mo diz:

Resp.·.mo — Ven.·. Ir.·. M.·. de Cer.·., ide preparar o Candidato.

PREPARAÇÃO DO CANDIDATO.

O Candidato deve estar descalço, sem metaes, e com o braço e peito esquerdo nús. Deve ter uma pequena esquadria no braço direito, uma corda á cinta, que lhe dê tres voltas, avental de Companheiro, e os cabellos cahidos.

O M.·. de Cer.·. bate á porta do templo como Comp.·., tendo sempre o candidato pela mão.

O Ven.·. Ir.·. Experto hide ver quem bate, e o mesmo deveis practicar sempre que alguem se apresente depois de encetados os trabalhos.

Feito o reconhecimento, diz o Ir.·. 1° Vig.·.

1° Vig.·. — Resp.·.mo, o M.·. de Cer.·. apresenta a esta Resp.·. L.·. um Companheiro que aca-

bou o seu tempo, e que requer ser admittido ao grão de Mestre. *[Entre-abre-se a porta.]*

Resp.·.^{mo} — (*Com voz forte.*) Para que vem o M.·. de Cer.·. pertubar a nossa dôr? Nossos gemidos deviam te-lo induzido a afastar toda a pessoa suspeita, e mórmente um Companheiro. Meus II.·. talvez seja um desses que causam a nossa dôr. Armemo-nos! E' talvez a justiça divina que entrega um criminoso á nossa justa vingança!

Ven.·. Ir.·. Experto, levai comvosco o Ir.·. Terrivel; fazei-vos acompanhar por quatro II.·. armados. (*Levantando a voz.*) Ide!... Apoderai-vos desse Companheiro. Examinai-o da cabeça até aos pés, e sobretudo as suas mãos!..... Apalpai com cuidado os seus vestidos!..... Tirai-lhe o avental, e trazei-mo com o testemunho de suas acções!... Assegurai-vos finalmente se sobre elle não existem alguns vestigios que revelem o crime horroroso que foi commettido.

Apoderam-se arrebatadamente do Candidato, passam-lhe revista e arrancam-lhe o avental. O Ven.·. Experto entra de novo no templo munido do avental do Companheiro, e deixa o Candidato da parte de fóra, entre os quatro II.·. armados, e a porta entre-aberta até á sua admissão no templo.

O Ven.·. Experto ao entrar diz:

Ir.·. Exp.·. — Resp.·.^{mo}, executei as vossas ordens, mas nada encontrei sobre o Candidato que indique ter elle commettido um assassinio .... As suas vestes estão limpas, as suas mãos puras, e sem mancha este avental que aqui vos trago.

Resp.·.^{mo}—*[A todos os II.·.]* Ven.·. II.·., permitta o Gr.·. Arch.·. do U.·. que eu errasse, e que esse Companheiro não seja um daquelles que deve

perseguir a nossa vingança! Mas para que seja recebido entre nós devemos tomar medidas severas, precauções seguras e as mais exactas pesquisas; porque, meus Il.·., se este Companheiro é innocente, elle não ignora seguramente o objecto de nossa dôr. Teria elle escolhido um momento tão perigoso para aqui se apresentar, se elle fosse criminoso? O artificio seria bem pouco delicado, porque devia recear que sobre elle recahissem nossas suspeitas.

Ven.·. Il.·., ao introduzi-lo neste recinto, nós o interrogaremos, e as suas respostas nos mostrarão sem duvida o que delle devemos pensar. Sois vós desta opinião, Ven.·. Il.·.? Manifestei-a pela maneira costumada.

Levanta-se a mão.

Resp.·.mo—Ven.·. Ir.·. Experto, guarda das portas, pois que esta respeitavel assembléa é de voto que o Companheiro seja introduzido, perguntai-lhe como póde elle conceber a esperança de ser recebido entre nós?

A pergunta passa, como de costume, pelo guarda das portas ao 2° Vig.·.; deste ao 1° que a communica ao Resp.·.mo

O Recipiendario deve responder, *pela palavra de passe.*

O guarda das portas volta-se como surprehendido do equivoco que esta resposta apresenta; e diz ao Resp.·.mo: Elle responde. *pela palavra de passe.*

Resp.·.mo — (*Com admiração.*) Pela palavra de passe! Esta resposta temeraria confirma as minhas suspeitas...... Como é que elle a sabe? Sem duvida pelo crime que commetseu. Eis ahi, Ven.·. M.·., uma prova da sua audaçia e de seus attentados Ven.·.mo Ir.·. 1° Vig.·., ide examinar escrupulosamente o Candidato.

Depois de o ter examinado volta, e diz:

1° Vig.·. — Resp.·.^mo, a sua audacia é extrema o seu procedimento annuncia uma maldade refinada. Estou certo que vem espiar o que aqui se passa, ou illudir a nossa boa fé, com a mascara da hypocrisia.

Então o examina de mais perto; revista-lhe a mão direita, e repellindo-o, diz: *Ceos é elle!*

Agarra-o pelo colarinho, e diz-lhe com uma voz ameaçadora:

1° Vig.·. — Falla desgraçado! Como darás a palavra de passe? Quem t'a communicou?

O Candidato responde: O meu conductor a dará por mim, pois que eu a não conheço.

O Ven.·.^blo 1° Vig.·. diz;

1° Vig.·. — Resp.·.^mo, o Companheiro confessa que não conhece a palavra de passe, mas que o seu conductor a dará por elle.

Resp.·.^mo — Fazei que a dê, Ven.·.^blo Ir.·. 1° Vig.·.

O Conductor dá a palavra de passe ao 1° Vig.·. que responde:

1° Vig.·. — A palavra de passe esta justa Resp.·.^mo

Resp.·.^mo — Fazei entrar o Candidato. (*O M.·. de Cer.·. o faz entrar recuando.*) Que aquelles que o guardam o não abandonem um só instante..... Colloquem-se com elle no Occidente.

Todos ahi se collocam.

O Ir.·. Terrivel segura o Candidato pela corda.

Resp.·.^mo — Companheiro, é preciso que sejais bem temerario e indiscreto para aqui vos apresentardes n'um momento em que, a tão justo titulo, todos os vossos camaradas nos são suspeitos. Os sinaes de dôr e de consternação, que divisaes no-

nossos restos; esses tristes restos encerrados nesse feretro, tudo vos deve representar a imagem da morte: e ainda se essa morte tivesse sido o tributo que se deve á natureza.... nós o sentiriamos sim, mas não teriamos um crime a punir, e um amigo a vingar.

Dizei-me Companheiro, tivestes parte neste horrivel attentado? Sereis do numero dos infames Companheiros que o commetteram? Vede a sua obra.

Mostra-se-lhe o corpo que está no ataúde.

Elle responde: *Não*.

Faz-se voltar o Candidato para o lado do Resp.·.mo e depois o Ir.·. que estava no tumulo, levanta-se sem fazer ruido a fim de não ser visto nem apercebido pelo Recipiendario.

Resp.·.mo — Fazei viajar esse Companheiro.

O M.·. de Cer.·. pega na mão direita do Candidato: o Ir.·. Terrivel o segura por detraz pela corda, e os quatro II.·. armados o escoltam, dous de cada lado. D'este modo faz o giro da camara do meio, e o collocam ao lado do Resp.·.mo O Ir.·. M.·. de Cer.·. pega na mão do Recipiendario e o faz bater uma pancada sobre o hombro do Resp.·.mo Este se volta, e dirigindo o malhete, ao coração do Candidato, diz:

Resp.·.mo — Quem vem lá?

O M.·. de Cer.·. responde:

M.·. de Cer.·. — E' um Companheiro que acabou o seu tempo, e que deseja passar á camara do meio.

P. E como espera poder consegui-lo?

R. Pela palavra de passe.

P. E como a dará, se elle a não conhece?

R. Eu a darei por elle. (*Dá-a.*)

Resp.·.mo — Passe F......

E' conduzido ao Occidente.

Resp.·.mo — Ven.·.blo Ir.·. 1° Vig.·., fazei approximar o Candidato ao altar dos juramentos marchando sobre o primeiro gráo do angulo recto de um quadri-longo; e formando uma esquadria sobre o segundo gráo por dous passos, e sobre o terceiro por um só passo.

Fazem-lhe dar o sinal e os passos d'Ap.·., de Companheiro, e em fim de M.·.

Ajoelha-se, põe a mão direita sobre a Biblia, e as duas pontas do compasso assentadas sobre os peitos.

Nesta attitude, o Resp.·.mo desce do throno, e vem lhe fazer prestar o juramento.

Todos os II.·. se põem em pé e á ordem.

O Candidato presta o seu juramento.

OBRIGAÇÃO.

Eu, N...... de minha livre vontade e em presença do Gr.·. Arch.·. do Univ.·. e desta Resp.·. L.·. dedicada a S. João d'Escocia, juro e solemnemente prometto de nunca revelar os segredos de M.·. áquelle que por tal não reconhecer; de obedecer ás ordens desta Resp.·. L.·. de M.·., de guardar os segredos dos meus II.·., como se meus fossem, excepto no caso de morte ou traição; de nunca os prejudicar, nem soffrer que outrem o faça; de os servir em tudo que estiver ao meu alcance, e de nunca intentar seduzir suas esposas, filhas ou irmãs.

Prometto mais de cumprir as minhas precedentes obrigações sob as penas (*aqui o Resp.·.mo bate uma*

pancada de malhete, pega na mão direita do Recipiendario, e lhe faz fazer o sinal de M.·.) de me ser dividido o corpo, e uma parte lançada ao Meio dia outra ao Septentrião; de serem as minhas entranhas queimadas, e as cinzas lançadas ao vento, a fim de que a minha memoria fique em perpetuo esquecimento. Assim Deos me ajude. *Amen.*

Todos os II.·. respondem: *Amen.*

Beija trez vezes a Biblia, e fica de joelhos. O Resp.·.mo lhe pega na mão direita, com o toque de Ap.·., e o examina até a palavra sagrada de Companheiro. Logo que elle a pronuncia:

Resp.·.mo — Levantai-vos, Ir.·. J.·. Vós ides, meu Ir.·., representar o maior homem do mundo Maç.·., o nosso Respeitavel M.·. Hiram, que foi assassinado, quando o templo tocava o ponto da sua perfeição, como vos vou explicar.

Todos os II.·. da L.·. se reunem em volta do ataúde. O Ven.·.blo Ir.·. 2° Vig.·. fica no Meio dia, armado de uma regoa de 24 polegadas.

O 1° Vig.·. no Occidente armado de uma esadria e o Resp.·.mo de um malhete.

O Candidato é collocado ao pé do feretro.

DISCURSO HISTORICO.

Resp.·.mo — David, Rei d'Israel, tendo concebido o projecto de levantar um templo ao Eterno, accumulou para tal effeito immensos thesouros..... Mas havendo-se este Rei affastado do caminho da virtude, e tornado-se indigno da protecção do Gr.·. Arch.·., a seu filho Solomon coube a gloria de levantar um templo ao Senhor do Universo.

Antes de dar principio a este grande edificio,

communicou Solomon o seu projecto ao Rei de Tyro seu visinho, amigo e alliado, que lhe enviou Hiram celebre Architecto.

Havendo Solomon reconhecido as virtudes e os grandes talentos de Hiram, elevou-o bem depressa aos lugares mais eminentes, e confiou-lhe a direcção dos operarios, e o cuidado de levantar os planos.

Sendo os trabalhos immensos, e proporcionado o numero dos operarios, foi mister distribui-los em differentes classes, e designar-lhes um salario correspondente a seus talentos.

Estas classes foram divididas em Aprendizes, Companheiros e Mestres.

Cada um destes gráos tinha sinaes e palavras para se fazer reconhecer, e receber a paga do seu trabalho.

Os App.·. se reuniam na columna B.·. os Companheiros na columna J.·. e os M.·. na Camara do meio.

Vendo quinze Companheiros que o templo estava quasi acabado, e que não tinham podido obter as palavras dos M.·., por não haverem ainda completado o seu tempo concertaram entre si em que á força a obteriam do Resp.·. Hiram, na primeira occasião a fim de passarem por M.·. em paizes estranhos, e receberem o salario daquelle gráo.

Doze destes Companheiros se retrataram; os outros tres chamados Jubelas Jubelos e Jubelum, conservaram-se firmes no seu designio. Sabendo estes tres Companheiros que Híram hia sempre ao meio dia orar no templo, em quanto que os operarios descançavam, foram postar-se a cada uma das portas.

Jubelas, na porta Meridional.

Jubelos, na Occidental.

Jubelum, na Oriental.

Ali esperaram o momento em que Hiram devia apresentar-se para sahir. Dirigiu-se este em primeiro lugar para a porta Meridional, onde Jubelas lhe perguntou a palavra de M.·., ao que elle respondeu que não era assim que elle a devia receber, e que com paciencia devia esperar que o seu tempo se completasse; e que tambem lha não podia dar só, e sim acompanhado dos Reis de Tyro e d'Israel, porque havia jurado de nunca a revelar se não estivessem juntos. Jubelas, pouco satisfeito com esta resposta, deu-lhe uma pancada com uma regoa de 24 polegadas, atravez da garganta.

Aqui o M.·. de Cer.·. conduz o Recipiendario ao 2° Vig.·.; este o agarra pelo colarinho, e lhe diz tres vezes com voz forte: Dai-me a palavra de M.·., e o Recipiendario responde a cada vez: Não.

Então o 2° Vig.·. lhe dá uma pancada com a regoa sobre o pescoço, e o M.·. de Cer.·. o conduz ao 1° Vig.·.

O Resp.·.mo continua:

Resp.·.mo — O Resp.·.mo M.·. Hiram fugiu para a porta Occidental, onde encontrou Jubelos que lhe fez a mesma pergunta, e como recusasse, este segundo lhe deu uma pancada forte com a esquadria de que se achava armado.

O 1° Vig.·. faz o mesmo que o 2°, dando com a esquadria uma pancada sobre o peito do Recipiendario.

O Candidato é depois conduzido ao Resp.·.mo

Resp.·.mo — Hiram aturdido com a pancada, recobra as forças, e procura escapar-se pela porta Oriental; mas encontra ali Jubelum que lhe faz a

mesma pergunta que os outros, e que sendo satisfeito, lhe descarrega um tão terrivel golpe de malhete, que o extendeu morto a seus pés.

O Resp.·.^{mo} dá um ligeiro golpe de malhete sobre a testa do Recipiendario, e impurra.

Dous II.·., para isso expressamente destinados, o sustêem, e unindo a sua força combinada ao impulso dado pelo Resp.·.^{mo}, o fazem cahir deitado dentro do atrúde, e ahi o cobrem com um panno mortuario.

Neste momento se accendem todas as vélas, e o Resp.·.^{mo} continua.

Resp^{mo} — Reunidos os tres assassinos perguntaram-se reciprocamente a palavra de M.·. mas vendo que a não tinham podido obter, e desesperados por haverem commettido um crime inutil, só trataram de occultar o seu horroroso attentado. Para este fim, cárregaram com o corpo de Hiram, e o esconderam sob um monte de entulho, e de noite o conduziram para fóra de Jerusalem, sobre uma montanha onde o enterraram. Deixando o R.·. M.·. Hiram de comparecer aos trabalhos como costumava, fez Solomon proceder ás mais exactas pesquisas, mas tudo foi inutil.

Quando os doze Companheiros que se haviam retractado suspeitaram a verdade, reuniram-se, e resolveram entre si procurar Solomon, levando luvas brancas como prova da sua innocencia, para communicar-lhe o que se havia passado. Solomon enviou estes doze Companheiros em procura do seu M.·. Hiram e lhes ordenou que no caso de o encontrarem, procurassem sobre elle a palavra de M.·., fazendo-lhes observar que se a não podessem achar, estava ella perdida para sempre, pois que só tres

pessoas haviam que a conhecessem, e só podia ser dada por essas tres pessoas reunidas, uma das quaes era Hiram. Disse-lhes mais, que no caso delle ter sido morto, o primeiro signal que se fizesse e a primeira palavra que se pronunciasse, ao encontrar e desenterrar o corpo desse R.·. M.·., seriam para o futuro substituidos aos antigos sinal e palavra de M.·.

Tendo estes Companheiros obtido a promessa de serem recompensados com o grão de M.·., se conseguissem alcançar o fim da sua diligencia, partiram, e se dividiram em quatro ranchos. Tres dirigiram-se para o Septentrião, tres para o Meio dia, tres para o Occidente e tres para o Oriente.

Um destes ranchos desceu pelo Rio Joppa, e tendo-se um delles recostado junto a uma rocha, ouvio pela fenda do rochedo horriveis lamentações. Prestando toda a attenção, ouvio uma voz que dizia: *Oh? antes eu tivesse a garganta cortada, a lingua arrancada pela raiz, e tivesse sido enterrado nas arêas do mar, na baixa-mar, e á distancia de cento e vinte braças da praia, onde o mar faz fluxo e refluxo duas vezes por dia, do que eu tivesse sido cumplice na morte do nosso R.·. M.·. Hiram !*

Oh! disse um outro, *antes o coração me tivesse sido arrancado do peito, e fosse servir de pasto aos abutres, do que eu tivesse sido cumplice na morte de um tão bom M.·.*

Mas ah! disse Jubelum: os meus golpes foram mais fortes que os vossos, pois que fui eu que o matei! *Ah! melhor me fôra ter o corpo dividido ao meio, uma parte no Meio dia e outra no Septentrião, e as minhas entranhas reduzidas a cin-*

zas, e lançadas aos quatro ventos, do que ter sido o assassino do nosso Resp.·. M.·. Hiram!

O Companheiro, depois de ter ouvido estes lamentos, chamou os dois outros Companheiros, e assentaram entre si de entrar pela fenda do rochedo, para se apoderarem dos operarios e leva-los perante o Rei Solomon, o que executaram.

Estes assassinos confessaram a Solomon o que se tinha passado, e o crime que haviam commettido, e testemunharam o maior desejo de não sobreviverem ao seu attentado.

Em consequencia ordenou Solomon, que se executasse a sua propria sentença, pois que elles mesmos tinham designado o genero da sua morte, e mandou que assim se fizesse.

Jubelas teve a garganta cortada.

Jubelos teve o coração arrancado.

Jubelum teve o corpo dividido em duas partes, das quaes uma foi lançada ao Septentrião e a outra ao Meio dia.

Solomon tendo vingado assim a morte do Resp.·. M.·. Hiram-Abif, re-enviou os mesmos Companheiros para darem cumprimento á sua primeira missão.

Estes doze Companheiros partiram segunda vez, e viajaram durante cinco dias sem nada encontrar.

Então o 1° Vig.·. passa para a direita com metade dos M.·., e o 2° Vig.·. com a outra metade, e assim fazem tres viagens.

Depois o 1° Vig.·. dirigindo-se ao Resp.·.^mo diz: *Nossas pesquizas foram inuteis.* O Resp.·.^mo continua:

Resp.·.^mo — Tendo os Companheiros dado conta a Solomon da inutilidade de suas pesquizas, mandou este que nove M.·. fossem fazer novas diligen-

cias. Subirão estes o Monte Libano, e no segundo dia, um delles, excessivamente fatigado, quiz descançar sobre uma pequena collina. Ali descobrio alguns ramos de arvore, cortados de fresco e plantados na terra: arrancou-os e conheceu que a terra havia sido pouco tempo antes revolvida.

Depois de ter sondado a cava nas suas tres dimensões, cumprimento, largura e profundeza, chamou os seus camaradas e lhes deu parte da sua descoberta. Principiáram logo a desviar a terra com bastante precaução, e conseguiram encontrar assim o corpo do nosso R.·. M.·. Hiram, que havia sido assassinado; mas não lhes permittindo o respeito que consagravam ao seu M.·., o levar mais longe as suas pesquizas, cobrirão de novo a cava; e para reconhecerem o logar cortaram um ramo de *acacia* que plantaram em cima, e se retiraram para onde estava Solomon, a quem deram conta do resultado de sua missão.

Imitemos pois os nossos M.·., meus II.·.

Vós. Ven.·.blo Ir.·. 1° Vig.·., parti á frente da vossa columna, e nada poupeis nas vossas diligencias.

O 1° Vig.·. faz quatro viagens, e a meio do cadaver, do lado direito, levanta o panno, tira o ramo de acacia, entrega-o ao Recipiendario, faz-lhe pôr a mão direita sobre o peito, vai dar conta ao Ven.·., a quem diz:

1° Vig.·. — Resp.·.mo, encontrei uma cava aberta de fresco, aonde ha um cadaver que presumo ser o do nosso Resp.·.mo M.·. Hiram, e ali plantei um ramo de *acacia* para reconher facilmente o lugar.

O Resp.·.mo continua:

Resp.·.mo — Solomon penetrado da mais viva dôr,

julgou que com effeito não podia deixar de ser o corpo do seu Gr.·. Arch.·. Hiram. Ordenou-lhes que fossem desenterrar o corpo, e o conduzissem a Jerusalem.

Estes antigos M.·. cingiram o avental, e calçaram luvas brancas. Chegados ao Monte Libano, no segundo dia, desenterraram o corpo.

Imitemos pois os nossos antigos M.·., e procuremos, reunidos, Ven.·. II.·. apoderarmo-nos dos restos do nosso infeliz M.·. Hiram.

O Resp.·.^mo fez duas vezes o giro do feretro á frente de todos os II.·. Chegado á porta do Meio dia, á direita do Candidato, pára, e retirando o ramo de *acacia*, diz:

Resp.·.^mo — Eis-nos chegados ao lugar que encerra o corpo do nosso R.·. M.·. Este ramo de *acacia* é o seu sinistro indicio. A terra me parece revolvida ha pouco tempo. Esclareçamos as nossas horrorosas suspeitas.

O Resp.·.^mo retira gradualmente o panno que cobre o Recipiendario. Tendo-o descoberto, e reconhecendo nelle o n sso R.·. M.·. Hiram, levanta ambas as mãos acima da cabeça por um movimento de dôr, e as deixa cahir sobre as coxas, batendo com os pés, e dizendo tres vezes: *Ah! Senhor Deos!* Todos os II.·. fazem o mesmo.

Resp.·. — E', meus II.·., o corpo do nosso Resp.·. M.·.; cumpramos com o doloroso dever que Solomon nos impoz, e enterremos o seu cadaver respeitavel.

O 2° Vig.·. pega no primeiro dedo da mão direita, e diz: B....., fazendo um passo para traz.

O 1° Vig.·. pega no segundo dedo da mesma mão, e diz: J. . . . . *a carne larga os ossos.*

Resp.·.^{mo} — Ven.·. M.·., não vedes que sem mim nada podeis? Uni aos meus os vossos esforços, e conseguiremos o fim a que nos propomos.

Então o Resp.·. pega no pulso direito do Recipiendario, formando a garra, e os dous Vig.·. cada um do seu lado o ajudam, levantando o Candidato.

O Resp.·.^{mo} põe a mão esquerda sobre o hombro do Candidato.

Os Vig.·. lhe pegam cada um por um cotovelo e pelo hombro.

O Resp.·.^{mo} ao levantar o Recipiendario, lhe diz a cada ouvido: Moh . . . (palavra de M.·.) Para isto deve ter pé contra pé, joelho contra joelho, ventre contra ventre, peito contra peito, a mão direita bem apertada em forma de garra, e a mão esquerda sobre o hombro direito formando a esquadria.

Levantado o corpo e dada a palavra, o Resp.·.^{mo} sobe ao trono.

O lugar do Recipiendario é ao lado do M.·. de Cer.·.

Todos os II.·. voltam a seus lugares.

Resp.·.^{mo} — Ir.·. M.·. de Cer.·., conduzi o Recipiendario ao altar, para renovar o seu juramento. — Em pé e á ordem, meus II.·., o novo M.·. vai renovar o seu juramento.

Os Vig.·. repetem o annuncio.

O M.·. de Cer.·. faz ajoelhar o Recipiendario.

JURAMENTO.

Renovo o juramento que já prestei, de antes morrer do que revelar os segredos dos M.·., que acabam de me ser confiados.

Terminada a ceremonia do juramento, o M.·. de Cer.·. e o Ir.·. Experto pegam no compasso, e lhe fixam as pontas sobre os dous peitos; o Resp.·.mo bate tres pancadas iguaes sobre a cabeça do compasso, e diz:

Resp.·.mo — Aprendei a dirigir os movimentos da vossa alma em favor da humanidade. *(Inicia o.)*

PROCLAMAÇÃO.

A' gloria do Gr.·. Arch.·. do Univ.·., em nome e sob os auspicios da Metropole L.·. d'Escocia reunida em Edimburgo, e em virtude dos poderes que me foram conferidos por

e por esta R.·. L.·. eu vos faço, recebo, e constituo M.·. M.·., e membro desta Camara do meio, no Rito Escocez, antigo e aceito, e vos dou o doce nome de Ven.·. Ir.·., que tão sagrado vos deve ser.

Bate trez pancadas na espada que se acha ainda sobre a cabeça do Recipiendario, e lhe dá os sinaes, palavras e toques deste grão, e a seguinte instrucção.

Resp.·.mo—*[ao Candidato.]* Os M.·. para se reconhecerem entre si têem sinaes, palavras e toque, os quaes vos vou communicar.

O grande sinal nos M.·. é o de levantar as mãos acima da cabeça, deixa-las cahir sobre as coxas, batendo ao mesmo tempo com os pés dizendo: *Ah! Senhor, meu Deos!*

Fazemos este sinal por dous motivos.

O primeiro é porque quando os Companheiros viram morto a seu M.·., levantaram as mãos surprehendidos, dizendo: *Ah! Senhor, meu Deos!*

O segundo é porque quando Solomon dedicou o templo ao Senhor, levantou as mãos, e disse: *Meu Deos, tu es superior a todas as cousas, e eu adoro o teu santo nome.*

A palavra de passe é T..... que se dá afrouxando a mão, mas forma-se logo outra vez a garra, e tocam-se os II.·. pelos cinco pontos da Maç.·.

A palavra sagrada é pronunciada por syllabas. E' M.·. H.·. B.·.

O toque dá-se da maneira seguinte. Depois de vos fazerdes conhecer por Ap.·. e Comp.·., inquiri: Quereis ir mais longe? Se vos responderem affirmativamente, ponde a mão direita sobre o peito esquerdo, o dedo polegar levantado, e a mão esquerda sobre a cabeça formando uma esquadria. Forma-se então a garra de M.·. dizendo:

P. O que é isso?

R. O toque de M.·.

P. Tem nome?

R. Sim, e alguma cousa mais que delle depende.

P. E o que é isso?

R. Os pontos da Maç.·.

P. Tende a bondade de m'os dar.

R. Corre-se a mão direita aberta a travez do ventre como para abri lo, levantam-se as mãos acima da cabeça, e diz-se: *Ah! Senhor, meu Deos!*

Depois tocam-se formando a garra, o que se faz com a mão direita reciprocamente, o pé direito contra o pé direito do Ir.·., joelho direito contra joelho direito, peito direito contra peito direito, e mão esquerda atraz das costas, pronunciando-se então ao ouvido: M.·. H.·. B.·.

O Resp.·.mo abraça tres vezes o novo M.·. e diz :

Resp.·.mo — Ven.·. Ir.·. M.·. de Cer.·., ide apresentar este Ven.·. Ir.·. aos Ven.·.blos II.·. Vig.·. para se fazer reconhecer na sua nova dignidade.

O M.·. de Cer.·. obedece. Reconhecido o Recipiendario, diz o 2° Vig.·. :

2° Vig.·. — Tudo está certo e perfeito.

Resp.·.mo — Conduzi esse Ven.·. Ir.·. entre columnas. — Em pé e á ordem !

Ven.·.blos II.·. 1° e 2° Vig.·., preveni aos Ven.·. II.·. que nos vamos felicitar pelos progressos do Ven.·. Ir.·. N....., e convidai todos os Ven.·. II.·. a que o reconheçam nesta qualidade, a que lhe prestem soccorro e auxilio, e applaudam agora a sua admissão ao sublime gráo de M.·.

Os Vig.·. repetem o annuncio. O Resp.·.mo applaude como de costume, e todos dizem : *houzzé ! houzzé ! houzzé !*

O novo M.·. responde, e o Resp.·.mo faz cobrir os applausos.

Faz-se a instrucção seguinte, e fecha-se e L.·.

ENCERRAMENTO DA L.·.

(O mesmo que para a abertura. *Vede* pag. 75.)

INSTRUCÇÃO.

P. Onde fostes recebido?

R. No Occidente.

P. Aonde ides?

R. Ao Oriente.

P. Porque deixaes o Occidente para ir ao Oriente?

R. Porque a luz do Evangelho primeiro raiou no Oriente.

P. Que ieis fazer no Oriente?

R. Procurar uma L.·. de M.·.

P. Sois M,·.?

R. Os M.·. por tal me reconhecem.

P. Onde fostes recebido?

R. N'uma L.·. de M.·.

P. Como vos prepararam para serdes recebido M.·.?

R. Com os pés descalços, os braços e o peito nús, privado de todos os metaes, e uma esquadria presa ao braço direito, fui conduzido á porta da L.·.

P. Como fostes admittido?

R. Por tres pancadas distinctas.

P. Que vos perguntaram?

R. Quem vem lá?

P. Que respondestes?

R. Um M.·. que acabou o tempo de Ap.·. e de Comp.·., e que deseja ser recebido M.·.

P. Como o alcançastes?

R. Por uma palavra de passe.

P. Dai-m'a.

R. (Dá-a.) T.....

P. Que vos disseram depois?

R. Entrai, T.....

P. Que fizeram de vós?

R. Obrigaram-me a fazer o giro da L.·.

P. Onde encontrastes o primeiro obstaculo?

R. Por detraz do 2° Vig.·.

P. Que vos perguntou elle?

R. A mesma pergunta que me tinham feito á porta.

P. O que fez de vós?

R. Fez-me conduzir ao Occidente, ao Ven.·.blo 1° Vig.·.

P. E o que vos fez este?

R. Fez que me conduzissem ao Resp.·.mo

P. E que vos ordenou este?

R. Re-enviou-me ao Ven.·.blo 1° Vig.·., para que me instruisse.

P. E que instrucção vos deram?

R. Quando cheguei ao Occidente, ensinou-me a subir ao Oriente como M.·., fazendo o sinal de Ap.·., e a marchar sobre o angulo recto de um quadri-longo; a dar mais dous passos sobre o segundo gráo do mesmo quadrado, os pés formando a esquadria e fazendo o sinal de Comp.·.; finalmente o passo de M.·. sobre o mesmo quadri-longo. Chegado ao altar, fizeram-me pôr de joelhos, a mão direita sobre a Biblia, as pontas do compasso sobre os peitos, e nesta attitude prestei o juramento solemne.

P. Podeis repeti-lo?

R. Sim Resp.·.^{mo}, se me ajudardes.
P. Levantai-vos, e principiai.
R. Eu N..... de minha livre vontade, etc.
P. Que vos ensinaram depois?
R. O sinal de M.·.
P. Dai-mo.
R. (Dá-o)
P. Que vos fizeram depois?
R. O Resp.·.^{me} me tomou pela mão e me deu o toque.
P. Que toque era?
R. O de App.·.
P. Tem nome esse toque?
R. Sim, Resp.·.^{mo}
P. Dai-mo.
R. (Dá-o da maneira que lho deram) B.·.
P. Podeis ir mais longe?
R. Sim, proségui e eu vos seguirei. Poz a unha do seu dedo polegar entre a primeira e a segunda phalange, que é o toque de passe, e eu lhe respondi por Sch.......
P. Que vos fez depois?
R. Deu-me o toque de Comp.·. dizendo: Que é isto? (a unha do dedo polegar sobre a segunda phalange).
P. Que respondestes?
R. O toque de Comp.·.
P. Dai-mo.
R. J......
P. Que vos disseram então?
R. Disse-me que eu ia representar um dos maiores homens do mundo M.·., o nosso Resp.·. M.·. Hiram-Abif que foi assassinado quando o templo tocava quasi a meta da sua perfeição.

P. O que se vos fez, depois da narração do costume?

R. Conduziram-me aos Ven.·.bl^es Il.·. 1° e 2° Vig.·. e ao Resp.·.^me que me fizeram as perguntas que Jubelas, Jubeleos e Jubelum haviam feito a Hiram, e me espancaram da mesma maneira.

P. E que vos fizeram mais?

R. Depois de ter recebido a pancada de malhete sobre a cabeça, extenderam-me por terra.

P. Que vos disseram então?

R. Que representava Hiram-Abif depois da sua morte.

P. E que mais vos disseram?

R. O Resp.·.^mo continuou a historia de Hiram-Abif.

P. Como levantaram os enviados de Solomon o corpo de Hiram-Abif?

R. Pelos cincos pontos da Maç.·.

P. Quaes são esses pontos!

R. Principiou o Ven.·.ble 2° Vig.·. por pegar-lhe no dedo index, sobre o qual os App.·. dão o seu toque, mas por effeito da putrefação, a pelle se separou e lhe ficou na mão. Então o Ven.·.ble 1° Vig.·. lhe pegou no segundo dedo, no qual os Comp.·. dão o toque, e a pelle lhe ficou tambem na mão. O Resp.·.^mo lhe pegou na mão, apoiando os quatro dedos sobre o pulso, e pé direito contra pé direito, joelho direito, contra joelho direito, peito direito contra peito direito, e a mão esquerda nas costas. Nesta posição o levanta, dizendo: M.·. H.·. B.·., palavra que significa: *Está quasi podre até aos ossos*, e que veio a ser a palavra sagrada de M.·.

P. Pois que fostes levantado pelos cinco pontos da Maç.·., explicai-m'os.

R. A mão contra mão significa que sempre estarei prompto para extender a mão em soccorro do meu Ir.·.: 2° Pé contra pé que sempre serei prompto a voar em defeza e amparo dos meus II.·.: 3° joelho contra joelho, que curvado perante o Ente Supremo nunca delles me esquecerei nos votos que lhe dirigir: 4° Peito contra peito, que os segredos que elles me tiverem confiado, ali serão guardados inviolavelmente: 5° A mão esquerda nas costas que quanto em mim couber defenderei os meus II.·. de todos os perigos que os ameaçarem.

P. Para que vos privaram de todos os metaes?

R. Porque na construcção do templo, nenhum ruido se ouvio causado pelos golpes de instrumento composto de metal.

P. Porque?

R. Para que não fosse manchado.

P. Como é possivel que um tão vasto edificio fosse construido sem o soccorro de algum instrumento metallico?

R. Porque os materiaes foram preparados nas florestas do Monte Libano, conduzidos sobre carros, e levantados e collocados com malhetes de madeira, feitos expressamente para esse fim.

P. Porque estaveis descalço?

R. Porque o lugar onde fui recebido era terra sagrada, na qual Deos disse a Moysés: *Tira os sapatos, porque isto aqui é terra sagrada.*

P. Quem sustenta a vossa L.·.?

R. Trez grandes pilares.

P. Como se chamam?

R. Sabedoria, Força, e Belleza.

P. Que representam?

R. Trez Gr.·. M.·.: Solomon, Rei d'Israel;

Hiram, Rei de Tyro, e Hiram Abif que foi assassinado.

P. Eram os trez Gr.·. M.·. empregados na construcção do Templo?

R. Sim, Resp.·.^{mo} Solomon traçou o plano conforme a ordem de Deos, e forneceu o dinheiro e mantimentos para os operarios; Hiram forneceu os materiaes, e os fez preparar nas florestas do Monte Libano: e Hiram-Abif dirigio a execução desta grande obra.

FIM

DO REGULADOR DE VENERAVEL.

GUIA

DOS

MAÇONS ESCOCEZES.

1.º Vigilante.

GUIA

DOS

MAÇONS ESCOCEZES,

OU

REGULADORES

DOS TRES GRÁOS SYMBOLICOS

DO

Rito antigo e aceito.

SEGUNDA PARTE.

1.° VIGILANTE.

RIO DE JANEIRO,

TYP. IMP. E CONST. DE SEIGNOT-PLANCHER E C.ª,

Rua d'Ouvidor, N. 95.

1834.

GUIA

DOS MAÇONS ESCOCEZES.

Aprendiz.

ABERTURA DA L.·.

O Ven.·. bate uma pancada de malhete, e diz:

Pergunta. Ir.·. 1° Vig.·. qual é o primeiro dever de um Vig.·. em L.·.?

Resposta. Ver se o Templo está cuberto.

Ven.·. — Certeficai-vos, meu Ir.·.

O Ir.·. 1° Vig.·. diz ao Ir.·. Cobridor que faça o seu dever, e quando este lhe dá conta do resultado, diz:

1° Vig.·. — Ven.·.blo, o Templo está coberto.

Ven.·. — Qual é o segundo dever de um 1° Vig.·. em L.·.?

R. Vêr se todos os II.·. que a compoem são MM.·.

P. Verificai se o são.

R. Elles o são em ambas as columnas.

P. Ir.·. 2° Diacono, qual é o vosso lugar em L.·.?

R. A' direita do 1° Vig.·., se elle o permittir.

P. Para que, meu Ir.·.?

R. Para levar as suas ordens ao 2° Vig.·., e vigiar que os II.·. conservem nas columnas a devida decencia.

P. Onde tem assento o 1° Diacono?

R. Por detraz ou á direita do Ven.·. se elle o permittir.

P. Para que, Ir.·. 1° Diacono?

R. Para levar as vossas ordens ao Ir.·. 1° Vig.·. e a todos os Dignitarios, a fim de que os trabalhos sejam mais promptamente executados.

P. Onde tem assento o 2° Vig.·.?

R. No Meio dia.

P. Para que occupais esse lugar, Ir.·. 2° Vig.·.

R. Para melhor observar o Sol no seu meridiano, enviar os obreiros para o trabalho, e chama-los de novo do trabalho á recreação, a fim que d'ahi venha ao Ven.·. honra e gloria.

P. Onde tem lugar o 1° Vig.·.

R. No Occidente.

P. Para que, Ir.·. 1° Vig.·.?

R. Assim como o Sol se esconde no Occidente para terminar o dia, assim toma ali assento o 1° Vig.·. para fechar a L.·., pagar aos obreiros, e despedi-los contentes e satisfeitos.

P. Onde é o lugar do Ven.·.?

R. No Oriente.

P. Para que, meu Ir.·.

R. Assim como o Sol nasce no Oriente para principiar a sua carreira e romper o dia, assim o Ven.·. ali tem assento para abrir a L.·., dirigi-la nos seus trabalhos, e illumina-la com as suas luzes.

P. A que horas começam os App.·. MM.·. a trabalhar?

R. Ao Meio dia, Ven.·.

P. Que horas são, Ir.·. 2° Vig.·.?

R. Meio dia completo.

O Ven.·. bate tres pancadas de malhete, e voltando-se para o 1° Diacono, ambos fazem o sinal guttural.

O Ven.·. dá ao ouvido do 1° Diacono a palavra sagrada, para abrir a L.·. d'Ap.·. M.·. do Rito Escocez, antigo e aceito.

O 1° Diacono a passa ao 1° Vig.·., que pelo seu Diacono a envia ao 2° Vig.·., e este depois de a ter recebido, bate uma pancada de malhete e diz: *Ven.·., tudo está certo e perfeito.*

O Ven.·, abre a L.·., applaude, faz ler a prancha dos ultimos trabalhos, e diz:

Ven.·. — II.·. 1° e 2° Vig.·., inquiri dos II.·. que ornam as vossas columnas, se algumas observações teem a fazer sobre a redacção da prancha.

O 1° Vig.·. repete o annuncio.

O 2° Vig.·. faz o mesmo.

1° Vig.·. — Reina o silencio em ambas as columnas.

Se porem algum Ir.·. tiver observações a fazer, o 1° Vig.·. bate e diz:

1° Vig.·. — Ven.·.blo, o Ir.·. N..... pede a palavra.

Os Vig.·. annunciam quando alguem bate á porta do Templo.

RECEPÇÃO.

Quando o Ir.·. Experto conduz o Neophyto, o 1° Vig.·. dá uma pancada de malhete e diz:

1° Vig.·. — *(Com voz forte.)* Ven.·.blo batem profanamente á porta do Templo.

Quando annunciam ao 1° Vig.·. achar-se concluida a primeira viagem do Candidato, diz:

1° Vig.·. — Ven.·.blo, está feita a primeira viagem.

Na segunda viagem, quando o Conductor do

Recipiendario lhe bate tres pancadas sobre o hombro.

1° Vig.·. Quem vem lá?

R. Um profano que quer ser recebido M.·.

1° Vig. — Como pode elle conceber tal esperança?

R. Porque nasceu livre, e é de bons costumes.

1° Vig.·. — Pois que assim é, passe.

Acabadas as viagens, pergunta o Ven.·. ao 1° Vig.·. se elle julga o Candidato digno de ser admittido.

1° Vig.·. — Sim Ven.·.blo

Ven.·. — Que pedis em seu favor?

1° Vig.·. — Que se lhe dê a luz.

Depois que o 1° Vig.·. recebe as palavras, sinaes etc. do aspirante, e que o 2° Vig.·. as tem tambem recebido, diz:

1° Vig.·. — Ven.·.blo, as palavras, sinaes e toques estão certos e perfeitos.

Quando o Ven.·. lh'o ordena, diz:

1° Vig.·. — II.·. que ornais a minha columna, prestai attenção; o Ven.·. vai proclamar o Neophyto, membro desta Resp.·. Officina.

O Ir.·. 2° Vig.·. repete o annuncio aos II.·. da columna do meio dia.

1° Vig.·. — Está annunciado, Ven.·.blo

O Ven.·. proclama, e os Vig.·. repetem trez vezes o seguinte:

1° Vig.·. — O Ven.·. proclama pela primeira vez o Ir.·. N..... Ap.·. M.·. do Rito Escocez antigo e aceito, *(á terceira vez acrescenta:)* e membro activo desta Resp.·. Officina. Por isso convida o Ven.·. a todos os II.·. a que como tal o reconheçam, e lhe prestem auxilio e soccorro, sempre que delles possa precisar.

Depois que o Ir.·. Secretario tiver lido o esboço dos trabalhos, dirá, quando o Ven.·. lh'o ordenar.

1° Vig.·. — II.·. que ornais a minha columna, tendes algumas observações a fazer sobre a redacção do esboço dos trabalhos deste dia?

Quanto ao resto, segue-se o que se pratica na sancção da prancha dos ultimos trabalhos.

ENCERRAMENTO.

(Faz-se do mesmo modo que a abertura dos trabalhos deste gráo.)

INSTRUCÇÃO.

P. Ir.·. 1° Vig.·., ha alguma cousa entre vós e o Ven.·.?

R. Um culto.

P. Qual é?

R. E' segredo.

P. Que segredo é esse?

R. A Maçonaria.

P. Sois vós M.·.?

R. Todos os meus II.·. por tal me reconhecem.

P. Que homem deve ser M.·.?

R. O que tiver nascido livre.

P. Como vos preparastes para ser recebido M.·.?

R. Principiando pelo coração.

P. Aonde fostes depois conduzido?

R. A uma camara contigua á L.·.

P. Como estaveis preparado?

R. Nem estava nú nem vestido: tiraram-me todos os metaes, e com uma corda ao pescoço fui conduzido á porta do Templo pela mão de um amigo, que depois reconheci por meu Ir.·.

P. Como soubestes que estaveis á porta da L.·., se tinheis os olhos vendados?

R. Porque ali me fizeram parar, e fui depois admittido.

P. Como fostes admittido?

R. Por uma grande pancada.

P. Que vos disseram?

R. Quem vem lá? Ao que respondi: Um que quer ser admittido nesta Resp.·. L.·. dedicada a S. João d'Escocia.

P. Como pudestes conceber essa esperança?

R. Porque nasci livre, e sou de bons costumes.

P. Que vos disseram então?

R. Que declarasse o meu nome, sobrenome, idade, qualidade civil, religião e patria.

P. Que vos mandaram fazer depois disso?

R. Mandaram-me entrar.

P. Como entrastes?

R. Tendo a ponta de uma espada, ou de uma outra arma, assentada no peito.

P. Que vos perguntaram?

R. Se sentia, ou via alguma cousa.

P. Que respondestes?

R. Que sentia, mas que nada via.

P. Por quem fostes recebido depois da vossa entrada.

R. Pelo 2° Vig.·.

P. Que vos fez elle?

R. Entregou-me ao Ir.·. Experto, que me mandou pôr de joelhos, e tomar parte na Oração que o Ven.·. recitou.

P. Que vos perguntaram depois dessa Oração?

R. Em quem punha a minha confiança.

P. Que respondestes?

R. Em Deos.

P. Que vos fizeram depois?

R. Pegaram-me pela mão direita, fizeram-me levantar, disseram-me que nada receasse, e que sem temor seguisse a mão que me guiava.

P. Aonde vos conduziu esse guia?

R. Fez-me praticar tres viagens.

P. Onde encontrastes o primeiro obstaculo?

R. No meio dia, por detraz da columna do 2° Vig.·., onde bati pacificamente tres pancadas.

P. Que resposta vos deu?

R. Perguntou-me: Quem vem lá?

P. Que respondestes?

R. O mesmo que havia respondido á porta: Um que quer ser recebido M.·.

P. Onde encontras-tes o segundo obstaculo?

R. Por detraz do 1° Vig.·. no Occidente, onde bati tres pancadas, e dei depois as mesmas respostas ás suas perguntas.

P. Onde encontrastes o terceiro obstaculo?

R. Por detraz do Ven.·., onde bati da mesma forma e dei as mesmas respostas.

P. O que ordenou de vós o Ven.·.?

Mandou-me conduzir ao 1° Vig.·. no Occidente para ser instruido.

P. Que intrucção vos deu?

R. Ensinou-me a dar o primeiro passo no angulo de um quadri-longo, a fim de que podesse chegar ao altar, para ali prestar a minha obrigação.

P. Onde a prestastes?

R. No altar dos juramentos, com o joelho esquerdo e o pé direito nùs, o corpo formando uma esquadria, a mão direita sobre a Biblia, o compasso e a esquadria, a mão esquerda segurando o

compasso apoiado no peito esquerdo, e ali prestei o juramento solemne dos MM.·.

P. Depois que prestastes essa obrigação, que vos disseram?

R. Perguntaram-me que mais queria.

P Que respondestes?

R. A luz.

P. Quem vos deu a luz?

R. O Ven.·. e todos os II.·.

P. Quando recebestes a luz, que é que feriu a vossa vista?

R. A Biblia, a esquadria, e o compasso.

P. Que vos disseram significar essas luzes?

R. Tres grandes luzes da Maç.·.

P. Explicai-mas.

R. A Biblia, regula e governa a nossa lei; a esquadria, as nossas acções; e o compasso, nos ensina a regular os movimentos do nosso coração, e a sermos justos para com todos os homens e principalmente com todos os II.·.

P. Que vos mostraram depois?

R. Tres sublimes luzes da Maç.·.; o Sol, a Lua, e o Ven.·. da L.·.

P. Que vos fizeram depois?

R. O Ven.·. me tomou pela mão direita, deume o toque e a palavra, e me disse: Levantai-vos meu Ir.·.

P. Quantos compoem uma L.·.?

R. Tres, cinco, sete.

P. Porque é que tres compoem uma L.·.?

R. Porque houveram tres GG.·. MM.·. empregados na construcção do Templo de Solomon.

P. Porque cinco?

R. Porque todo o homem é dotado de cinco sentidos.

P. Quaes são os cinco sentidos?

R. O ouvido, o olfato, a vista, o paladar, e o tacto.

P. Para que servem na Maç.·.?

R. Tres delles para muito.

P. Explicai-me o seu uso.

R. A vista para ver os signaes: o tacto para sentir o toque e reconhecer o Ir.·., tanto nas trevas como na luz; e o ouvido para ouvir a palavra.

P. Porque é que sete compoem uma L.·.?

R. Porque sete são as sciencias liberaes.

P. Dizei-me quaes são.

R. A grammatica, a rethorica, a logica, a arithmetica, a geometria, a musica, e a astronomia.

P. De que utilidade são essas sciencias na Maç.·.?

R. A grammatica nos ensina a escrever e a fallar.

P. Que nos ensina a rhetorica?

R. A arte de fallar e de discorrer sobre quaesquer objectos.

P. Que nos ensina a arithmetica?

R. O valor dos numeros.

P. Que nos ensina a geometria?

R. A arte de medir a terra, como praticavam os Egypcios, para na mesma quantidade a recuperarem, depois das innundações do Nilo, que frequentemente alaga o paiz. Durante este periodo retiravam-se elles para as montanhas, e como na sua volta se poderiam facilmente originar disputas a respeito da exacta porção de cada um, inventaram elles a geometria, com o soccorro da qual recobravam a sua justa quantidade de terreno. Esta mesma regra tem sido conservada e praticada pelas mais Nações.

P. Que nos ensina a musica?
R. A virtude dos sons.
P. Que nos ensina a astronomia?
R. O conhecimento dos corpos celestes.
P. Que forma tem a vossa L.·.?
R. A de um quadri-longo.
P. De que largura é?
R. Do Oriente ao Occidente.
P. De que comprimento?
R. Do Meio dia ao Septentrião.
P. De que altura?
R. Da terra aos Ceos.
P. Que profundidade tem?
R. Da superficie da terra ao centro.
P. Porque?
R. Porque a Maç.·. é universal.
P. Porque razão está a vossa L.·. situada do Oriente ao Occidente?
R. Porque assim o estão todas as L.·.
P. E porque?
R. Porque no Oriente principiou o Evangelho a ser pregado, e se extendeu depois ao Occidente.
P. Quem sustenta a vossa L.·.?
R. Tres grandes pilares.
P. Como se chamam?
R. Sabedoria, Força, e Belleza.
P. O que representa o pilar da Sabedoria?
R. O Ven.·. no Oriente.
P. O que representa o pilar da Força?
R. O 1° Vig.·. no Occidente.
P. O que representa o pilar da Belleza?
R. O 2° Vig.·. no meio dia.
P. Porque representa o Ven.·. o pilar da Sabedoria?

R. Porque dirige os operarios, e mantem a ordem.

P. Porque representa o 1° Vig.·. o pilar da Força?

R. Porque o Sol termina a sua carreira no Occidente, assim como o 1° Vig.·. ali toma assento para pagar aos obreiros, cujos salarios são a força e a manutenção da sua existencia.

P. Porque representa o 2° Vig.·. a Belleza?

R. Porque se assenta ao Sul, que é o centro da Belleza, para fazer repousar os obreiros e chama-los de novo da recreação para o trabalho, a fim de que ao Ven.·. resulte honra e gloria.

P. Porque dizemos nós que a L.·. é sustentada por tres grandes pilares?

R. Porque a Sabedoria, a Força, e a Belleza são o complemento de tudo, e porque sem isso nada é duravel.

P, Porque?

R. Porque a Sabedoria inventa, a Força sustenta, e a Belleza adorna.

P. Está coberta a vossa L.·.?

R. Sim, por uma abobada celeste de variegadas nuvens.

P. D'onde sopram os ventos para os MM.·.?

R. Do Oriente para o Occidente.

GUIA

DOS

MAÇONS ESCOCEZES.

Companheiro.

GUIA
DOS MAÇONS ESCOCEZES.

Companheiro.

ABERTURA DA L.·.

O 1° Vig.·., depois do Ven.·. lh'o ordenar, diz:

1° Vig.·. — Os II.·. App.·. são convidados a cobrir o Templo.

Depois de sahirem os App.·., diz:

1° Vig.·. — Ven.·.blo, os App.·. cobriram o Templo.

Ven.·. — Ir.·. 1° Vig.·., qual é o primeiro dever de um Vig.·. em L.·. de Companheiro.

1° Vig.·. — O de assegurar-se se todos os II.·. presentes são Companheiros. *(Accrescenta.)* Meus II.·. voltai-vos para o Oriente.

Ven.·. — Verificai se o são, II.·. 1° e 2° Vig.·.

Os Vig.·. percorrem as suas respectivas columnas para verificarem os sinaes, toques e palavras de passe de cada Ir.·. principiando pelo que fica immediato á columna.

O 1° Vig.·. manda o 2° Diacono levar a palavra sagrada ao 2° Vig.·., depois que a recebe do Ven.·.

O 1° Vig.·. repete e executa tudo o que lhe ordena o Ven.·.

RECEPÇÃO.

Ven.·. — *(Ao 1° Vig.·.)* Vede quem assim bate, meu Ir.·.!

1° Vig.·. — *[Ao 2° Vig.·.]* Vede quem bate, Ir.·. 2° Vig.·.?

O M.·. de Cer.·. responde:

M.·. de Cer.·. — Sou eu que conduzo um Ap.·. que deseja passar da perpendicular ao nivel.

O Ir.·. Cobridor repete a resposta ao 2° Vig.·., o 2° Vig.·. ao 1°, e este ao Ven.·.

1° Vig.·. — E' o Ir.·. M.·. de Cer.·., que conduz um Ap.·. que deseja passar da perpendicular ao nivel.

As perguntas e respostas passam successivamente do Ir.·. Cobridor ao 2° Vig.·. do 2° Vig.·. ao 1°, e deste ao Ven.·.

Quando o 2° Vig.·. lhe annuncia estar feita a primeira viagem, diz:

1° Vig.·. — Ven.·.blo, está feita a primeira viagem.

Faz se igual annuncio quando se terminam as outras viagens.

Quando o 1° Vig.·. recebe do Candidato o toque, bate uma pancada de malhete, e diz;

1° Vig.·. — O toque está certo, Ven.·.blo

Depois que o Ir.·. Experto recebe as palavras, sinaes e toque, responde ao Ven.·. que tudo está certo e perfeito.

O 1° Vig.·. repete por seu turno a acclamação do Ven.·.

Quando lh'o ordenam, dizem os Vig.·.:

1° Vig.·. — II.·. que ornais a minha columna, tendes alguma observação a fazer a bem da Ordem em geral, ou desta R.·. L.·. em particular?

Pratica-se o mesmo quando se pergunta se algumas observações ha a fazer á redacção do esboço dos trabalhos.

ENCERRAMENTO.

(Pratica-se exactamente o mesmo como na abertura da L.·.)

INSTRUCÇÃO.

P. Sois vós Companheiro?
R. Sim, Ven.·.blo, examinai-me.
P. Onde fostes recebido Companheiro?
R. N'uma L.·. regular de Companheiro.
P. Como fostes preparado?
R. Nem estava nú, nem vestido; os pés nem os tinha calçados nem descalços, e privado de todos os metaes fui conduzido assim por um Ir.·. á porta da L.·.
P. Como fostes admittido?
R. Por tres pancadas.
P. Que vos disseram?
R. Quem vem lá?
P. Que respondestes?
R. Um Ap.·. que acabou o seu tempo, e deseja ser recebido Companheiro.
P. Como pudestes conceber essa esperança?
R. Pela palavra de passe.
P. Sabeis pois a palavra de passe?
R. Sim, Ven.·.blo
P. Dai-ma.
R. (Dá-se.)
P. Que vos disseram então?
R. Passe Sch.......
P. Que vos fizeram depois?
R. Fizeram-me praticar cinco viagens em roda da L.·.

P. Onde encontrastes a primeira opposição?

R. Por detraz do 1º Vig.·., onde dei a mesma resposta que tinha dado á porta.

P. Onde encontrastes a segunda opposição?

R. Por detraz do Ven.·., onde dei a mesma resposta.

P. O que vos fez elle?

R. Enviou-me ao 1º Vig.·. para por elle ser instruido.

P. Como vos instruio?

R. Ensinou-me o meu dever, e a dar dous passos sobre o segundo gráo de um angulo recto de um quadri-longo, com o joelho direito inclinado, o pé esquerdo formando uma esquadria, o corpo direito, a dextra sobre a Biblia, o braço esquerdo sustentando a ponta de um compasso formando uma esquadria; e neste estado prestei a minha obrigação.

P. Conservastes na memoria essa obrigação?

R. Sim, Ven.·.blo

P. Tende a bondade de repeti-la.

R. Eu o farei se me ajudardes.

P. Levantai-vos, e principiai.

R. Juro de minha propria vontade, etc.

P. Que vos mostraram depois deste juramento

R. O sinal de Companheiro.

P. Que vos fez depois o Ven.·.?

R. Mandou que me dessem os meus vestidos, e que voltasse para agradecer á L.·. a minha admissão.

P. Depois de admittido Companheiro, trabalhastes nessa qualidade?

R. Sim, Ven.·.blo, trabalhei na construcção do Templo.

P. Onde recebestes o vosso salario?

R. Na columna J.·.

P. Que vistes quando chegastes a essa columna ?

R. Um Vig.·.

P. Que vos perguntou elle ?

R. A palavra de passe.

P. Destes-lha ?

R. Sim, Ven.·.blo

P. Qual é ?

R. Sch......

P. Como chegastes á columna J.·. ?

R. Pelo portico do Templo.

P. Vistes então alguma cousa notavel ?

R. Sim, Ven.·.blo

P. Que vistes ?

R. Duas bellas columnas de bronze.

P. Como se chamam ?

R. B.·...... e J.·......

P. Que altura tinham essas columnas ?

R. Vinte e cinco pés cubos, com um capitel de cinco pés cubos, que fazem quarenta pés de altura. *(Vede o 2° Chro.·. Cap.·. 3° v. 15; segundo a Biblia o cubo é um pé e seis polegadas Inglezas.)*

P. Como terminavam, e como eram ornados os capiteis ?

R. Com fios de liz, e de romãs.

P. Eram as columnas ocas ?

R. Sim, Ven.·.blo

P. De que espessura era a capa exterior ?

R. De quatro polegadas.

P. Onde foram fundidas ?

R. Na planicie do Jordão, n'uma terra argilla, entre Succoth e Zarthan, onde os vasos sagrados de Solomon foram tambem fundidos.

P. Quem os fundio ?

R. Hiram-Abif.

GUIA

DOS

MAÇONS ESCOCEZES.

Mestre.

GUIA
DOS MAÇONS ESCOCEZES.

Mestre.

ABERTURA DA L.·.

Resp...^{mo} — Ven.·.^{blo} Ir.·. 1° Vig.·. qual é o dever de um 1° Vig.·. antes de abrir a L.·. de M.·.?

R. Assegurar-se se o Templo está coberto interna e externamente.

Resp.·.^{mo} — Assegurai-vos, Ven.·.^{blos} II.·.

O Ven.·.^{blo} 1° Vig.·. envia o seu Diacono, o qual ao voltar lhe assegura que o Templo está bem coberto, e então diz elle?

1° Vig.·. — Resp.·.^{mo}, a L.·. de M.·. está coberta.

Resp.·.^{mo}—Qual é o vosso segundo dever, Ven.·.^{blo} Ir.·. 1° iVg.·.?

R. Assegurar-me se todos os II.·. presentes são M.·.

O Resp.·.^{mo} dá a ordem de assegurar-se do facto.

1° Vig.·. — Meus II.·., voltai-vos para o Oriente.

Faz a verificação, principiando pelo ultimo Ir.·. Depois de haver recebido a resposta do 2.° Vig.·. diz;

1° Vig.·. — Resp.·.^{mo}, todos os II.·. presentes são M.·.

Resp.·.^{mo} — Ven.·. Ir.·. 2° Diacono, qual é o vosso lugar em L.·. de M.·.?

R. Por detraz ou á direita do 1° Vig.·. se elle o permittir.

P. Para que, Ven.·. Ir.·.?

R. Para levar as ordens do 1° Vig.·. ao 2°, e vigiar que nas columnas reine a devida decencia.

P. Qual é o lugar do 1° Diacono?

R. A' direita da Resp.·.^mo

P. Para que, meu Ir.·. 1° Diacono?

R. Para levar as ordens do Resp.·.^mo ao Ven.·.^blo Ir.·. 1° Vig.·., e a todos os II.·. da L.·., a fim de que os trabalhos sejam mais promptamente executados.

P. Onde se assenta o Ven.·.^blo Ir.·. 2° Vig.·.?

R. No Meio dia, Resp.·.^mo

P. Para que, Ven.·.^blo Ir.·. 2° Vig.·.?

R. Para melhor observar o Sol no seu meridiano, chamar os obreiros do trabalho para a recreação e da recreação para o trabalho a fim de que ao Resp.·.^mo resulte honra e gloria.

P. Qual é o lugar do 1° Vig.·.?

R. No Occidente, Resp.·.^mo

P. Para que, Ven.·.^blo Ir.·. 1° Vig?

R. Assim como o Sol tramonta no Occidente quando termina o dia, assim o 1° Vig.·. ali se colloca para fechar a L.·., pagar aos obreiros e despedi-los contentes e satisfeitos.

P. Qual é o lugar do Resp.·.^mo?

R. No Oriente:

P. Porque, Ven.·.^blo Ir.·. 1° Vig.·.?

R. Assim como o Sol nasce no Oriente para romper o dia, assim o Resp.·.^mo ali se assenta para abrir a L.·., dirigir os seus trabalhos, e illumina-la com as suas luzes.

O Resp.·.^{mo} bate 3 pancadas iguaes, que são repetidas pelos Vig.·.

O Resp.·.^{mo} volta-se para o 1° Diacono, descobre-se, dá-lhe a palavra de M.·. e torna a cubrir-se. O 1° Diacono vai passa-la ao 1° Vig.·. que a envia pelo 2° Diacono ao 2° Vig.·.

RECEPÇÃO.

Feito o reconhecimento, diz:

1° Vig.·. — Resp.·.^{mo}, o Ven.·. M.·. de Cer.·. acha-se á porta do Templo; elle apresenta um Comp.·. que acabou o seu tempo, e que deseja ser admittido ao grão de M.·.

Quando o Ven.·. lhe ordena, passa o Vig.·. á porta do Templo para examinar o Candidato.

1° Vig.·. — (*Em voz alta, entre as duas portas*) A sua audacia é extrema. O seu procedimento annuncia uma maldade refinada. Estou certo que vem expiar o que aqui se passa, ou illudir a nossa boa fé.

Examina com mais attenção; revista-lhe a mão direita, e repellindo-o, diz:

1° Vig.·. — Ceos é elle! (agarra-o pelo colarinho, e com voz ameaçadora). Falla, desgraçado! Como darás a palavra de passe? quem t'a communicou.

O Candidato responde: o meu conductor a dará por mim, pois que eu a não conheço.

1° Vig.·. — Resp.·.^{mo}, o Comp.·. confessa que não conhece a palavra de passe, mas que o seu conductor a dará por elle.

Resp.·.^{mo} — Fazei que a dê.

O conductor dá a palavra de passe.

1° Vig.·. — Resp.·.^mo está justa.

Quando o Resp.·.^mo diz: este segundo lhe deu uma violenta pancada com a esquadria, de que estava armado, o 1° Vig.·. dá uma pancada com a esquadria no peito do Candidato.

Quando o Ven.·. lho ordena, passa para a direita com a metade dos M.·.; faz tres vezes o giro do ataúde, e diz:

1° Vig.·. — Nossas diligencias foram inuteis.

Quando de novo lho ordenam, fez quatro viagens para a direita; levanta o panno, toma o ramo de *acacia*, entrega-o ao Recipiendario, faz-lhe collocar a mão direita sobre o peito e diz ao Resp.·.^mo:

1° Vig.·. — Encontrei uma cova aberta de fresco, aonde ha um cadaver que presumo ser o do nosso Resp.·.^mo M.·. Hiram, e ali plantei um ramo de acacia para reconhecer facilmente o lugar. Depois do 2° Vig.·. pegar no primeiro dedo do Recipiendario, pega o 1° no segundo dedo, e diz:

1° Vig.·. — J..... a carne deixa os ossos.

Ao levantar o Recipiendario, pega-lhe o 1° Vig.·. pelo cotovello e hombro.

———

ENCERRAMENTO.

(Como nos outros gráos.)

INSTRUCÇÃO.

P. Aonde fostes recebido?
R. No Occidente.
P. Aonde ides?
R. Ao Oriente.
P. Porque deixais o Occidente para ir ao Oriente?
R. Porque primeiro raiou no Oriente a luz do Evangelho.
P. Que ieis fazer no Oriente?
R. Procurar uma L.·. de M.·.
P. Sois M.·.?
R. Os M.·. por tal me reconhecem.
P. Onde fostes recebido?
R. N'uma L.·. de M.·.
P. Como vos prepararam para serdes recebido M.·.?
R. Com os pés descalços, os braços e o peito nús, privado de todos os metaes, e com uma esquadria presa ao braço direito, fui conduzido á porta da L.·.
P. Como fostes admittido?
R. Por tres pancadas distinctas.
P. Que vos perguntaram?
R. Quem vem lá?
P. Que respondestes?
R. Um Maç.·. que acabou o tempo de Ap.·. e de Com.·., e que deseja ser recebido M.·.
P. Como o alcançastes?

R. Por uma palavra de passe.
P. Dai-ma.
R. (Dá-a) T. . . . .
P. Que vos disseram depois?
R. Entrai, T. . . .
P. Que fizeram de vós?
R. Obrigáram-me a fazer o giro da L.·.
P. Onde encontrastes o primeiro obstaculo!
R. Por detraz do 2° Vig.·.
P. Que vos perguntou elle?
R. O mesmo que me haviam perguntado á porta.
P. O que fez de vós?
R. Fez-me conduzir ao Occidente, ao Ven.·.blo 1° Vig.·.
P. E que vos fez este?
R. Fez que me conduzissem ao Resp.·.mo
P. E o que vos ordenou este?
R. Re-enviou-me ao Ven.·.blo 1° Vig.·., para que me instruisse.
P. E como vos instruiram?
R. Quando cheguei ao Occidente, ensinou-me a subir ao Oriente como M.·., fazendo o sinal de Ap.·., e a marchar sobre o angulo recto de um quadri-longo; a dar mais dous passos sobre o segundo gráo do mesmo quadrado, com os pés formando a esquadria e fazendo o sinal de Comp.·.; finalmente o passo de M.·. sobre o mesmo quadri-longo. Chegado ao altar, fizeram-me pôr de joelhos, a mão direita sobre a Biblia, as pontas do compasso sobre os peitos, e nesta attitude prestei o juramento solemne.
P. Podeis repeti-lo?
R. Sim Resp.·.mo, se me ajudardes.
P. Levantai-vos, e principiai.

R. Eu N..... de minha livre vontade, etc.

P. Que vos ensinaram depois?

R. O sinal de M.·.

P. Dai-mo.

R. (Dá-o)

P. Que vos fizeram depois?

R. O Resp.·.mo me tomou pela mão e me deu o toque.

P. Que toque era?

R. O de App.·.

P. Tem nome esse toque?

R. Sim, Resp.·.mo

P. Dai-mo.

R. (Dá-o da maneira que lho deram) B.·.

P. Podeis ir mais longe?

R. Sim, prosegui e eu vos seguirei. Poz a unha do seu dedo polegar entre a primeira e a segunda phalange, que é o toque de passe, e eu lhe respondi por Sch.......

P. Que vos fez depois?

R. Deu-me o toque de Comp.·. dizendo: Que é isto? (a unha do dedo polegar sobre a segunda phalange).

P. Que respondestes?

R. O toque de Comp.·.

P. Dai-mo.

R. J......

P. Que vos disseram então?

R. Que eu ia representar um dos maiores homens do mundo M.·., o nosso Resp.·. M.·. Hiram-Abif que foi assassinado quando o Templo tocava quasi a meta da sua perfeição.

P. O que se vos fez, depois da narração do costume?

R. Conduziram-me aos Ven.·.blos 1.º e 2.º Vig.·. e ao Resp.·.mo os quaes me fizeram as perguntas que Jubelas, Jubelos e Jubelum haviam feito a Hiram, e me espancaram da mesma maneira.

P. E que vos fizeram mais?

R. Depois de ter recebido sobre a cabeça a pancada de malhete, extenderam-me por terra.

P. Que vos disseram então?

R. Que representava Hiram-Abif depois da sua morte.

P. E que mais vos disseram?

R. O Resp.·.mo preseguiu com a historia de Hiram-Abif.

P. Como levantaram os enviados de Solomon o corpo de Hiram-Abif?

R. Pelos cincos pontos da Maç.·.

P. Quaes são esses pontos!

R. Principiou o Ven.·.blo 2º Vig.·. por pegar-lhe no dedo index, sobre o qual os App.·. dão o seu toque, mas por effeito da putrefação, a pelle se separou e lhe ficou na mão. Então o Ven.·.blo 1º Vig.·. lhe pegou no segundo dedo, no qual os Comp.·. dão o toque, e a pelle lhe ficou tambem na mão. O Resp.·.mo lhe pegou na mão, apoiando os quatro dedos sobre o pulso, e pé direito contra pé direito, joelho direito, contra joelho direito, peito direito contra peito direito, e a mão esquerda nas costas. Nesta posição o levanta, dizendo: M.·. H.·. B.·., palavra que significa: *Está quasi podre até aos ossos*, e que veio a ser a palavra sagrada de M.·.

P. Pois que fostes levantado pelos cinco pontos da Maç.·., explicai-m'os.

R. A mão contra mão significa que sempre esta·

rei prompto para extender a mão em soccorro do meu Ir.·.: 2° Pé contra pé que sempre serei prompto a voar em defeza e amparo dos meus II.·.: 3° joelho contra joelho, que curvado perante o Ente Supremo nunca delles me esquecerei nos votos que lhe dirigír: 4° Peito contra peito, que os segredos que elles me tiverem confiado, ali serão guardados inviolavelmente: 5° A mão esquerda nas costas que quanto em mim couber defenderei os meus II.·. de todos os perigos que os ameaçarem.

P. Para que vos privaram de todos os metaes?

R. Porque na construcção do templo, nenhum ruido se ouvio causado pelos golpes de instrumento composto de metal.

P. Porque?

R. Para que não fosse manchado.

P. Como é possivel que um tão vasto edificio fosse construido sem o soccorro de algum instrumento metallico?

R. Porque os materiaes foram preparados nas florestas do Monte Libano, conduzidos sobre carros, e levantados e collocados com malhetes de madeira, feitos expressamente para esse fim.

P. Porque estaveis descalço?

R. Porque o lugar onde fui recebido era terra sagrada, na qual Deos disse a Moysés: *Descalça-te porque isto aqui é terra sagrada.*

P. Quem sustenta a vossa L.·.?

R. Trez grandes pilares.

P. Como se chamam?

R. Sabedoria, Força, e Belleza.

P. Que representam?

R. Trez Gr.·. M.·.: Solomon, Rei d'Israel; Hiram, Rei de Tyro, e Hiram Abif que foi assassinado.

P. Eram os trez Gr.·. M.·. empregados na construcção do Templo?

R. Sim, Resp.·.^mo^ Solomon traçou o plano conforme a ordem de Deos, e forneceu o dinheiro e mantimentos para os operarios; Hiram forneceu os materiaes, e os fez preparar nas florestas do Monte Libano: e Hiram-Abif dirigio a execução desta grande obra.

FIM

DO

REGULADOR DO PRIMEIRO VIGILANTE.

GUIA

DOS

MAÇONS ESCOCEZES.

2.° Vigilante.

GUIA

DOS

MAÇONS ESCOCEZES,

OU

REGULADORES

DOS TRES GRÁOS SYMBOLICOS

DO

Rito antigo e aceito.

TERCEIRA PARTE.

2.° VIGILANTE.

RIO DE JANEIRO,

TYP. IMP. E CONST. DE SEIGNOT-PLANCHER E C.ª,

Rua d'Ouvidor, N. 95.

1834.

GUIA

DOS MAÇONS ESCOCEZES.

Aprendiz.

ABERTURA DA L.·.

Ven.·. — Porque, meu Ir.·. 2° Vig.·.?

2° Vig.·. — Para melhor observar o Sol no seu meridiano, enviar os obreiros para o trabalho, e chama-los de novo do trabalho á recreação, a fim que d'ahi resulte ao Ven.·. honra e gloria.

P. Onde tem lugar o 1° Vig.·.?

R. No Occidente.

Depois de receber do Diacono a palavra sagrada:

2° Vig.·. — Ven.·.blo, tudo está justo e perfeito.

Ven.·. — Que horas são, Ir.·. 2° Vig.·.?

R. Meio dia completo, Ven.·.blo

2° Vig.·. — *(Repete depois do 1° Vig.·.)* II.·. que ornaes a columna do Meio dia, se tendes algumas observações a fazer sobre a redacção da prancha dos nossos ultimos trabalhos, a palavra vos é concedida.

Se ninguem pede a palavra, diz ao 1° Vig.·.

2° Vig.·. — *[Em voz baixa.]* Reina o silencio na minha columna.

Se algum Ir.·. pede a palavra, previne então o 1° Vig.·.

Quando o M.·. de Cer.·. lhe annuncia a entrada de Visitantes, ou de um profano, faz igual annuncio ao 1° Vig.·.

Quando o 1° Vig.·. bate uma pancada de malhete, repete-a sempre o 2°.

RECEPÇÃO.

Quando o Ir.·. Experto lhe communica as perguntas feitas ao Candidato, elle as passa ao 1° Vig.·.

No decurso da primeira viagem, o Conductor do Recipiendario bate tres pancadas sobre o hombro do 2° Vig.·. que se levanta, e diz:

2° Vig.·. — Quem vem lá?

Ir.·. Exp.·. — E' um profano que quer ser recebido M.·.

2° Vig.·. — Como póde conceber essa esperança?

R. Porque nasceu livre, e é de bons costumes.

2° Vig.·. — Pois que assim é, passe.

Quando o Ir.·. Experto lhe annuncia que as palavras, sinaes, e toque estão justos, diz:

2° Vig.·. — Ir.·. 1° Vig.·., as palavras, sinaes e toque estão justos.

Quando lho ordenam, faz a seguinte proclamação:

2° Vig.·. — II.·. que ornaes a columna do Meio dia, o Ven.·.blo proclama (pela primeira segunda ou terceira vez) o Ir.·. N.... Ap.·. M.·. do Rito Escocez, antigo e aceito, e Membro activo desta Resp.·. Officina, e vos convida a que o reconheçaes para o futuro nesta qualidade, e lhe deis auxilio e soccorro sempre que delle necessitar.

Este annuncio repete-se tres vezes.

Depois da leitura do esboço dos trabalhos, diz:

2° Vig.·. — II.·. que ornaes a columna do Meio

dia, tendes algumas observações a fazer sobre a redacção do esboço dos trabalhos deste dia?

ENCERRAMENTO.

Ven.·. — Porque, meu Ir.·. 2° Vig.·.?

R. [*Como quando se abre.*] *Para* melhor observar o Sol no seu meridiano, enviar os obreiros para o trabalho, e chama-los de novo do trabalho á recreação, a fim de que ao Ven.·. resulte honra e gloria.

P. Onde se assenta o 1° Vig.·.?

R. No Occidente.

P. Ir.·. 2° Vig.·., que idade tendes como Ap.·.?

R. Tres annos, Ven.·.blo

P. Que horas são?

R. Meio dia completo, Ven.·.blo

Quando lhe dão a palavra sagrada:

2° Vig.·. — Tudo está justo e perfeito.

INSTRUCÇÃO.

P. Ir.·. 1° Vig.·., ha alguma cousa entre vós e o Ven.·.?

R. Um cúlto.

P. Qual é?

R. E' segredo.

P. Que segredo é esse?

R. A Maçoneria.

P. Sois M.·.?

R. Todos os meus II.·. por tal me reconhecem.

P. Que homem deve ser M.·.?

R. O que tiver nascido livre.

P. Como vos preparastes para ser recebido M.·.:

R. Principiando pelo coração.

P. Aonde fostes depois conduzido?

R. N'uma Camara contigua á L.·.

P. Como estaveis preparado?

R. Nem estava nú nem vestido; tiraram-me todos os metaes, e com uma corda ao pescoço, fui conduzido á porta do Templo pela mão de um amigo, que depois reconheci por meu Ir.·.

P. Como soubestes que estaveis á porta da L.·., se tinheis os olhos vendados?

R. Porque ali me fizeram parar, e fui depois admittido.

P. Como fostes admittido?

R. Por uma grande pancada.

P. Que vos disseram?

R. Quem vem lá? Ao que respondi: Um que quer ser admittido nesta Resp.·. L.·. dedicada a S. João d'Escocia.

P. Como pudestes conceber essa esperança?

R. Porque nasci livre, e sou de bons costumes.

P. Que vos disseram então?

R. Que declarasse o meu nome, sobrenome, idade, qualidade civil, religião e patria.

P. Que vos mandaram fazer depois disso?

R. Mandaram-me entrar.

P. Como entrastes?

R. Tendo a ponta de uma espada ou de uma outra arma, assentada no peito.

P. Que vos perguntaram?

R. Se sentia ou via alguma cousa.

P. Que respondestes?

R. Que sentia, mas que nada via.

P. Por quem fostes recebido depois da vossa entráda?

R. Pelo 2° Vig.·.

P. Que vos fez elle?

R. Entregou-me ao Ir.·. Experto que me mandou ajoelhar, e tomar parte na Oração que o Ven.·. recitou.

P. Que vos perguntaram depois dessa Oração?

R. Em quem punha a minha confiança.

P. Que respondestes?

R. Em Deos.

P. Que vos fizeram depois?

R. Pegaram-me pela mão direita, fizeram-me levantar, disseram-me que nada receasse, e que sem temor seguisse a mão que me guiava.

P. Aonde vos conduzio essa guia?

R. Fez-me praticar tres viagens.

P. Onde encontrastes o primeiro obstaculo?

R. No Meio dia, por detraz da columna do 2° Vig.·., onde bati pacificamente tres pancadas.

P. Que resposta vos deu?

R. Perguntou-me, quem vem lá?

P. Que respondestes?

R. O mesmo que havia respondido á porta: Um que quer ser recebido M.·.

P. Onde encontrastes o segundo obstaculo?

R. Por detraz do 1° Vig.·. no Occidente, onde bati tres pancadas, e dei depois as mesmas respostas ás suas perguntas.

P. Onde encontrastes o terceiro obstaculo?

R. Por detraz do Ven.·., onde bati da mesma forma e dei as mesmas respostas.

P. O que ordenou de vós o Ven.·.?

R. Mandou-me conduzir ao 1° Vig.·. no Occidente para ser instruido.

P. Que instrucção vos deu?

R. Ensinou-me a dar o primeiro passo no angulo de um quadri-longo, a fim de que pudesse chegar ao altar para ali prestar a minha obrigação.

P. Onde a prestastes?

R. No altar dos juramentos, com o joelho esquerdo, e pé direito nús, o corpo formando uma esquadria, a mão esquerda segurando um compasso apoiado no peito esquerdo, e ali prestei o juramento solemne dos MM ∴.

P. Depois que prestastes essa obrigação, que vos disseram?

R. Perguntaram-me, que mais queria.

P. Que respondestes?

R. A luz.

P. Quem vos deu a luz?

R. O Ven.∴. e todos os II.∴.

P. Quando recebestes a luz, que é que ferío a vossa vista?

R. A Biblia, a esquadria e o compasso.

P. Que vos disseram significar essas luzes?

R. Tres grandes luzes da Maç.∴.

P. Explicai-m'as.

R. A Biblia regula e governa a nossa lei; a esquadria as nossas acções; e o compasso nos ensina a regular os movimentos do nosso coração, e a sermos justos para com todos os homens e principalmente com todos os II.∴.

P. Que vos mostraram depois?

R. Tres sublimes luzes da Maç.∴.; o Sol, a Lua e o Ven.∴. da L.∴.

R. Que vos fizeram depois?

R. O Ven.∴. me tomou pela mão direita, deu-me o toque e a palavra, e me disse: Levantai-vos, meu Ir∴.

P. Quantos compõem uma L.·.?

R. Tres, cinco, e sete.

P. Porque razão tres compõem uma L.·.?

R. Porque houveram tres GG.·. MM.·. empregados na construcção do Templo de Solomon.

P. Por que cinco?

R. Porque todo o homem é dotado de cinco sentidos.

P. Quaes são os cinco sentidos?

R. O ouvido, o olfato, a vista, o paladar, e o tacto.

P. Para que servem na Maç.·.?

R. Tres delles para muito.

P. Explicai-me o seu uso?

R. A vista para ver os sinaes; o tacto para sentir o toque e reconhecer o Ir.·. tanto nas trevas como na luz, e o ouvido para ouvir a palavra.

P. Porque razão sete compoem uma L.·.?

R. Porque ha sete scienciaes liberaes.

P. Dizei-me quaes são?

R. A grammatica, a rethorica, a logica, a arithmetica, a geometria, a musica, e a astronomia.

P. De que utilidade são essas sciencias na Maç.·.?

R. A grammatica nos ensina a escrever e a fallar.

P. Que nos ensina a rhetorica?

R. A arte de fallar e de discorrer sobre quaesquer objectos.

P. Que nos ensina a arithmetica?

R. O valor dos numeros.

P. Que nos ensina a geometria?

R. A arte de medir a terra, como praticavam os Egypcios, para na mesma quantidade a recuperarem, depois das innundações do Nilo, que fre-

quentemente alaga o paiz. Durante este periodo retiravam-se elles para as montanhas, e como na sua volta se poderiam facilmente originar disputas a respeito da exacta porção de cada um, inventaram elles a geometria, com o soccorro da qual recobravam a sua justa quantidade de terreno. Esta mesma regra tem sido conservada e praticada pelas mais Nações.

P. Que nos ensina a musica?

R. A virtude dos sons.

P. Que nos ensina a astronomia?

R. O conhecimento dos corpos celestes.

P. Que forma tem a vossa L.·.?

R. A de um quadri-longo.

P. De que largura é?

R. Do Oriente ao Occidente.

P. De que comprimento?

R. Do Meio dia ao Septentrião.

P. De que altura?

R. Da terra aos Ceos.

P. Que profundidade tem?

R. Da superficie da terra ao centro.

P. Porque?

R. Porque a Maç.·. é universal.

P. Porque razão está a vossa L.·. situada do Oriente ao Occidente?

R. Porque assim o estão todas as LL.·.

P. E porque?

R. Porque no Oriente principiou o Evangelho a pregar-se, e se extendeu depois ao occidente.

P. Quem sustenta a vossa L.·.?

R. Tres grandes pilares.

P. Como se chamam?

R. Sabedoria, Força, e Belleza.

P. O que representa o pilar da Sabedoria?
R. O Ven.·. no Oriente.
P. O que representa o pilar da Força?
R. O 1° Vig.·. no Occidente.
P. O que representa o pilar da Belleza?
R. O 2° Vig.·. no meio dia,
P. Porque representa o Ven.·. o pilar da Sabedoria?
R. Porque dirige os operarios e mantem a ordem.
P. Porque representa o 1° Vig.·. o pilar da Força?
R. Porque o Sol termina a sua carreira no Occidente, assim como o 1° Vigilante ali toma assento para pagar aos obreiros, cujos salarios são a força e a manutenção da sua existencia.
P. Porque representa o 2° Vig.·. o pilar da Belleza?
R. Porque se assenta ao Sul, que é o centro da Belleza, para fazer repousar os obreiros, e chama-los de novo da recreação ao trabalho, a fim de que ao Ven.·. resulte honra e gloria.
P. Porque dizemos nós que a L.·. é sustentada por tres grandes pilares?
R. Porque a Sabedoria, a Força, e a Belleza, são o complemento de tudo, e porque sem isso nada é duravel
P. Porque?
R. Porque a Sabedoria inventa, a Força sustenta, e a Belleza a orna.
P. Está coberta a vossa L.·.?
R. Sim, por uma abobada celeste de variegadas nuvens.
P. D'onde sopram os ventos para os MM.·.?
R. Do Oriente para o Occidente.

GUIA
DOS
MAÇONS ESCOCEZES.

Companheiro.

GUIA

DOS MAÇONS ESCOCEZES.

Companheiro.

ABERTURA DA L.·.

Depois do primeiro Vig.·. ter annunciado, diz o 2°:

2° Vig.·. — II.·. que ornais a columna do Meio-dia, eu vos previno que os trabalhos de Ap.·. se acham suspensos e que vamos passar aos de Com.·. — Os II.·. App.·. são convidados a cubrir o Templo.

O Ir.·. 2° Vig.·. precorre a columna do Meio-dia, principiando pelo ultimo Ir.·. para verificar se todos são Comp.·., e voltando ao seu lugar, diz:

2° Vig.·. — Ir.·. 1° Vig.·. todos os II.·. da columna do Meio-dia são Comp.·.

Depois de receber a palavra sagrada:

2° Vig.·. — Tudo está justo e perfeito Ven.·.blo

RECEPÇÃO.

2° Vig.·. *[Depois que lho annunciam]* Ir.·. 1° Vig.·., é um Ap.·. que deseja passar da perpendicular ao nivel.

As perguntas e respostas passam successivamente do Cobridor ao 2° Vig.·., deste ao 1°, e do 1° ao Ven.·.

Ven.·. — Ir.·. 2° Vig.·., que dirigis a columna dos App.·. dizei-me se o Ir.·. que deseja passar da perpendicular ao nivel, acabou o seu tempo, e se os M.·. da sua columna estão satisfeitos com o seu trabalho.

2° Vig.·. — Sim Ven.·.

Ven.·. — Consentem todos os II.·. na sua elevação?

Todos extendem a mão.

2° Vig.·. — [*Ao* 1° *Vig.·. depois da primeira viagem.*]

Ir.·. 1° Vig.·. está feita a primeira viagem.

O 2° Vig.·. repete o mesmo annuncio em todas as outras viagens.

Ven.·. — II.·. 1° e 2° Vig.·. annunciai etc.

2° Vig.·. — II.·. que ornaes a columna do Meio-dia, o Ven.·. vos convida a applaudir a recepção do Ir N...... no gráo de Comp.·. desta Resp.·. Officina.

Depois de lho ordenarem, diz:

2° Vig.·. — II.·. que ornaes a columna do Meio-dia, tendes algumas observações a fazer a bem da ordem em geral, ou desta Resp.·. L.·. em particular?

Faz-se igual annuncio, quando se pergunta se ha quem deseje fazer observações sobre a redacção do esboço dos trabalhos.

ENCERRAMENTO.

(O encerramento da L.·. de Comp.·., faz-se da mesma maneira que a abertura.)

INSTRUCÇÃO.

P. Sois vós Comp.·.?
R. Sim, Ven.·.blo, examinai-me.
P. Onde fostes recebido Comp.·.?
R. N'uma L.·. regular de Comp.·.
P. Como fostes preparado?
R. Nem estava nú, nem vestido; os pés nem os tinha calçados nem descalços, e privado de todos os metaes fui conduzido assim por um Ir.·. á porta da L.·.
P. Como fostes admittido?
R. Por tres pancadas.
P. Que vos disseram?
R. Quem vem lá?
P. Que respondestes?
R. Um Ap.·. que acabou o seu tempo, e deseja ser recebido Comp.·.
P. Como pudestes conceber essa esperança?
R. Pela palavra de passe.
P. Sabeis pois a palavra de passe?
R. Sim, Ven.·.blo
P. Dai-ma.
R. (Dá-se.)
P. Que vos disseram então?
R. Passe Sch.......
P. O que vos fizeram depois?
R. Fizeram-me praticar cinco viagens em roda da L.·.

P. Onde encontrastes a primeira opposição?

R. Por detraz do 1° Vig.·., onde dei a mesma resposta que tinha dado á porta.

P. Onde encontrastes a segunda opposição?

R. Por detraz do Ven.·., onde dei a mesma resposta.

P. O que vos fez elle?

R. Enviou-me ao 1° Vig.·. para por elle ser instruido.

P. Como vos instruio?

R. Ensinou-me o meu dever, e a dar dous passos sobre o segundo gráo de um angulo recto de um quadri-longo, com o joelho direito inclinado, o pé esquerdo formando uma esquadria, o corpo direito, a dextra sobre a Biblia, o braço esquerdo sustentando a ponta de um compasso formando uma esquadria; e neste estado prestei a minha obrigação.

P. Conservastes na memoria essa obrigação?

R. Sim Ven.·.blo

P. Tende a bondade de repeti-la?

R. Eu o farei se me ajudardes.

P. Levantai-vos e principiai?

R. Juro de minha propria vontade etc.

P. Que vos mostraram depois deste juramento?

R. O sinal de Comp.·.

P. Que vos fez depois o Ven.·.?

R. Mandou-me que me dessem os meus vestidos e que voltasse para agradecer á L.·. a minha admissão.

P. Depois de admittido Comp.·. trabalhestes nessa qualidade?

R. Sim Ven.·.blo, trabalhei na construcção do Templo.

P. Onde recebestes o vosso salario?

R. Na columna J.·.

P. Que vistes quando chegastes a essa columna?

R. Um Vig.·.

P. Que vos perguntou elle?

R. A palavra de passe.

P. Destes-lha?

R. Sim, Ven.·.blo

P. Qual é?

R. Sch......

P. Como chegastes á columna J.....?

R. Pelo portico do Templo.

P. Vistes então alguma cousa notavel?

R. Sim, Ven.·.blo

P. Que vistes?

R. Duas bellas columnas de bronze.

P. Como se chamam?

R. B..... e J.....

P. Que altura tinham essas columnas?

R. Vinte cinco pés cubos, com um capitel de cinco pés cubos, que fazem quarenta pés de altura [*vede o 2° Chro.·. cap.·. 3°, v. 15; segundo a Biblia o cubo é um pé e seis polegadas inglezas.*]

P. Como terminavam, e como eram ornados os capiteis?

R. Com fios de liz, e de romãs.

P. Eram as columnas ocas?

R. Sim, Ven.·.blo

P. De que espessura era a capa exterior?

R. De quatro polegadas.

P. Onde foram fundidas?

R. Na planicie do Jordão, n'uma terra argilla, entre Succoth e Zarthan, onde os vasos sagrados de Solomon foram tambem fundidos.

P. Quem os fundio?

R. Hiram-Abif.

GUIA

DOS

MAÇONS ESCOCEZES.

Mestre.

GUIA
DOS MAÇONS ESCOCEZES.

Mestre.

ABERTURA DA L.·.

O 2° Vig.·. logo que lho ordenam vai examinar todos os II.·. da sua columna, principiando pelo ultimo, desde o grão de Ap.·. até ao de M.·. voltando ao seu lugar, diz:

2° Vig.·. — Ven.·.blo Ir.·. 1° Vig.·. todos os II.·. da minha columna são M.·.

Resp.·.mo — Porque. Ven.·.blo Ir.·. 2° Vig.·.?

2° Vig.·. — [*Como nos dous grãos precedentes.*] Para melhor observar o Sol no seu meridiano, chamar os obreiros do trabalho á recreação, e da recreação ao trabalho, a fim de que ao Resp.·.mo resulte honra e gloria.

Resp.·. — Onde se assenta o Ven.·.blo 1° Vig.·.?

2° Vig.·. — No Occidente Resp.·.mo

Depois de receber do 2° Diacono as palavras, sinal, e toque, bate e diz:

2° Vig.·. — Tudo está justo e perfeito, Resp.·.mo

Depois de lho ordenarem, diz:

2° Vig.·. — Ven.·. M.·. que ornaes a columna do Meio-dia, os trabalhos da Camara do meio estão abertos.

RECEPÇÃO.

2° Vig.·. [*Feito o reconhecimento*]. Ven.·.blo 1° Vig.·. o M. de Cer.·. apresenta a esta Resp.·. L.·. um Comp.·. que acabou o seu tempo, e que deseja ser iniciado no grão de M.·.

Deve estar armado de uma regoa de 24 polegadas: para della se servir quando for necessario.

Quando lhe trazem o Candidato agarra-lhe pelo colarinho.

2° Vig.·. (*Com voz forte e por tres vezes*).

Dai-me a palavra de M.·.

Quando se levanta o panno mortuario, o Ir.·. 2° Vig.·. pega no primeiro dedo da mão direita, e diz B......, dando um passo para traz, e ajuda depois a levantar o Candidato pegando-lhe pelo cotovelo e pelo hombro.

Depois de receber as palavras, sinaes e toque, diz.

2° Vig.·. tudo está justo Resp.·.mo

ENCERRAMENTO.

(O encerramento da L.·. faz-se como nos outros gráos).

INSTRUCÇÃO.

P. Onde fostes recebido?
R. No Occidente.
P. Onde ides?
R. Ao Oriente.
P. Porque deixaes o Occidente para ir ao Oriente?
R. Porque primeiro raiou no Oriente a luz do Evangelho.
P. Que ieis fazer no Oriente?
R. Procurar uma L.·. de M.·.
P. So's M.·.?
R. Os M.·. por tal me reconhecem.
P. Onde fostes recebido?
R. N'uma L.·. de M.·.
P. Como vos preparáram para serdes recebido M.·.?
R. Com os pés descalços, os braços e os peitos nús, privado de todos os metaes, e com uma esquadria presa ao braço direito fui conduzido á porta da L.·.
P. Como fostes admittido?
R. Por tres pancadas distinctas.
P. Que vos perguntaram?
R. Quem vem lá?
P. Que respondestes?
R. Um Maç.·. que acabou o tempo de Ap.·. e de Comp.·. e que deseja ser recebido M.·.

P. Como o alcançastes?
R. Por uma palavra de passe.
P. Dai-ma.
R. (Dá-a) T. . . . .
P. Que vos disseram depois?
R. Entrai, T. . . . .
P. Que fizeram de vós?
R. Obrigáram-me a fazer o giro da L.·.
P. Onde encontrastes o primeiro obstaculo?
R. Por detraz do 2° Vig.·.
P. Que vos perguntou elle?
R. O mesmo que me haviam perguntado á porta.
P. O que fez de vós?
R. Fez-me conduzir ao Occidente, ao Ven.·.blo 1° Vig.·.
P. E que vos fez este?
R. Fez que me conduzissem ao Resp.·.mo
P. E o que vos ordenou este?
R. Re-enviou-me ao Ven.·.blo 1° Vig.·., para que me instruisse.
P. E como vos instruiram?
R. Quando cheguei ao Occidente, ensinou-me a subir ao Oriente como M.·., fazendo o sinal de Ap.·., e a marchar sobre o angulo recto de um quadri-longo; a dar mais dous passos sobre o segundo grão do mesmo quadrado, com os pés em esquadria e fazendo o sinal de Comp.·.: finalmente o passo de M.·. sobre o mesmo quadri-longo. Chegado ao altar, fizeram-me pôr de joelhos, a mão direita sobre a Biblia, as pontas do compasso sobre os peitos, e nesta attitude prestei o juramento solemne.
P. Podeis repeti-lo?
R. Sim Resp.·.mo, se me ajudardes.

P. Levantai-vos, e principiai.

R. Eu N. . . . . de minha livre vontade etc.

P. Que vos ensinaram depois?

R. O sinal de M.·.

P. Dai-mo?

R. (Dá-o).

P. Que vos fizeram depois?

R. O Resp.·.^{mo} me pegou pela mão e me deu o toque.

P. Que toque era?

R. O de Comp.·.

P. Tem nome?

R. Sim, Resp.·.^{mo}

P. Dai-mo?

R. (Da-o da maneira que lho deram) B. . . .

P. Podeis ír mais longe?

R. Sim, prosegui e eu vos seguirei. Poz a unha do seu dedo polegar entre a primeira e a segunda phalange, que é o toque de passe, e eu lhe respondi por Sch. . . . .

P. Que vos fez depois?

R. Deu-me o toque de Comp.·. dizendo: que é isto. (A unha do dedo polegar sobre a segunda phalange.)

P. Que respondestes?

R. O toque de Comp.·.

P. Dai-mo?

R. J. . . . . .

P. Que vos disseram então?

R. Que eu ia representar um dos maiores homens do mundo Maç.·., o nosso Resp.·. M.·. Hiram-Abif, que foi assassinado quando o Templo tocava quasi a meta de sua perfeição.

P. O que se vos fez, depois da narração do costume?

R. Conduziram-me aos Ven.·.blos 1° e 2° Vig.·. e ao Resp.·., os quaes me fizeram as perguntas que Jubelas, Jubelos e Jubelum haviam feito a Hiram, e me espancaram da mesma maneira.

P. E que mais vos fizeram?

R. Depois de ter recebido sobre a cabeça a pancada de malhete, extenderam-me por terra.

P. Que vos disseram então?

R. Que representava Hiram-Abif, depois da sua morte.

P. E que mais vos disseram?

R. O Resp.·.mo proseguiu com a historia de Hiram-Abif.

P. Como levantaram os enviados de Solomon, o corpo de Hiram-Abif?

R. Pelos cinco pontos da Maç.·.

P. Quaes são esses pontos?

R. Principiou o Ven.·.blo 2° Vig.·. por pegar-lhe no dedo index, sobre o qual os Ap.·. dão o seu toque, mas por effeito da putrefacção a pelle se separou e lhe ficou na mão. Então o Ven.·.blo 1° Vig.·. lhe pegou no segundo dedo, no qual os Comp.·. dão o toque, e a pelle lhe ficou tambem na mão. O Resp.·.mo lhe pegou na mão, apoiando os quatro dedos sobre o pulso, o pé direito contra pé direito, joelho direito contra joelho direito, peito direito contra peito direito, e a mão esquerda nas costas. Nesta posição o levanta, dizendo M.·. H.·. B.·. palavra que significa: *Está quasi pôdre até aos ossos*, e que veio a ser a palavra sagrada de M.·.

P. Pois que fostes levantado pelos cinco pontos da Maç.·. explicai-mos?

R. A mão contra mão significa que sempre es-

tarei prompto para extender a mão em soccorro de meu Ir.·. 2° Pé contra pé, que sempre serei prompto a voar em defesa e amparo dos meus II.·. 3° Joelho contra joelho, que curvado perante o Ente Supremo nunca delles me esquecerei nos votos que lhe dirigir. 4° Peito contra peito, que os segredos que elles me tiverem confiado, ali serão guardados inviolavelmente. 5.° A mão esquerda nas costas, que quanto em mim couber, defenderei os meus II.·. de todos os perigos que os ameaçarem.

P. Para que vos privaram de todos os metaes?

R. Porque na construcção do templo nenhum ruido se ouvio causado pelos golpes de instrumento composto de metal.

P. Porque?

R. Para que não fosse manchado.

P. Como é possivel que um tão vasto edificio fosse construido sem o soccorro de algum instrumento metalico?

R. Porque os materiaes foram preparados nas florestas do Monte Libano, conduzidos sobre carros, e levantados e collocados com malhetes de madeira, feitos expressamente para esse fim.

P. Porque estaveis descalço?

R. Porque o lugar onde fui recebido era terra sagrada, na qual Deos disse a Moysés: *Descalça-te, porque isto aqui é terra sagrada.*

P. Quem sustenta a vossa L.·.?

R. Tres grandes pilares.

P. Como se chamam?

R. Sabedoria, Força, e Belleza.

P. Que representam?

R. Tres grandes M.·., Solomon, Rei d'Israel; Hiram, Rei de Tyro; e Hiram-Abif, que foi assassinado.

P. Eram os tres grandes M.·. empregados na construcção do Templo?

R. Sim, Resp.·.^{mo}, Solomon traçou o plano conforme a ordem de Deos, e forneceu o dinheiro e mantimentos para os operarios: Hiram forneceu os materiaes e os fez preparar nas florestas do Monte-Libano, e Hiram-Abif dirigio a execução desta grande obra.

FIM.

DO

REGULADOR DO SEGUNDO VIGILANTE.